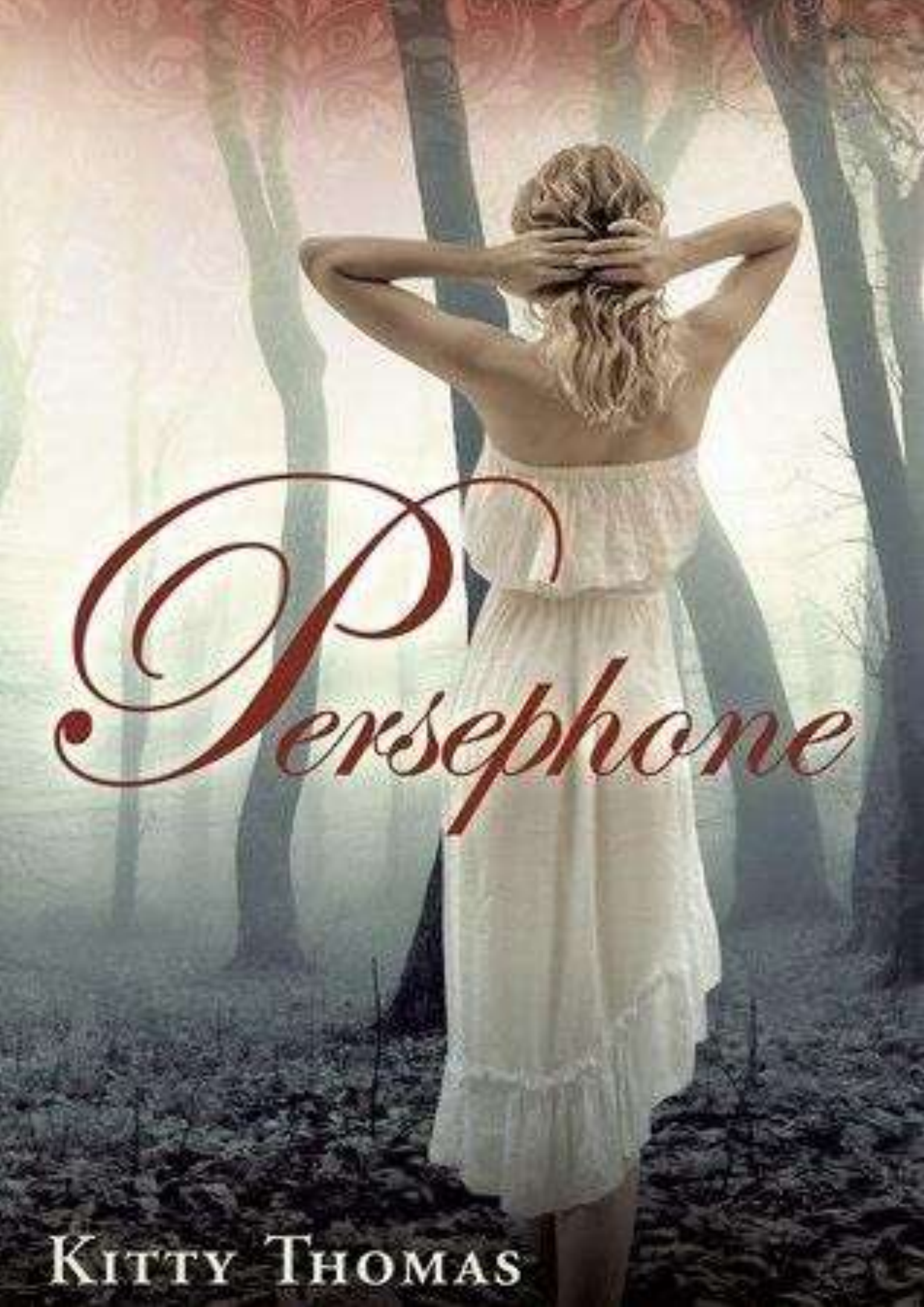

Persephone
Kitty Thomas

POISON BOOKS

DISPONIBILIZAÇÃO: MERLIN CAT

TRADUÇÃO: CAILLEACH

REVISÃO INICIAL: LAGERTHA E SYN LOKER

REVISÃO FINAL: LAGERTHA

LEITURA FINAL: AKASHA E HECATE

FORMATAÇÃO: CIRCE





Quando Persephone nasceu, Zeus recebeu uma profecia preocupante. Algum dia, sua bela filha inocente seria levada cativa por Hades, o deus das trevas do submundo. Determinado a protegê-la, seu pai a escondeu no mundo humano, onde ela seria protegida de seu destino.

Hades sabia dessa traição há nove séculos, mas sempre procurou por sua rainha destinada. E quando a encontrar, nenhum poder na terra ou abaixo dela será capaz de detê-lo.

Ele a levará. Ele a corromperá. E Zeus sofrerá por ousar mantê-la longe dele.

ESTE GRIMÓRIO CONTÉM

Elixir Sobrenatural

INDICADO PARA REVIGORAR CRIATURAS CONVALESCENTES.

Tomas 2 gotas, 3x ao dia





KITTY THOMAS

Persephone

Caros leitores,

Perséfone e Hades são os meus mitos favoritos, caso você tenha lido alguns dos meus livros provavelmente isso não é um grande choque. Eu li, provavelmente, todas as versões lá fora e agora esse aqui é a minha versão dele. Se você estiver familiarizado com a mitologia clássica, você vai perceber que tomei várias liberdades com vários aspectos da história, bem como alguns aspectos do submundo.

A maior diferença é a ausência de Demeter. Quase todas as versões do mito, de alguma forma, acabam fazendo o que deveria ser a história de Perséfone ser sobre "como sua mãe sofreu". Demeter ofusca tão fortemente tudo, que eu a removi inteiramente de modo que Perséfone pode ter sua versão.

Espero que gostem da minha releitura do mito. Obrigada por ler e apoiar o meu trabalho!

Kitty



KITTY THOMAS
Persephone

Capítulo Um

—Eu não sei como você faz isso. É quase mágico. —Lynette disse, enquanto olhava com admiração.

—Faço o quê?

—Isso. — Ela apontou para todas as flores em torno da loja como se isso fosse óbvio para qualquer pessoa racional. — A maneira como você cuida das coisas quebradas e quase mortas e traz de volta à vida. Eu nunca vi nada como isso.



— Oh! — diz Perséfone. —Eu não sei. Você apenas tem que ouvi-las. Elas lhe dizem o que precisam, mas elas falam muito baixinho. É difícil ouvi-las na cidade. —The Perfect Posie era uma loja de flores pitoresca situada entre uma autêntica loja de salsicha italiana e uma loja de velhos discos de vinil. Não era exatamente o lugar mais silencioso ou o melhor para a vida das plantas florescerem na opinião de Perséfone, mas ela trabalhava com o que ela tinha.

Lynette balançou a cabeça, seus longos cachos escuros caindo atrás de suas costas, escondendo uma tatuagem de corvo negro em seu ombro.

— Bem. Não me diga. Eu estou indo almoçar, você quer alguma coisa?

—Não. Eu tomei um grande café da manhã. — Era uma mentira, mas se eu admitisse que não comi nada, tomei apenas café, Lynette iria começar a bancar a mãe dela.

—Se você não comer alguma coisa, você vai sumir.

—Eu vou comer alguma coisa mais tarde. Eu estou bem.

Lynette saiu da loja para as ruas movimentadas de Nova York, deixando Perséfone com seus arranjos florais. Sua chefe estava certa, as lilases estavam murchas e quase mortas quando elas chegaram naquela manhã. Lynette estava prestes a fazer uma ligação telefonica brigando com o fornecedor e exigindo outras quando Perséfone as tinha levado a uma sala e só... O que exatamente ela tinha feito com elas? Ela não tinha certeza. Ela as adubou, regou e expôs a luz solar e falou um pouco com elas. Fez o que devia ser feito. Ela só fez isso, e elas voltaram. Não foi mágica. Foi bom senso, paciência e amor. Você tinha que amá-las, ou a centelha da vida não voltaria. Mas cada vez que ela fazia isso, Lynette agia como se fosse algo próximo de um maldito milagre.

Ela suspirou e deixou as lilases se recuperarem, era o que precisavam depois de sua árdua viagem até a loja e saiu para tomar ar.



Foi prometido, por todos, a Perséfone um dia perfeito hoje. O homem do tempo, seu vizinho quiroprático, mesmo as abelhas pareciam estar de acordo, mas em vez disso, quando ela saiu para o trabalho estava um dia nublado e feio com nuvens pesadas que pareciam engolir a cidade até que ela quase parecesse menor de alguma forma.

Agora, o céu estava um azul claro e perfeito com apenas algumas nuvens insignificantes que não tinham sido capazes de se dissipar ainda. Cada vez que ela olhava para fora da janela, via um pouco mais de esperança na previsão. Mas ela nunca viu o movimento das nuvens. Parecia que elas estavam derretendo discretamente e desaparecendo no céu. Seria um ínfimo dia para ter um mau presságio. E ainda assim, os cabelos de sua nuca se arrepiaram e a deixaram no limite como se tivesse sido atingida por um raio de eletricidade estática. No outro lado da rua, ela viu um sedan preto desconhecido.

É provavelmente um cliente da livraria ou alguém que trabalha na área.

Mas ela não conseguia afastar a esmagadora paranóia que o sedan estava ali por ela. Parecia que a morte veio para

reinvindicá-la. Um longo arrepio lentamente subiu por sua espinha. "*Apenas uma brisa."* Mas ela não estava convencida.

Ela voltou para a loja de flores e para a sala sentando-se ao lado do vaso de liláses agora florescendo alegremente em um fragmento de luz solar. Ela sentiu como se estivesse se encolhendo. Se escondendo. Mas de quê? Isso era tão ridículo.

O sino sobre a porta da loja de flores tocou.

—Olá?

Era uma voz masculina profunda e rouca. Era uma melodia, uma canção. Era o tipo de voz que iria levá-la a um penhasco se a seguisse. E, no entanto Perséfone se levantou do banquinho que ela estava empoleirada e saiu para a sala principal.

— Como posso ajudá-lo?

O estranho virou. Ele usava um terno preto com uma camisa de linho preto por baixo. Era claramente feito sob medida. Encaixava-se perfeitamente. Ele tinha a pele bronzeada, olhos negros como carvão, e o cabelo da mesma cor. Ele tinha as mãos que... Poderiam esmagá-la.

Perséfone empurrou o pensamento para longe.



Cada polegada dele era perfeita, mas aquele sorriso. Ele prometia coisas más.

Mesmo que Perséfone nunca tivesse visto a porta do carro do outro lado da rua abrir, ela de alguma forma sabia que esse homem tinha saído daquele sedan preto. Era ele quem fazia seu cabelo arrepiar. Ele era aquele que a fazia se esconder em um quarto dos fundos com um vaso de flores como se isso pudesse protegê-la.

— Perséfone. — O nome dela saiu de sua boca como uma oração. —Você não tem idéia de quanto tempo eu estive procurando por você.

— Como você sabe meu nome? — De alguma forma, ela tinha conseguido formular uma frase inteira sem gaguejar. Dadas às circunstâncias, ela se agarrou ao balcão, os nós dos dedos ficando brancos, mostrando todo o seu pânico. Mas sua

voz permaneceu uma máscara de calma. Por alguma razão, ela sabia que a última coisa que ela poderia mostrar a este homem era seu medo. Ele iria gostar muito.

—Eu sei o seu nome há séculos. E verdade seja dita, o resto do mundo deveria saber também, minha pequena deusa da primavera.

Ok. Este homem era um louco. Ele falava em enigmas. Obviamente, ele não sabia o nome dela por séculos, e o que era esse absurdo de deusa da primavera? Será que essa linha funcionava realmente com outras mulheres? Para saber o nome dela, ele tinha que ser um perseguidor. Observando-a.

Perséfone fez seu caminho para o balcão do caixa, onde havia um grande, reconfortante e redondo botão do pânico situado sob o balcão. Na cidade, você nunca sabia quem entraria na loja ou o que eles poderiam querer. Não era inédito algum drogado com a cabeça cheia de metanfetamina estourar pela porta e exigir o dinheiro dos caixas de pequenas lojas como esta.

Seu dedo ficou mais perto do botão.

— Eu não faria isso — disse o estranho. — Não me decepcione agora.

— Acho que você precisa sair.

—Sim, nós dois precisamos. — Ele estendeu a mão para ela. —Vamos logo.



Perséfone deu vários passos para trás.

—Eu não vou a lugar nenhum com você. Eu não conheço você! — Ela tentou tranquilizar-se de que estava segura. A cidade estava em plena atividade. Abundância de testemunhas por toda parte. Era um dia ensolarado lá fora. Os pássaros cantavam. E ele não tinha puxado uma arma ou qualquer coisa.

Ele sorriu. Não ajudou.

—Eu sinto muito. Você é tudo o que eu pensei que você seria. Esqueci minhas maneiras no meio da minha agradável surpresa. Eu sou Hades.

— Isso é um nome? — Não significava algo como inferno? Quem nomearia seu filho assim? Havia algo mais formigando sua consciência. Ela tinha ouvido esse nome em um contexto

maior, mas não conseguia lembrar agora hiperventilando como estava.

— Oh, você deve ter lido sobre mim. Eu sou famoso. É uma pequena história da Grécia. Hades, Deus do submundo? Eu sei que eles ainda devem estar ensinando sobre mim na escola, mesmo que passem por cima de todas as partes divertidas. — Foi aí que ela tinha ouvido o nome. Anos atrás na escola. E não, eles não tinham passado sobre as partes divertidas. Pelo menos ela poderia ser grata que esse cara era louco não era realmente Hades. Quando ela estudou mitologia achava que determinado deus tinha uma reputação bastante escura, bem como uma obsessão singular com a rainha que ele nunca encontrou.

Esse cara era quente, sem dúvida, mas chamando a si mesmo de deus... Bem, era um pouco de exagero. E ainda, de alguma forma, ela não achou que ele estava apenas sendo vaidoso. Ele realmente acreditava nessa loucura.

Ele suspirou.

—Seu pai está escondendo você de mim por milhares de anos.

—Meu pai?

—Zeus.

Uma risada histérica veio à tona. Seu pai era um fazendeiro em Idaho, definitivamente não era Zeus. Ela não tinha visto seu pai a um par de anos. Não desde que sua mãe morreu.



Hades se moveu então, tão rápido que ela mal conseguiu recuperar o fôlego. De repente, ele estava de pé ao lado dela, a mão em um aperto de morte no seu braço, arrastando-à pela loja de flores. Ela esperou que enquanto ele estava compartilhando todos os detalhes de suas fantasias delirantes que um cliente entrasse, talvez um policial. Inferno, ela aceitaria um capanga da máfia, qualquer um que fizesse esse cara ir embora. Mas ninguém tinha aparecido.

Na rua, de repente, tudo estava quieto. Nada. Ninguém. Folhas de primavera verde-limão vibravam com a brisa nas árvores que alinhavam a rua, e as nuvens começaram a se reunir novamente, escurecendo o céu quando ele a puxou para o outro lado da estrada para o carro à espera.

Não havia tráfego. Como poderia não haver tráfego? Sem pedestres. Era como se a cidade de Nova York, ou pelo menos esta rua, tivesse se tornado uma cidade fantasma.

Perséfone soltou um grito de gelar o sangue. Mas a única resposta foi um bando de pássaros voando para longe. E agora ela estava completamente sozinha. Com ele.

Ela lutou e tentou se contorcer fora do seu alcance, mas seu aperto era inflexível, seus esforços risíveis.

Isso não era real. Isso não podia estar acontecendo. Não era desse jeito que o mundo funcionava.

Perséfone se obrigou a acordar. Mas a realidade na frente dela permaneceu teimosamente. Sólida e inflexível.

Hades apertou um botão em um controle remoto na chave, e as portas do sedan desbloquearam. Ele ignorou seus esforços continuos e caminhou calmamente para o lado do passageiro.



— Entre.

— N-não.

— Perséfone, não teste ainda mais a minha paciência. Entre no carro.

—Não! Se você vai me matar, você pode me matar aqui mesmo.

No meio de uma rua da cidade, onde de alguma forma todas as pessoas tinham desaparecido e o céu azul perfeito tinha virado escuro e cinza em poucos minutos.

Ele olhou para ela como se achasse ela divertida.

— Você acha que eu ia procurar você todo esse tempo e depois matá-la? Esse é o tipo de coisa que um humano faria. Você precisa começar a pensar mais como a imortal que você é. — Ela sempre soube que havia um monte de loucos vivendo nessa cidade, mas esse cara... Bem, ela realmente nunca pensou que um louco poderia vir em tal pacote, envolto em um terno fino, com boa aparência e um carro brilhante.

Mas ali estava ele.

Depois de outro momento, ele abriu a porta e a empurrou para dentro. Antes que ela pudesse tentar escapar, ele estava de alguma forma já no lado do motorista. A trava clicada ameaçadoramente no lugar.

—Eu tenho bloqueios para criança. — disse ele, para salvá-la da energia de tentar abrir sua própria porta.

Oh Deus. Oh Deus. Oh Deus.

—Sim?— Disse ele, divertido.

Oh. Ela deve ter dito isso em voz alta. Ela achou que estava só pensando nisso.

O terror tornou-se tão insuportável que ela não tinha certeza de que os pensamentos ainda estavam seguros em sua cabeça e quais tinham escapado de sua boca para o espaço entre ela e seu captor insano.

Lágrimas deslizaram por suas bochechas.

—Por favor. Vo-você precisa de ajuda. Você não sabe o que está fazendo. Há algum medicamento que você deve tomar? Você tem um médico que podemos chamar?— Hades balançou a cabeça.

— Minha pobre deusa da primavera. Em breve você vai acreditar em mim.



— Você ainda pode me deixar ir.

—Nunca. — Essa única palavra era absoluta. Final.

Perséfone tentou respirar normalmente. Tentou pensar. Mas ela não podia. Tudo o que podia fazer era chorar. Não havia argumento com uma pessoa louca. Se ele não fosse tão mentalmente desequilibrado, então... Talvez.

Quando Hades ligou o carro e saiu para a estrada, ela percebeu que havia algo frio e inoperante, quebrado dentro dele. A temperatura do carro parecia ter caído apenas com sua presença ali. Se apenas a crença de Lynette que ela tinha magia fosse verdadeira. Se ao menos ela tivesse algum poder de despertar e trazer coisas mortas à vida. Mas, é claro, que era

tanto fantasia quanto a história que o homem ao seu lado tinha inventado.

Ela não sabia o que estava quebrado dentro do cérebro deste homem, mas com certeza não era nada bom alimentar suas próprias fantasias. Ela pensou que pelo menos um deles deveria permanecer com a mente sã.

No final da estrada, Hades virou para outra rua. Nessa tinha pessoas circulando. E de repente, a sensação de irrealidade de antes desapareceu. Chuva torrencial tinha começado a cair. Pessoas esconderam-se debaixo de guarda-chuvas amarelos e verde, preto e rosa, correndo pelas calçadas com suas cabeças abaixadas.

Apesar da chuva, o tráfego estava fluindo se abrindo para eles como se fosse o Mar Vermelho, entregando Perséfone a qualquer destino escuro que a esperava.

Um trovão soou distante. Os limpadores de para-brisas mexiam suavemente para trás e para frente. Finalmente, Hades quebrou o silêncio.



—Eu gostaria de poder consolá-la e dizer que eu não vou te machucar e que você estará segura comigo. Mas eu não quero fazer promessas que não posso cumprir. — Outro soluço estrangulado escapou do seu controle. Suas mãos começaram a tremer no colo. Mas por outro lado, ela ficou em silêncio. Tinha que pensar. Haveria um momento. Ela teria que esperar por esse momento para que ela pudesse fugir.

Então, como se Hades não tivesse admitido que pretendesse feri-la, ele disse:

— Esse cabelo. É como a luz do sol. Tão pálido, loiro e reluzente. E sua pele... É tão lisa com esse lindo rubor em suas bochechas e olhos azuis cristalinos, puros como um lago. — Quanto tempo ele iria continuar com esse ato poético? Ele deixou uma mão no volante enquanto a outra cercava meu pulso. —E estes minúsculos ossos frágeis. Como pássaros. Você é tudo que eu imaginei que uma deusa da primavera seria, como um maduro broto jovem, o momento antes da plena floração. É difícil acreditar que você é indestrutível. — Apesar de sua frieza, a pele de Perséfone sentiu-se queimando sob o seu toque.

Ela respirou longa e profundamente.

— Por favor, você tem que acreditar em mim. Eu não sou quem você pensa que eu sou. Tudo o que você acredita sobre si mesmo, você não pode trazer-me para isso. Eu não sou indestrutível. Eu sou humana. Eu sou frágil. Vou quebrar. Eu vou morrer. — Hades largou seu pulso e balançou a cabeça, um olhar de desgosto em seu rosto.

— Seu pai de merda. Você pode muito bem quebrar sob minhas mãos. Mas não vai morrer.

— Onde você está me levando?

— Para o Submundo. Onde mais?— Ok, onde ele realmente iria levá-la? Algum porão úmido em algum lugar? Um composto de concreto misterioso? Uma cabana na floresta? Onde é que um cara como este a levaria? Era um carro muito bom. E um muito bom, terno alinhado. Esse cara, louco ou não, tinha algum dinheiro. O que a assustava. Já era ruim o suficiente ser sequestrada por um homem louco. Era muito pior que ele tivesse recursos.

Ele parou na frente do Empire State Building. Havia um espaço vazio ali mesmo em frente ao edificio para ele estacionar. O quê? Perséfone chocou-se novamente. Por que ele parou aqui, e porque na terra apenas surgiu uma vaga para o seu carro, como que por magia? Não. Ela não ia ser sugada para seu delírio.



—Esta é a nossa parada, luz do sol. Nós vamos a pé a partir daqui para o portal.

— Mas e o seu carro?

—Não é o meu carro. — Hades saiu do carro e deu a volta para o lado dela, ajudando-a sair do carro que não era seu. Novamente, ninguém estava na rua. A chuva ainda estava descendo forte. Talvez eles estivessem todos dentro, abrigando-se no edificio.

Ele agarrou seu pulso novamente e levou-a para dentro do prédio. Para seu deleite absoluto e total, havia pessoas dentro. Multidões e multidões. E seguranças. Ela ia conseguir escapar desse cara. Tudo ia ficar bem.

— Ajude-me! Este homem me sequestrou. Ele é louco! — Mas ninguém se moveu para ajudá-la. Ninguém sequer se virou quando ela gritou.

—Eu pensei que você poderia tentar isso. Você pode gritar o quanto quiser. Eles não podem ouvi-la. Eles não podem vê-la. — disse Hades. Ele nem sequer se abalou.

—Co-como? Como isso está acontecendo?— Só mais alguns minutos. Eu vou acordar.

—Eu disse que sou um deus. Minha vontade é sempre obedecida. Algo que você vai aprender muito em breve. —Apesar da ineficácia, Perséfone continuou a gritar por ajuda. Ainda assim, ninguém notou. Ninguém notou que um homem bonito, lunático moreno estava arrastando-a através do edifício, enquanto ela lutava e gritava.

—Eu odiaria se você ficasse cansada muito rápido. — disse Hades. — Você vai precisar de toda a sua energia para onde estamos indo. — Ele arrastou-a por um corredor e para um elevador de serviço. Um funcionário seguiu atrás deles e apertou o botão para o topo. Andar 102.

— Nós estamos indo para 103. — Hades disse, em tom de conversa.

—O que? Não existe o andar 103.



—Oh sim, existe. É um andar secreto para celebridades e deuses. —Perséfone ignorou sua loucura e virou-se para o empregado. —Ei! Ajude-me! Você não pode me ver? Você tem que me ajudar a escapar deste homem. — Ela estava gritando no topo de seus pulmões, mesmo assim o funcionário parecia surdo ou a ignorá-la enquanto observava os botões acenderem-se no caminho para o topo.

Ela se moveu e deu um soco no ombro do cara. Ele pulou, esfregou o ombro e olhou em volta, assustado. Hades agarrou-a pela cintura e puxou-a de volta para o canto.

— Agora, agora. Isso não é legal. Eu só o blindei para som e visão. — Ele estava muito desconfortavelmente perto. Perséfone sentiu-se envolvida por ele. E, pela primeira vez, ela sentiu que era algo que não parecia loucura. Ele era algo sombrio, poderoso e determinado. Ela sentiu um bloco de

músculos pressionado contra suas costas enquanto ele a segurava perto de seu peito.

Os olhos do empregado corriam em volta do elevador, incapaz de ver que um homem grande, aterrorizante estava segurando alguém cativo a um metro dele. Voltou-se para o painel e apertou um botão para um piso inferior. O elevador parou um momento depois, e o cara não poderia sair fora rápido o suficiente.

Quando as portas se fecharam de novo, e o elevador recomeçou sua ascensão, Hades soltou Perséfone. Ela se afastou para o canto mais distante dele e fechou os olhos, tentando bloquear tudo. Poderia este homem realmente ter alguns poderes mágicos legítimos? Ela sentiu-se louca ao pensar isso. Não. É um sonho. Quando ela acordar, ela vai passar o dia inteiro rindo sobre isso. Lynette adoraria essa história.

E ainda assim... Até que ela acordasse, tudo isso pareceria muito real.

O elevador parou no terraço panorâmico. Hades arrastou-a para fora, levou-a para a direita e empurrou-a por outra porta tão rápido que ela não teve tempo de gritar para o grupo de turistas por ajuda. Agora eles estavam no andar secreto do edifício - um que ninguém nunca viu. Ela não viu outro terraço. Em vez disso, ele a puxou através de um labirinto de tubos e caixas de eletricidade.



—Suba! — ordenou apontando para um objeto de aço terrivelmente estreito que estava entre duas escadas.

Ela balançou a cabeça freneticamente.

—E-eu não posso. Por favor, eu não posso. — Era muito alto. Quando ele primeiro a arrastou para o elevador, ela pensou que eles estavam indo para o mirante superior, que embora assustador, era cercado por uma grade de segurança. E se não houvesse grade para onde ele a estava levando?

— Vá! Estou bem atrás de você. — Como se isso fosse um conforto real. Ela fez tudo o que podia fazer, dadas às circunstâncias. Ela subiu.

No topo, seus piores medos foram confirmados. Era uma sacada pequena com uma grade de apenas alguns metros de

altura em torno dela. Ela poderia facilmente tropeçar nela para sua morte. Ou ser empurrada.

—Por favor, me leve de volta para baixo. Por favor. Eu não sou ela. Eu juro que eu não sou. — Se possível, o céu tinha ficado ainda mais escuro, quase preto, como se tivesse se tornado noite. A única luz vinha a cada poucos segundos em forma de um raio seguida de um trovão.

—Nós temos que pular. — disse ele.

—Pular? — Ela não podia afastar-se dele. Não havia para onde ir, exceto por essa pequena sacada.

Perséfone já tinha voltado à negação sobre as coisas que ela tinha visto. A rua silenciosa. As multidões que não podiam ver ou ouvi-la. Ela não poderia acreditar nisso. Só não era possível. Agora, ela estava de volta ao: O homem louco quer saltar do Empire State Building e arrastá-la junto.

Quando voltou a falar, sua voz tremia tanto que ela não podia acreditar que ela poderia dizer as palavras.

—P-por favor, você tem que me ouvir. Nós podemos te ajudar. Eu sei que isso parece real para você, mas vamos morrer se pularmos. E eu sei que você não quer isso. — Ele riu.



— Eu não posso acreditar que você ainda acha que eu sou louco. O glamour em torno de nós não foi uma pista grande o suficiente para você? Esse tal de Kool Aid[1] que você bebeu deve ser uma coisa muito poderosa. Mas não é poderoso o suficiente. — Ele agarrou a mão dela e levou-a para a borda. Seu coração batia em seu peito, cabeça e garganta enquanto ela estava parada ao lado dele, olhando das alturas vertiginosas para a rua muito abaixo deles.

— Tem medo de altura?

—S-sim. — ela engasgou. Ela tentou sair de seu aperto para ficar longe da borda. Nenhuma quantidade de conversa interna para dispertá-la parecia estar ultrapassando o medo agora.

---

[1] Refresco

—Ouvi dizer que a exposição é o melhor remédio. — E então ele saltou, puxando-a com ele pela lateral de um dos edifícios mais altos da cidade.

Quando ela caiu, tudo ficou em camera lenta enquanto sua vida passou diante de seus olhos. E então, a poucos momentos do impacto, ela teve a realização doente que a morte iria levá-la para o submundo, se tal lugar existisse.

Mas ela nunca atingiu o concreto. Em vez disso, sua mão escorregou para fora da dele, e, em seguida, ela mergulhou em um frio mar negro dentro de algum tipo de caverna. Perséfone não teve tempo para contemplar a impossibilidade desse resultado porque a água estava tentando puxá-la e afogá-la. Parecia com raiva de ser perturbado por seu infortúnio de cair nela.

Uma mão se abaixou e puxou-a para fora, encharcada e tremendo.

—Eu disse ao idiota para aprontar o barco para quando nós viéssemos através do portal.



Mas havia um barco, um pequeno, escuro, barco de madeira. Hades puxou Perséfone para ele. Ela se agarrou a ele por um momento como um rato afogado tentando se orientar. Então, quando ela percebeu em quais braços ela tinha procurado segurança, ela se afastou rapidamente e mudou-se para a ponta do barco. Hades não comentou ou tentou impedi-la de recuar. Por que ele não fez? Não era como se ela pudesse ir muito longe.

A água tinha acalmado agora, as únicas ondulações eram dos remos enquanto ele remava através do mar negro misterioso. Nenhum deles falou enquanto Hades remava. Perséfone notou que ela devia estar em estado de choque. Ela sentia-se com frio e irreal. Mas ela não podia negar o que estava bem na frente de seus olhos. Não mais.

—E-estou morta? — Ele riu.

— Não. Embora essa seja a forma normal nisso. Há poucos seres vivos aqui, mas você não está morta. —Então, se ela não estava morta, e isso não era um sonho... Apesar da improbabilidade crescendo, Perséfone continuou com a esperança de que ela iria acordar em sua cama, talvez atrasada para o trabalho, mas segura na luz do sol. Talvez a previsão de

um dia perfeito que tinha sido prometido a ela aconteceria a partir do primeiro gorjeio de pássaros na manhã até que o sol se pusesse. Ela e Lynette iriam rir sobre isso na floricultura.

Mas mesmo quando ela tentou se agarrar a esses últimos pedaços frágeis de esperança, uma parte mais profunda, mais escura dela sabia que Hades era real. Este lugar era real. Ela não tinha certeza se ele era um deus ou um demônio, mas ele era definitivamente sobrenatural. E ela estava começando a acreditar nele quando disse que era imortal. Mas ainda não significava que ele não era louco. Se ele vivia aqui... Bem, não estava exatamente na lista de sanidade. Alguém poderia facilmente enlouquecer aqui. Talvez Hades tivesse enlouquecido também. De qualquer maneira, ela era apenas uma pessoa normal, e ela tinha que fazê-lo entender isso.

—Ummm, Hades?— Ele olhou para cima do remo.

—Sim?

—Eu... Eu acredito que você é quem você diz ser...

Ele riu.

—Bem, muito nobre de sua parte me jogar esse pequeno osso.



—Eu... Eu quero dizer... A menos que eu esteja sonhando. Mas eu não sou ela. Quem quer que você esteja procurando, não sou eu. Eu sou apenas um ser humano. — Um brilho vermelho de fogo surgiu em seus olhos, e ela pensou que o ouviu rosnar. Um momento depois, ele parecia ter se acalmado, e seus olhos voltaram para o preto carvão de antes.

—Tudo será explicado.

E foi isso. Ele não falou uma palavra com ela durante sua viagem através da água. Depois de muito tempo, chegaram a uma doca. Hades saiu e a ajudou a sair. Ele a levou a uma porta grande e preta, que parecia enormes galhos de árvores retorcidos e transformados em metal.

Desta vez, ele não pegou seu braço com tanta força. Não havia necessidade. Para onde ela iria? Ela não tinha ideia de como sair deste lugar. E a água daqui a queria morta. Talvez soubesse que não deveria estar aqui no escuro. Não era natural.

Do lado de dentro do portão, havia um monstro gigante com três cabeças.

Perséfone recuou.

—É apenas Cerberus, o meu cão.

—Tem certeza que é um cão? É enorme. E ele tem três cabeças. — disse ela, como se esses fatos tivessem escapado à atenção de Hades quando ele pegou o filhote na loja de animais do mal.

Mas, então, a coisa gigante começou a latir através de duas de suas cabeças. A outra cabeça estava ocupada ofegante e feliz. A cauda batia forte e rapido no piso com emoção, enviando tremores como um pequeno terremoto.

—Acalme-se, menino. — Hades disse e o cão se abaixou para ser acariciado, cada uma das três cabeças lutando pela atenção de seu dono.

—Será que ele vai morder?— Perguntou Perséfone, ainda mantendo uma distância de segurança mínima do animal gigante.



Hades olhou para ela.

—Cerberus? Esta coisa boba? Claro que não. —Mas então sua expressão se tornou escura. —A menos que você tente escapar do submundo. Então, ele pode comer o seu rosto. —Perséfone não podia ter certeza se ele estava brincando ou não, mas com sua expressão séria, ela não pensou sobre isso. E ela não queria testá-lo para descobrir. Ela se aproximou. Quando ela chegou a uma curta distância, uma língua gigante saiu de uma cabeça gigante e lambeu o lado de seu rosto.

—Cerberus, pare com isso!— Disse Hades.

O cão monstruoso parou babando em cima dela, e Hades estendeu a mão. Desta vez, ela tomou. Ele a levou passando pelo enorme cão de guarda e por um longo túnel iluminado pela luz das tochas.

Ela não estava preparada para o que estava do outro lado do túnel. Parecia um reino sombrio e deslumbrante. Eles estavam dentro do que parecia ser uma caverna gigante. Mas ela viu um enorme céu negro com milhares de estrelas brilhantes e uma grande lua cheia.

—Não é a lua real, ou céu, ou estrelas. É apenas um encanto. Mais mágica.

—É sempre assim?

—Se você está perguntando se há um sol mágico também, não. Existem regras no submundo que mesmo eu devo seguir. É sempre noite aqui. —Ele disse isso com alguma tristeza, e algo dentro dela contraíu por um momento.

Há uma pequena distância havia um castelo. Ele era feito de uma brilhante pedra preta que quase parecia brilhar na luz do luar.

Hades a levou por centenas de passos, mais para dentro da caverna, onde um nevoeiro pesado e aterrorizante parecia que poderia sufocá-los. Mas Hades não se perturbou com a névoa. Eles caminharam uma pequena distância até chegarem à beira de uma floresta de árvores mortas que formavam um emaranhado de galhos retorcidos. Amarrados a uma das árvores estavam dois grandes cavalos negros.

— Pelo menos eles conseguiram seguir uma instrução adequadamente. — Hades disse enquanto soltava os cavalos. — É mais rápido a cavalo.



Perséfone sentia como se a cada passo que ela dava e a cada segundo que passava estava sendo mais profundamente enredada em um mundo escuro do qual ela nunca iria escapar, mas Hades esperou pacientemente que ela se aproximasse do cavalo que ele tinha atribuído a ela. Ele a ajudou a subir na sela, em seu próprio cavalo, e então eles estavam andando.

Ela se inclinou perto da crina do cavalo, protegendo-se dos ramos que balançavam e se prendiam a ela. Hades estava logo à frente com seu cavalo, movendo-se muito mais rápido do que o dela. No entanto, o dela, obviamente, tinha as coordenadas e sabia para onde ir, e não havia como desviá-lo de seu caminho.

Eles chegaram ao fim da floresta morta e estavam em um vasto prado onde nada crescia, somente um mar de grama marrom alta morta que balançava na brisa, ela sabia que não poderia ser uma brisa de verdade. No prado, o nevoeiro se dissipou para revelar o castelo brilhando a luz da lua.

Quando ela chegou ao castelo, Hades já estava descendo de seu cavalo e entregando-o a alguém. Ou alguma coisa. Perséfone não tinha certeza se o cavalariço era humano ou algum tipo de demônio. Morto ou vivo.

Hades ajudou-a a descer de seu cavalo e passou aquelas rédeas para o cavalariço também, em seguida, ele a levou até um conjunto de escadas de mármore preto e para o castelo.

Guardas aguardavam ao longo do hall de entrada, olhando para frente. Eles usavam armaduras pesadas, e novamente, Perséfone não podia ter certeza se eles eram humanos ou demônios. Mortos ou vivos. Ela encontrou-se agarrando a mão de Hades mais apertado porque a única coisa que estava se tornando cada vez mais claro para ela era que não poderia haver nenhuma maneira de sair deste lugar, nenhuma fuga de seu captor.

E, se possível, Hades de alguma forma parecia à coisa menos assustadora até agora e a única pessoa interessada o suficiente para protegê-la.

Um tapete de prata reluzente brilhava sob o luar e se estendia por toda a extensão do corredor, iluminando o caminho. Hades levou-a até o fim, então ele virou à esquerda e levou-a para baixo por um conjunto de degraus de pedra cinza que formavam um espiral descendente que parecia infinito.



Lá em baixo estava uma grande sala envolta totalmente em pedra. Tochas alinhavam-se as paredes. O quarto parecia quase vazio, exceto por uma grande gaiola no centro.

Perséfone sacudiu o nevoeiro que a estava desorientando. Quando ela realmente percebeu o que estava acontecendo, a realidade parecia encaixar e fazer um som de metal rangendo. Não, isso era a porta da gaiola sendo aberta. Hades jogou-a para dentro batendo a porta e trancando-a.

Então ele se virou sem uma palavra e voltou a subir as escadas.

—Hades! Não me deixe aqui, por favor!— Ela não conseguia pensar no que ela poderia ter feito para que isso acontecesse. A intenção dele era raptá-la e trancá-la em uma gaiola para sempre? Por quê?

Ela se sentou no chão e puxou as pernas até o peito. Seus jeans e camiseta ainda estavam úmidos da água onde tinha

caído. E agora essa fria e úmida masmorra. Ela iria congelar até a morte. Ela ia morrer aqui. Ela nunca veria o sol novamente.

Perséfone começou a chorar.

— Coma. — ele ordenou.

Ela olhou para cima e secou as lágrimas de seu rosto parta ve-lo segurando uma fruta vermelho escura por entre as grades. Ele abriu a porta. Parecia suculento, delicioso e convidativo. Como ele poderia conseguir frutas aqui onde nada crescia?

— O que é isso?

— Uma garantia. — Disse ele. —Uma romã. Se algum dia quiser sair desta jaula, coma.

— Por favor, diga-me por que estou aqui. Eu não entendo nada disso. Por favor. — Seus olhos brilharam novamente.

— Coma primeiro.

Ele estava tantando drogá-la? Por que ele era tão insistente? Havia algo errado sobre isso. Ela sabia que devia haver, mas ela estava ficando com fome, e ela estava tão cansada e gelada. Se isso a tiraria da jaula...



— Coma! — Ele rosnou.

Perséfone pegou a romã de sua mão e arrancou uma das sementes. Ela fechou os olhos e comeu. Ela esperava morrer. Mas nada trágico aconteceu. Então ela comeu várias outras.

Ela abriu os olhos para encontrar Hades sorrindo para ela, aquele sorriso lindo e maligno que não poderia significar nada de bom.

— Agora você é minha, amarrada aqui para sempre. Não importa o que seu pai faça agora. Você é minha.

Ela sentiu a cilada sobre ela quando a romã caiu de sua mão. O som da fruta atingindo o chão foi ensurdecedor quando sementes e suco se espalharam manchando a pedra como sangue.

— O-o que você quer dizer?

— Minha doce e inocente deusa. Há uma parte de mim muito feliz que você foi enganada e levada acreditar que você é humana. Você não poderia saber que comer sementes de romã no submundo ligaria você a mim e a este lugar para sempre. Bem, agora você sabe.

— Hades... Por favor. Estou com frio. Não me deixe na gaiola. —Ela não podia lidar agora com a perspectiva de para sempre. Ela só poderia lidar com as circunstâncias imediatas de estar trancada em uma jaula.

— Eu tenho coisas para falar em primeiro lugar. E você vai ouvir.

Ela não discutiu, muito amedrontada. Perséfone voltou a acreditar que ele era louco. Ele deveria ser. E ela tinha estado neste lugar por muito tempo agora para realmente acreditar que ela ainda estava sonhando. De alguma forma... Isso era real.

Ele andou ao redor no exterior da gaiola, parecendo bastante agitado enquanto ele contava a ela uma história que ele deve ter guardado por um tempo muito longo.

— Havia uma profecia. Você estava destinada a ser minha. Mas seu pai egoísta descobriu sobre isso a partir de uma vidente quando você nasceu. E ele não podia permitir que sua doce, bela filha vivesse aqui no escuro comigo.



— Zeus tem o mundo superior. Poseidon tem o mar. O que eu tenho? Escuridão e morte. Seu pai não poderia me deixar ter uma coisa brilhante, quente e bonita. Nada. Ele tomou seus poderes e a escondeu longe no mundo mortal. Quando eu soube do seu desaparecimento, demorei séculos para encontrá-la. Ele vai encontrá-la, também. Minha mágica não vai escondê-la para sempre. Ele provavelmente já sabe onde você está. Mas é muito tarde. E agora ele vai sofrer também.

— Meu pai é um fazendeiro em Idaho. E ele não é um deus.

— Esse não é o seu pai. Zeus deu-lhe memórias falsas. Ele continua te movendo de lugar para que as pessoas não descubram que você não envelhece e alterando todas as memórias, incluindo a sua. Bastardo rancoroso.

— Não. Não é verdade. Eu sou apenas uma pessoa normal.

Hades abriu à gaiola e entrou. Perséfone recuou de repente, mais desconfortável do que nunca com sua proximidade.

— Acho que devemos enviar uma encomenda para o seu pai. O que você acha? Um dedo? Aposto que ele gostaria de um dedo.

Os olhos de Perséfone se arregalam. Ela ainda estava convencida de que Hades tinha raptado a mulher errada. Esta deusa que ele estava falando não poderia ser ela. Mas neste momento, jogar junto com o deus louco parecia ser a resposta mais inteligente.

— H-Hades... Por que você me quer? Certamente não para me cortar em pedaços. — Ela esperava.

Ele retirou uma faca de prata reluzente do bolso.

— Oh, não se preocupe. Eu lhe disse que você é indestrutível. Ele vai voltar a crescer.

Ele realmente vai fazer isso. Ela tomou mais um par de passos para longe dele até que o metal preto, duro da gaiola pressionou contra suas costas.

— Não! Por favor... N-não. Não. Eu-eu vou fazer o que quiser. Não faça isso. — Ela caiu de joelhos, implorando-lhe. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Hades, por favor. Eu-eu vou ser sua. Esqueça meu pai, não...



Algo em sua expressão se suavizou por um momento. Em seguida, ele rosnou e deixou à gaiola, batendo e trancando-a atrás dele. Ele atirou a faca de prata para o canto da masmorra, bem fora de seu alcance, e depois a deixou lá.

Perséfone foi para o centro da gaiola sentindo arrepios de frio e medo. Ela estava com muito medo de chamá-lo novamente.

Capítulo Dois

Hades foi para o nível superior. Ele não tinha saído do hall de entrada antes que ela tivesse começado a chorar. Ele podia ouvi-la chorando todo o caminho até aqui. Droga de lágrimas. Ele tinha a intenção de enviar a Zeus um dedo, todo embrulhado em uma caixa preta com um arco de cetim prata. Talvez ele enviasse mais de um. Talvez ele enviasse todos os dias durante um ano.

Eles voltariam a crescer, apesar de tudo. Realmente não era grande coisa. Mas isso deixaria descontrolado aquele seu pai maluco. Essa era a parte importante. Ele seria ferido. Zeus a tinha mantido embrulhada em sua bolha, protegida de seu destino. Ela provavelmente não tinha sofrido um dia em sua longa vida. O que estava prestes a mudar. E ela tinha que agradecer ao pai por isso.



— Umm, meu senhor?— Um dos guardas havia deixado seu posto.

Hades virou para ele e rosnou.

—O quê?

— M-meu Senhor, você acha que é sensato mantê-la lá embaixo?

— Ela não vai morrer.

— Não, mas... Lembre-se do que a vidente disse.

Hades voltou a andar. Ele estaria fazendo um buraco no brilhante tapete prata nesse ritmo. Quando ele descobriu a trapaça de Zeus, ele tinha ido a sua própria vidente para

confirmar a história. Ela disse que Perséfone era para ser sua rainha.

E aqui estava ele, tratando-a como sua prisioneira. Mas ela não podia ser prisioneira e rainha ao mesmo tempo? Embora ele tivesse sentido uma pequena pontada de algo, que o impediu de cortar seu dedo fora, suas lágrimas e mendicância não iriam parar todos os seus planos.

Só de estar perto dela, ele queria dominá-la. Ele queria ser dono dela. Ele queria que ela o temesse um pouco. Ou talvez muito. Ele não tinha certeza de quanto isso era raiva contra seu pai e quanto era do que ela fez com ele por vontade própria... Aquela inocência doce e brilhante que se agarrou a ela, o cheiro de pureza que flutuava no ar como um campo de lavanda.

E ele não se importava. Ela não ia a lugar nenhum. Ele não tinha que ser suave com ela. Ela teria de se adaptar a ele, não o contrário. Talvez as coisas pudessem ter sido diferentes se não tivesse sido retida e escondida dele por tanto tempo.

Por milhares de anos, ele tinha se ressentido que Zeus e Poseidon tinham todas as coisas boas, e ele obteve a pouca sorte do submundo. Se ele não poderia ter o céu e o mar, ele teria Perséfone. E ele tinha toda a intenção de atormentar Zeus sobre isso. Ele iria deixar seu pai louco nem que fosse a última coisa que ele fizesse.



Mesmo que ele não tenha enviado ao querido pai uma encomenda, Zeus saberia. Era a bênção e a maldição de ser um deus.

—Meu Senhor? — Hades sentiu o fogo vindo aos seus olhos. O guarda ainda estava ali?

—O quê?

—Será que iria feri-lo mostrar a ela um pouco de misericórdia?

Talvez. Ele não sabia se queria que ela o odiasse e o temesse ou se ele queria que ela o amasse para que pudesse puxar o tapete debaixo dela e ver o amor se transformar em choque e traição, seguido de ódio e medo. Quanto mais ele a machucasse, mais iria destruir Zeus. Ele gostava muito desse plano.

—Meu Senhor? Isso não é culpa dela.

—Volte para o seu posto.

O guarda voltou para seu posto ao longo do extenso corredor.

Claro que não era culpa dela. Ela era apenas um peão em tudo isso, mas foi Zeus que tinha feito o primeiro movimento, e era Hades que estava indo terminá-lo.

Mas o guarda estava certo sobre uma coisa. Por que ele deveria mantê-la na masmorra úmida sozinha? Ele queria brincar com ela, e seu quarto era muito mais confortável. Ele poderia amedrontá-la tanto no terceiro andar quanto na masmorra.

Quando chegou ao final das escadas, Perséfone sentou-se e fugiu para um canto de sua gaiola. Ele iria colocar uma coleira em torno dessa pequena garganta. E muito em breve.

Ela estremeceu quando ele se aproximou, suas roupas ainda molhadas de seu mergulho no Mar Negro. Ele foi até a gaiola e abriu a porta.

—Venha comigo.

Ela lutou para levantar e usou as barras da gaiola para se firmar enquanto ia até ele. Quando ela saiu da gaiola, ele estava prestes a se voltar para subir as escadas, sabendo que ela iria segui-lo, mas antes que ele pudesse fazer isso, ela cambaleou.



Hades a pegou quando ela desmaiou. Ele não tinha certeza se era o frio, medo ou exaustão geral. Talvez fome. Não era como se algumas sementes de romã fossem sustentá-la.

Ele a levou pelas escadas para o nível principal, em seguida, até uma grande escadaria que sem dúvida a teria impressionado se ela estivesse consciente para ver, em seguida, até outro nível, ao seu andar privado.

Uma vez em seu quarto, ele a deitou na cama um pouco mais suavemente do que pretendia. Ele precisava tirá-la dessas roupas molhadas. Hades distraidamente acenou com a mão na direção de uma grande lareira perto da cama. Imediatamente as chamas voltaram à vida.

Ela foi jogada ao redor como uma boneca de pano, enquanto ele tirava as roupas molhadas. A camiseta se agarrou a ela e foi retirada como se ela tivesse sido embalada meticulosamente. Em seguida, ele tirou seus sapatos – que era ridículo na cor água-marinha. Em seguida, os jeans. Calcinha. Sutiã.

Ele jogou as roupas no fogo, em seguida, subiu na cama e apenas olhou para ela. Tão perfeita, bela e doce. Será que ele realmente queria estragar essa pele pálida perfeita? Sim. Ele queria. Qualquer coisa que ele fizesse com ela iria curar. Bem, fisicamente. Ela poderia não se recuperar das cicatrizes emocionais.

Hades sentou ao lado dela na cama. Ele se inclinou mais perto, o nariz pressionado contra o lado de sua garganta, respirando aquele cheiro limpo. Ele se afastou de repente e apenas olhou.

Não, não era possível. Era? Mas como?

Hades ergueu as mãos algumas polegadas acima dela e as moveu ao longo do comprimento do seu corpo. Dessa forma ele podia perceber e sentir a nuance de sua energia. Quando ele teve certeza, se afastou.

Apesar de improvável, Zeus a manteve escondida em mais de uma maneira. Hades estava absolutamente certo. Perséfone era virgem. Uma doce, virgem inocente, presa em seu covil subterrâneo.

Em vez de enviar a Zeus um dedo, Hades pensou que talvez ele devesse enviar um agradável cartão de agradecimento.





Os sons do fogo crepitando e ardendo na lareira acordou Perséfone. Sentia-se fraca e cansada de fome e medo. Ela nem tinha sido abençoada com um momento de conforto por não se lembrar de onde estava. Ela não estava na gaiola, pelo menos.

Não, em vez disso, ela estava em uma grande cama confortável, coberta por um manto preto pesado, a cabeça apoiada por três almofadas macias. De um lado dela estava à

lareira e do outro tinha uma grande porta em arco aberto, coberta apenas por fiapos de tecido translúcido, preto. O tecido farfalhava sempre que uma suave brisa soprava.

Através do material transparente, Perséfone podia ver uma grande varanda de pedra com alguns móveis, bem como o céu estrelado e a lua cheia brilhante. Ela estava prestes a se levantar e ir explorar a varanda quando percebeu que estava nua, e não havia roupas em qualquer lugar dentro de sua linha de visão.

A porta do outro lado da sala se abriu e Hades entrou. Ela podia sentir o delicioso aroma de alimentos provenientes da bandeja de prata. Ele colocou a bandeja ao lado dela na cama e sentou-se na beirada.

—Coma. — disse ele. Desta vez, ele pareceu menos louco quando disse essa palavra.

Ela hesitou. Ela estava com tanta fome, mas depois se lembrou da romã.



—Você só pode ser ligada eternamente a mim uma vez. Então, você pode comer tranquilamente. — disse ele, adivinhando corretamente a causa de sua hesitação.

A comida na bandeja era muito mais tentadora do que o fruto tinha sido lá na masmorra: um pequeno frango assado com ervas e alho, purê de batatas coberto de manteiga e feijões verdes que pareciam ter saído diretamente de um jardim para seu prato, sem conservante ou congelamento envolvido. Uma taça de cristal com água ao lado do prato.

—De onde veio tudo isso?

—De onde tudo aqui vem? É magia. Mas a comida é real o suficiente, e irá sustentá-la. Sem seus poderes, você precisa comer com mais frequência. — Ele ainda estava nesta ilusão de deusa.

—Eu tenho vinte e cinco anos. — disse ela. Não sou imortal. Não tenho milhares de anos. Nada do que ele pensava que ela era.

—Não. Você acha que tem vinte e cinco. — Hades disse. — Coma antes que eu perca a paciência.

Não querendo ver aquele brilho vermelho assustador que ele poderia criar em seus olhos, Perséfone comeu.

A comida era tão incrível quanto parecia. Pelo menos ela provavelmente não iria morrer de fome aqui.

—Hades?— Ela disse quando estava quase terminando. Ela já se sentia um pouco mais forte. Forte o suficiente talvez para fazer a pergunta que estava queimando através de seu cérebro por um tempo agora.

—Hmmm?

Ele ainda estava muito desconfortavelmente perto, sentado apenas algumas polegadas de distância.

—O que você vai fazer comigo?

—Eu ainda estou decidindo. — disse ele.

—M-mas você ainda não vai me matar?

—Eu disse a você, você não pode ser morta. Você é imortal.

Ela estava muito certa de que não era. Então, lembrando-se de sua nudez, um pensamento mais perturbador lhe ocorreu.

—Você…



Um sorriso escuro e tortuoso iluminou seu rosto.

—Eu... O quê?

—Bem, eu... Eu estou nua. Você…?

—Será que eu abusei desse pequeno corpo doce e inocente? Não, eu quero você consciente para isso. —Então ele planejava isso em algum momento.

Perséfone engoliu em seco ao redor do último pedaço de frango. De alguma forma ele estava menos delicioso do que os pedaços anteriores, e tomou um longo gole de água para ajudar a engoli-lo.

Ele pegou a bandeja e colocou sobre uma pequena mesa perto da porta. Quando voltou ao seu lado, ele disse: — Eu sei que você não pode me dizer, porque você não se lembra, mas eu ficaria encantado em saber como o seu pai a tem mantido pura

durante milhares de anos. Isso é... Empenho. Eu não posso imaginar como isso seria mesmo possível.

Perséfone tinha desistido de tentar convencê-lo que ela era apenas um ser humano. Parecia um desperdício da preciosa pouca energia que tinha.

—Ok, que tal isso?— Disse Hades. —Que tal você me dizer como você chegou a vinte e cinco sem um parceiro sexual. Você teve oportunidades. De maneira alguma você não teve. Você é muito bonita para ter sido desprezada.

Ela corou mesmo sem querer que suas palavras tivessem qualquer efeito.

—Eu não sei. Eu só não estava realmente interessada em namoro.

Ele parecia perplexo por um longo tempo, então, de repente, uma realização nova surgiu no rosto de Hades.

—Ele tomou o seu desejo. Não foi o suficiente tirar o seu poder. Ele tirou tudo o que te faz você, tudo para que eu não pudesse encontrá-la e levá-la.



Perséfone não tinha certeza se isso era verdade. Não, ela estava absolutamente certa de que não era, por que tudo isso era uma loucura. Ela apreciava a beleza masculina. Mesmo que ela tivesse medo, ela notou que esteticamente Hades era perfeito. Mas ele estava certo; ela não conseguia se lembrar de reagir a um homem da forma que outras meninas ao seu redor faziam. Ela só... Não tinha estado interessado em descobrir isso. E uma parte dela sentiu que as outras mulheres estavam... Fingindo de alguma forma. Talvez elas só quisessem ser amadas ou queridas, então elas fingiam sentir a mesma luxúria crua que os homens dirigiam a elas.

—Bem. — Hades disse — Eu tomo isso como um desafio pessoal. Ele não pode mantê-la longe de mim. Seus truques podem funcionar com homens mortais, mas não vão impedi-la de reagir a mim.

Ele estendeu a mão para acariciar seu rosto, e ela se encolheu. Antes que ele pudesse reagir, houve uma batida na porta.

—O que é isso?— Ele rosnou, sem tirar os olhos dela.

A porta abriu algumas polegadas de cada vez, e em seguida um guarda, olhando muito mais tímido do que parecia natural para sua estatura aterrorizante, entrou na sala.

—Sinto muito incomodá-lo, meu Senhor. Mas há uma questão que precisa de sua atenção no Setor Leste.

Hades finalmente se virou para o intruso, aliviando-a da sua escuridão, do olhar fixo avaliandor.

—Isso não pode esperar?

—Eu temo que não, meu Senhor. — O guarda saiu e fechou a porta silenciosamente atrás de si.

Hades foi até o armário e tirou um longo robe de veludo preto e colocou-o sobre a cama.

—Você pode usar isto enquanto eu estiver fora. Eu não vou demorar.

Quando ele saiu, Perséfone deixou escapar um longo suspiro, trêmula. Cautelosamente, ela saiu da cama e vestiu o robe. Ela não esperava que se encaixasse tão perfeitamente, ou que parecesse como um vestido para ela.



O revestimento interior era de cetim. O exterior era um brocado de veludo com desenhos sutis intrincados do material. Havia três ganchos de prata na frente. Um em seus seios, um em sua barriga, e um algumas polegadas abaixo dos quadris. Quando ela caminhou, o tecido se abriu para revelar talvez um pouco mais da coxa do que ela teria gostado.

Praticamente tudo o que tinha visto até agora do submundo e seu castelo a fez sentir como se estivesse presa em um filme preto e branco. Todas as cores foram silenciadas. Quase tudo era preto ou prata. Ela não gostou da ideia de usar algo que iria fazê-la parecer mais uma parte deste mundo solitário e sombrio.

Perséfone teria adorado mais do que tudo ter encontrado as roupas que ela tinha chegado, mas, ou ele as tinha escondido ou destruido. A maçaneta clicou suavemente em sua mão, e o medo momentâneo de que ele poderia ter a trancado desapareceu quando ela empurrou a porta aberta.

Mas quando ela saiu para o corredor, tornou-se imediatamente claro por que ele não se preocupou em trancá-la. Um guarda estava do lado de fora.

Em vez de jogá-la de volta para a sala e rosnar ameaças para ela como ela esperava, ele inclinou-se e disse.

—Há algo que eu possa fazer por você, Sua Graça?

—D-desculpa, o que?

—Ou Minha Rainha. Como você prefere ser chamada?

—Deve haver algum engano. Eu não sou a rainha. E-Eu sou prisioneira.

— A profecia foi muito clara. Ele procurou por nove séculos. Ele tinha quase perdido a esperança de encontrá-la. Você é a rainha.

Engraçado, não houve cerimônia. Nem casamento. Nem coroação. Ela considerou discutir com ele um pouco mais, mas se ele achava que ela era sua rainha, pode ser mais fácil sair daqui. Afinal, os prisioneiros não podiam, exatamente, dar ordens e ser levados a sério.



Perséfone estabilizou-se. Ela teria que se esforçar para não gaguejar. Mesmo que ela estivesse com medo, e mesmo que ela não fosse realmente à rainha de qualquer coisa, o guarda temia Hades e era improvável que o desrespeitasse machucando-a na ausência do deus. Mas ela tinha que convencê-lo disso.

—Eu gostaria de sair do castelo.

—Certamente, Vossa Graça. Eu posso ter um cavalo pronto para você. Gostaria de uma escolta para explorar o reino?

—Não, eu vou ficar bem sozinha.

—Muito bem. — Ele passou à frente dela pelo corredor e desceu as escadas.

Ela não esperava realmente que funcionasse e teve que disfarçar sua surpresa quando o fez.

Perséfone seguiu atrás do guarda lentamente. Não seria bom se apressar ou correr. Ele poderia suspeitar de suas intenções. Na realidade, ela não tinha ideia de como faria para sair daqui, mas não poderia apenas sentar e esperar o cara

louco, que já tinha ameaçado cortar seu dedo, voltar. Esta pode ser sua única oportunidade.

Ela estava no meio do corredor antes que percebesse que não tinha sapatos. Seria perigoso deixar o castelo sem sapatos? O guarda não parecia pensar assim, isso se ele tivesse sequer percebido.

Ela desceu um lance de escadas, e depois avistou outra escadaria, maior e mais rebuscada, de mármore preto. Esta escadaria levava ao longo hall de entrada, pelo que ela lembrava antes dele arrastá-la para a masmorra e jogá-la em uma gaiola.

Os guardas que se enfileiravam ao longo do caminho para baixo ao nível principal sequer a olharam ou tentaram impedi-la. Do lado de fora havia um cavalo preto esperando por ela. Ela não tinha certeza se era o mesmo cavalo de antes. O guarda de fora de seu quarto estava ao lado dele.

—Você poderia me conseguir sapatos, por favor?— Ela perguntou, tentando não parecer muito suplicante.

Se ele achava que ela era a rainha, suplicar poderia desmascará-la.

—Temo que Hades não tenha deixado sapatos para você. Mas não se preocupe. Não há nada aqui no submundo que se atreveria a machucá-la.



Se soubesse que ela estava tentando escapar, poderiam.

O guarda a ajudou a subir na sela. Seus olhos arderam em vermelho, e suas narinas dilataram na visão que ele teve entre suas pernas. Ela tinha esquecido que usava somente um robe. Ela fechou o veludo ao seu redor e impulsionou o cavalo para longe do castelo.

Cada vez que o cavalo se movia, a sela de couro liso esfregava entre suas pernas, provocando uma sensação que era totalmente estranha - e assustadora em sua estranheza. Se ela apenas pudesse ter encontrado suas outras roupas. Qualquer coisa para colocar uma barreira entre a pele nua e o couro macio movendo-se em um ritmo feroz, constante contra ela.

Ela lutou para ignorar isso enquanto guiava o cavalo através do vasto e morto prado e pela boca da floresta negra sombria. Ela cavou seu calcanhar do lado do cavalo e ele

começou a correr pelos bosques confusos. Ele se moveu tão rápido, que ela teve de se inclinar para frente para não cair, e rapidamente esqueceu as sensações perturbadoras de momentos antes.

Quando eles atravessaram a floresta, ela desmontou e amarrou o cavalo a uma árvore. Ela não podia deixá-lo vagar de volta para casa sem ela. Então ela caminhou pelo longo túnel escuro. Quando chegou ao portão, viu que o cão gigante de três cabeças estava dormindo.

Perséfone não poderia ter esperado uma melhor sorte. Ela se esgueirou por ele e empurrou o portão. Ela estremeceu quando ele rangeu. Mas o cão seguiu roncando.

Ela só tinha conseguido colocar um pé fora do portão, quando uma pata gigante a puxou para dentro. Cerberus rosnou para ela. O aviso de Hades que o cão poderia tentar comer seu rosto se ela tentasse fugir veio à tona de repente, e ela começou a chorar.

Todas as três bocas do cão começaram a choramingar. Uma das cabeças se abaixou para acariciar... Ela? Pelo menos a besta não ia matá-la. Ou pelo menos não parece que faria. De repente, ela se sentiu tão incrivelmente cansada.



Perséfone não só não poderia enfrentar a derrota de retornar ao castelo contra sua própria vontade, ela se sentia exausta demais para se mover. Cerberus podia não estar preparado para deixá-la escapar do submundo, mas o cão tinha resolvido voltar para sua soneca novamente. Ele se enrolou e pôs as cabeças gigantes para baixo. Perséfone enrolada ao lado do cão adormeceu em seu pelo macio.

Capítulo Três

Hades estava enfurecido por ela ter tentado fugir dele. Ao mesmo tempo, vendo-a aconchegada a Cerberus diminuiu a pior parte da raiva. É claro que ela ia tentar fugir, pelo menos até ela perceber o quão inútil seria. Os guardas sabiam disso, mas não tentaram detê-la. Todos sabiam que o cão faria. E quanto mais longe ela conseguisse chegar antes de ser pega, mais rapidamente ela entenderia sua situação. Quanto mais cedo ela aceitasse as coisas, melhor seria para ela. Ela se mexeu quando ele a pegou.

— Hades?



Ele não respondeu. Ele simplesmente esperou que ela terminasse de acordar, e depois ele a ajudou a montar em seu cavalo. O dela havia se desamarrado e voltado para o castelo por conta própria. Hades subiu atrás dela e guiou a égua para casa.

A tensão irradiava dela, mas ele não procurou amenizá-la. Ficaram em silêncio durante o passeio pela floresta e prado. Ele passou a maior parte da viagem pensando sobre o negócio no Setor Leste, principalmente para manter sua mente fora do corpo quente pressionado contra o seu próprio.

O problema poderia ter sido tratado por outra pessoa. Foi uma disputa menor entre alguns dos seres que viviam lá, algo extremamente chato. Ele poderia ter deixado alguém lidar com isso e voltado mais cedo, mas ele queria saber o que Perséfone iria fazer em sua ausência. E agora ele tinha a resposta, embora ele não pudesse culpá-la. Ele iria tentar escapar deste lugar também.

Quando chegaram ao castelo, Hades a ajudou a descer do cavalo e entregou as rédeas ao cavalariço, em seguida, ele a levou de volta para dentro das paredes de pedra e até seu quarto.

Deixou-a e saiu para a varanda para pensar. Ele olhou sobre a borda. Era um declive acentuado profundo e mortal em um abismo com estalagmites irregulares esperando para rasgar qualquer tolo que caisse lá embaixo. Ou seria se alguém mortal e vivo caísse.

Hades olhou para o céu, em seguida, para a lua e as estrelas todas mantida por magia. Era lindo, mas era uma espécie triste e escura de beleza. Ele não podia deixar de desejar que pudesse aproveitar a luz do sol apenas uma vez. Perséfone parecia o mais próximo que ele alguma vez chegaria da luz solar, o mais próximo que ele poderia chegar da própria vida.

Ele ouviu seus passos hesitantes no chão de pedra da varanda.

—Sente-se! — disse ele, forçando a dureza de volta para sua voz. Ele não se virou até que a ouviu sentar em uma das espreguiçadeiras de pelúcia negra. Hades puxou uma cadeira e se juntou a ela. Ele olhou para ela por um longo tempo. Pela primeira vez, ele não estava incomodado que muito em seu mundo era negro.



O manto fez sua pele olhar luminescente ao luar. E aquele cabelo. Ele queria se esticar e correr os dedos por esse cabelo.

Em vez disso, ele cruzou os braços sobre o peito.

—Onde exatamente você acha que estava indo hoje, Perséfone?

Ela olhou para suas mãos e encolheu os ombros.

—Realmente? Você me insulta com mentiras sobre todo o resto? Diga-me a verdade.

—Eu queria voltar para casa.

—Você está em casa. — Ela estremeceu com isso. —Eu estou receoso que eu vou ter que punir você por tentar escapar.

—Você vai cortar meu dedo?

Ela soou mais amarga do que com medo, e ele se viu inesperadamente aliviado por isso. Ele queria puni-la. Ele queria

transformá-la em uma coisa escura como ele, algo que ansiava pelas mesmas coisas que ele. Mas ela parecia tão frágil, tão quebrável. E uma parte dele não conseguia lembrar que ele deveria estar se vingando de Zeus e que ele não deveria ser suave com ela.

—Nada tão sombrio assim. — disse ele. Mas ele poderia dizer a partir do olhar em seu rosto que ela não acreditava nele. Isso era provavelmente sábio. A cada minuto passando, ele não poderia decidir o que queria fazer com ela, o que ele estava preparado para fazer com ela.

Hades retirou uma grande caixa estreita do casaco, era a única coisa que ele sabia com certeza.

—O que é isso?— Ela perguntou, quando ele a entregou a ela.

—Um dedo.

Ela deixou cair a caixa.

— O que?

Hades riu.

—Eu estou brincando com você. É um colar. Para você. — Ele pegou e abriu-a para mostrar a ela que não havia partes do corpo dentro. Ela não parecia muito mais entusiasmada pelo conteúdo real da caixa.



—Um colar?— Ela disse hesitante, enquanto olhava para a corrente de metal prateado liso amortecido dentro da caixa. — Eu não entendo. — Ela era tão ingênua, ou apenas jogava com ele?

Se Zeus não a tivesse mantido longe dele, Hades se perguntava se ele teria lhe dado uma coroa em vez disso. Teria sido uma peça mais adequada de joia para uma rainha, mas tudo o que ele tinha sido capaz de pensar por centenas de anos foi possuí-la. E ao longo do tempo esse desejo de posse se transformou em uma necessidade irracional de propriedade absoluta.

Ele não queria alguma coisa delicada e doce que ele iria mimar e proteger da sua escuridão. Ele queria sua adorável deusa de joelhos.

—Então, eu serei sua escrava. — Ela entendeu. Bom.

Hades removeu o colar da caixa, abriu, e o colocou em torno de sua garganta.

Lágrimas silenciosas cairam por suas bochechas, mas ela conseguiu falar sem as lágrimas chegando a sua voz.

—Você deve falar com o seu povo. Eles acham que eu sou a rainha.

Ela estremeceu quando Hades correu os dedos por seus cabelos. Ele sabia que ela seria incapaz de resistir agora que estava tão perto dele.

—Você é a rainha para eles. E é melhor eles a tratarem assim. Se eu descobrir que alguém demonstrou o menor desrespeito, eles vão pagar caro.

Perséfone parecia confusa com isso, mas por que ela estava confundida? Ela não poderia ser sua escrava e sua rainha? Hades não via problema nisso. Fazia todo o sentido para ele.

—Será que eu vou ver minha família de novo? Ou amigos? Ou Lynette?

Ela estava sendo extraordinariamente corajosa. Tão frágil quanto ela parecia, era como se houvesse um forte núcleo de aço dentro dela.

—Você nunca poderá voltar.



Sua coragem desapareceu quase tão rapidamente como tinha chegado, e ela começou a soluçar seriamente. Hades lutou contra o desejo de confortá-la. Havia lugares dentro dele, lugares congelados há séculos que esta pequena criatura poderia derreter se ele lhe permitisse chegar muito perto.

Ela o fazia se sentir de alguma forma impotente, e foi esse sentimento que fortaleceu sua resolução. Ele iria puni-la. Ele iria governá-la. E ela se submeteria a cada desejo seu docemente. Ou então, ele nunca poderia dar a qualquer um o poder de feri-lo.

Você não pode confiar nas pessoas. Mortal ou deus. Todos eles iriam encontrar uma maneira de tirar coisas de você. Tinha aprendido isso da maneira mais difícil com Zeus e Poseidon.

Não podia permitir que Perséfone se tornasse importante demais para ele. Ele iria apreciá-la, mas mantê-la à distância. Ele iria quebrá-la apenas o suficiente para que ele pudesse a gerir, então ela não poderia controlá-lo.

—Venha. — disse ele. —Chegou a hora da sua punição.

—H-Hades... Por favor. Eu não vou fugir novamente.

—Mestre.

— O que?

—Você vai me chamar de mestre.

Se ela continuasse chamando-o pelo nome ele iria desmoronar e dar-lhe qualquer coisa que ela quisesse. E nenhuma filha de Zeus poderia ser confiável. Apesar de saber que ela era inocente em tudo isso, Hades não poderia evitar, exceto duvidar que a maçã pudesse cair não muito longe da árvore. Debaixo desta delicadeza exterior doce deveria haver algo desleal. Ele nunca lhe daria a chance de provar isso.

—Perséfone?— Ele cutucou.

Ela olhou para cima, seus olhos azuis cristalinos de alguma forma ainda mais brilhantes por suas lágrimas.



—Sim, Mestre?— Ela sussurrou.

Houve uma mistura de satisfação junto com uma pequena bola maciça de dor dentro dele ao ouvir a derrota impotente em sua voz. Ele poderia ficar bêbado com essa estranha mistura.

Ele estendeu a mão.

—Venha.

Ela não discutiu ou suplicou novamente. Ela apenas colocou a mão na dele e permitiu que ele a conduzisse de volta para dentro. Ele a levou para fora da sala através do corredor até outra grande sala separada que ele mantinha para o jogo.

Houve almas aqui que chegaram ao submundo tão quebradas, tão necessitadas de punição, que ele as trouxe para esta sala para dar-lhes o que elas pareciam precisar desesperadamente. Eram almas perdidas, não ruins o suficiente para serem enviadas para os reinos inferiores, mas não boas o

suficiente para encontrar qualquer paz. Foi misericórdia que ele lhes ofereceu, uma espécie de absolvição. E nesses momentos, ele tinha sido capaz de fingir que ele não estava tão total e completamente sozinho.

Cada uma delas tinha se resignado a seu destino, choramingando docemente sob cada parcela de dor que ele aplicava. Quando terminou com cada um deles, eles foram capazes de passar para um lugar melhor no submundo, tendo trabalhado através de seus vários problemas e pago por seus vários crimes.

Mas Perséfone era algo completamente diferente.

Ela parecia muito inocente para merecer punição por qualquer coisa, mesmo por fugir dele. A busca pela liberdade não era um ato imperdoável. Ele poderia se identificar. Ele às vezes queria isso tanto quanto ela.

Hades mantinha a sala de jogos vazia quando ela não estava em uso. Todos os móveis, brinquedos e chicotes ficavam dentro de armários grandes, deixando a sala como uma grande praça de pedra aberta. Uma enorme janela no lado sul da sala permitia o luar a brilhar. Ele acenou com a mão e chamas quentes acenderam as tochas ao longo da parede.



Ele guiou-a para o centro da sala e destravou os três fechos de prata do robe. Ela não protestou ou lutou quando ele empurrou-o fora de seus ombros. Ele daria qualquer coisa para saber o que ela estava pensando.

Ele dobrou-o e colocou o tecido macio e espesso no chão.

—Ajoelhe-se sobre o manto. Você deve baixar sua cabeça.

Como se presa em um transe, ela fez o que ele pediu. Ele foi até o armário e tirou um chicote de equitação. Quando ele voltou até ela, ela estava chorando em silêncio, seu pequeno corpo tremendo sobre o manto onde ela se ajoelhou.

—Você nunca foi fisicamente punida por nada, não é?— Ela balançou a cabeça.

—Não, Mestre.

Ele esperava mais luta dela, mais resistência. Mas ela devia saber que só iria piorar as coisas. O desespero de sua situação deveria ter se estabelecido nela.

—Isso porque você nunca mereceu ser punida ou porque aqueles com autoridade sobre você eram muito moles?

—Eu não sei.

Mesmo se ela tivesse sido punida por alguma coisa, não teria sido assim, nua. Ele não podia fingir que isso não era sexual para ele, como seria para ela uma vez que ela entendesse o que tinha sido tirado dela apenas para mantê-la pura e escondida.

—Não havia nenhum lugar onde poderiam tê-la escondido de mim que eu não teria finalmente descoberto. O destino não funciona dessa maneira.

Ela estremeceu respirando profundamente, e quando isso derramou fora dela, Hades deixou cair o chicote contra sua carne. Ela engasgou, chocada, mas não chorou nem pediu para parar.

Talvez ela só estivesse tentando satisfazer o homem que, sem dúvida, ainda acreditava ser louco.



Sua pele pálida reagiu imediatamente à picada do chicote, se transformando em uma linda linha rosa no lugar onde ele a golpeou. Ele queria correr a língua sobre seu rubor e aliviar a dor, mas ele não tinha terminado ainda.

Hades fez uma fileira de vergões muito rosa em suas costas. Ela se encolheu cada vez que o chicote cortou o ar. Cada vez que ele pousou, ele foi recompensado com um novo som dela. Um suspiro, então um choro, em seguida, um miado. Ele se perguntou se poderia ensiná-la e treiná-la para que isso se transformasse em gemidos.

Havia sete marcas em sua pele perfeita. E agora ele sabia. Não só ela precisava comer como um ser humano, ela se curava como um ser humano. Ele ainda estava razoavelmente certo de que seu dedo teria crescido de volta, eventualmente, sem seus poderes, mas ele estava feliz que ele não teria de descobrir.

—Mestre, p-por favor. — disse ela.

Normalmente ele não permitiria suplicas para detê-lo. Ele não podia permitir essa manipulação. Mas ela não estava o

manipulando. Foi um apelo sincero de alguém que tinha corajosamente aceitado sua punição.

Ele colocou o chicote no chão e sentou-se ao lado dela na pedra fria. Havia coisas muito piores que ele poderia ter feito, mas ele queria acostumá-la em seu mundo lentamente. Tanto quanto ele queria usá-la para se vingar de seu pai, havia um pedaço dele que sabia que quando sua ira fosse saciada, ela ainda estaria aqui. E ele precisava que ela fosse um ser inteiro e não olhando para ele com desprezo e ódio.

Ele poderia ter medo de deixá-la entrar, mas ele ainda tinha que protegê-la em algum grau. Ela tinha sido feita para ele desde o início. Como ele poderia quebrar seu brinquedo em um acesso de raiva infantil? Ele não podia. Ele tinha que ter cuidado com ela.



Perséfone tinha pensado que uma vez que Hades começou ele poderia nunca parar. Ele nem sempre pareceu completamente são ou presente. Ela tentou ser corajosa, esperando apaziguá-lo, mas a incerteza do quão longe ele poderia levar as coisas... Ela não pretendia jogar por sua misericórdia ou os pequenos pedaços disso que ela tinha visto até agora. Implorar tinha funcionado para impedi-lo de cortar seu dedo. E agora isso tinha funcionado para fazê-lo parar de chicoteá-la.

Mas por quanto tempo funcionaria?

Ela estava com medo de exagerar na dose, com medo que ele pudesse ultrapassar todo o conflito que sentia por magoá-la. Estava começando a afundar nela que teria que encontrar uma maneira de viver com este homem neste lugar subterrâneo terrível onde o céu era apenas mais uma mentira e nem mesmo uma reconfortante.

Ela não podia se fazer acreditar que as coisas seriam melhores na parte da manhã. Não haveria uma manhã, nenhum amanhecer para suavizar as bordas dos medos que se

arrastavam à noite. De alguma forma, ela tinha certeza de que a escuridão era o pior de tudo.

Quando Hades sentou ao lado dela no chão e puxou-a em seus braços, ela não resistiu a ele. Foi o primeiro momento de verdadeira ternura que tinha mostrado a ela. Ela não podia nem argumentar sobre isso. Ela não queria resistir ou lutar. Este lugar apenas em virtude de sua escuridão esmagadora absoluta era muito desgastante por si só. Ela tinha que ter um aliado aqui. Mesmo que fosse seu captor.

Escapar era impossível. Já que esse era o caso, tudo o que ela poderia fazer era descobrir como fazer sua existência aqui mais tolerável. Ele parecia satisfeito que os outros a vissem e tratassem como a rainha. Isso significava que havia apenas uma existência aqui que ela tinha a temer, então parecia inteligente para ela tê-lo ao lado dela o mais rápido possível, antes que ele mudasse de ideia sobre como os outros seres deveriam tratá-la.

Ela pulou em seus braços quando sua língua se moveu sobre os vergões que tinha deixado nela. Ela não podia vê-los, mas podia senti-los. Cada um deles tinha sido uma picada afiada no início e depois um rastro de calor quente que parecia ser o único calor no submundo.



Sua língua foi seguida por lábios, pressionando beijos suaves, então dedos acariciando ao longo de suas costas.

Ele já tinha deixado algumas de suas intenções com ela claras. Quando ele a tomasse, ele seria gentil assim? Seria em sua cama? Será que ele lhe daria a ilusão de romance? De alguma forma, ela duvidava disso, devido à maneira como ele falou sobre ferir Zeus. E ele ainda estava convencido de que ela era essa deusa da primavera que ele estava procurando.

A única esperança que Perséfone tinha agora de sair desse lugar era que Hades percebesse que ela era apenas uma simples mortal e a libertasse, se ele não se sentisse de alguma forma enganado.

Quanto mais tempo ele a segurou mais parecia como se dentro do círculo de seus braços era onde ela estava destinada a estar. Ela queria lutar contra esse pensamento, mas a luta era tão

desgastante. Mesmo a ideia disso a fez querer dormir por mil anos. Ela queria fazer isso fácil para si mesma.

E a maneira como Hades a estava tocando agora tornou tão fácil querer se perder dentro dele, fingir que ele era um homem que pudesse amar e cuidar dela e que este lugar não era tão ruim.

—Mestre?

—Hmmm?

Será que suas necessidades humanas mesquinhas começaram a irritá-lo?

—Eu estou com fome.

Não parecia como se fosse impossível, mas tinha sido horas desde que ela tinha comido. Ela não podia ter certeza sem sol para marcar o tempo e guiá-la, mas ela se sentia como se tivesse dormido por muito tempo com Cerberus. Ela deve ter, pois Hades tinha estado afastado lidando com qualquer negócio que ele tinha antes de vir até ela e trazê-la de volta para o castelo.

E quanto tempo eles estavam aqui nesta sala? Parecia uma eternidade.

—Desça para a sala de jantar quando estiver pronta. Eu vou ter algo bom para você. —Ele se levantou do chão e deixou-a sozinha.



Quando ele saiu, foi como se uma névoa de tristeza fria varresse sobre e em torno dela. Sentia-se tão cansada e triste de repente.

Perséfone não estava deixando uma grande e emocionante vida. Mas tinha sido calorosa, segura e reconfortante. Ela amava tudo sobre isso. Ela vivia em um pequeno apartamento sobre um restaurante chinês a algumas quadras da loja de flores.

Ficava em uma esquina com um parque do outro lado da rua. Devido a esta localização, o apartamento possuía uma surpreendente quantidade de luz solar mesmo que localizado em uma cidade tão grande, com tantos prédios em todos os lugares lutando para barrar a luz.

O aluguel era baixo, segundo eles, em função de todos os cheiros de cozinha que ela teria que lidar. Mas ela adorou. Ela

encheu o lugar com plantas que pareciam gostar do cheiro da comida tanto quanto ela.

O casal que possuía o restaurante fazia um especial de lo mein[2] e rolinhos de ovos às quartas-feiras, e a velha chinesa sempre fazia a mais nesse dia. Ela sempre trazia sobras ao andar de cima para Perséfone, juntamente com um punhado de biscoitos da sorte.

—Abra da maneira certa, que você pode encontrar um marido. — ela brincava a cada semana.

Ambas sabiam que um biscoito da sorte não poderia fazer isso, e Perséfone não tinha tido a coragem de dizer a velha mulher que ela não achava que havia um marido em seu futuro. Não parecia que qualquer outra pessoa no mundo se encaixaria a ela.

Mesmo em uma cidade tão grande, ela nunca teve aquele sentimento arrebatador que achava que deveria ter. Ela tinha admirado seu quinhão de modelos e atores masculinos e trabalhadores da construção civil quando eles passavam pela porta da loja de flores, mas nunca tinha sido mais do que uma admiração estética passageira.

Ela nunca sentiu o desejo selvagem de tentar flertar ou para conhecer algum deles - ou fazer algo mais carnal.



Ela não falava com seu pai há alguns anos, desde que sua mãe morreu. Eles tiveram uma briga. Eles haviam dito algumas coisas, e ambos haviam sido muito teimosos para pedir desculpas e endireitar as coisas. Ela tinha fugido para Nova York e deixou-o com a fazenda. Ela sabia que seu pai precisava dela, pelo menos para conversar. E agora mais do que nunca desejou ter feito as coisas direito, enquanto tinha tido a chance.

A única coisa boa era que ele não saberia que ela estava desaparecida. Saber isso provavelmente iria matá-lo, especialmente por sua mãe já ter ido.

Na cidade ela tinha feito alguns amigos, na maioria regulares que frequentavam o restaurante chinês abaixo de seu

[2] Nos restaurantes chineses americanos, **lo mein** é um alimento take-out popular. Nesta configuração, o macarrão **lo mein** geralmente é agitado com um molho feito de molho de soja e outros temperos.

apartamento. Em seguida, ela formou uma amizade com o lojista na livraria do outro lado de seu trabalho. E Lynette na floricultura.

Era uma vida simples espremida dentro de um par de blocos de uma cidade enorme. Mas ela estava satisfeita. E agora aquelas plantas iam todas morrer. O apartamento dela seria alugado. Seu trabalho seria preenchido. E ela poderia dar adeus à comida chinesa grátis às quartas-feiras.

Ela não tinha certeza de quanto tempo ela ficou no chão pensando nisso, lamentando o fim e a perda de tudo e de todos que amava. Mesmo que não fosse uma grande vida, tinha sido sua vida. Ela estava tão feliz que nunca parou para pensar o quão infeliz ela seria se tudo fosse tirado dela.

Agora ela sabia.

E não era o medo do que ele poderia fazer com ela. Surpreendentemente, a coisa mais próxima que sentira aqui, e que se comparava a felicidade de sua vida lá em cima, tinha sido quando Hades a estava segurando. Ela não queria pensar muito sobre isso, e definitivamente não tinha coragem de combatê-lo. Ela tinha que encontrar uma maneira de manter isso vivo, mesmo que também fosse a fonte de todos os seus problemas.



Perséfone levantou-se do chão e colocou o manto de volta, cuidadosamente bloqueando os três fechos de prata novamente. No corredor, ela encontrou outro guarda. Desta vez, ela sentiu menos medo, embora a deixou preocupada que ele poderia ter ouvido o que Hades tinha feito com ela.

Ela sentiu as marcas que o deus tinha deixado nela quando o tecido macio do manto pressionava. Ela estava muito consciente disso e de sua nudez. Estranhamente, após as chicotadas, ela estava mais consciente de sua nudez sob o roupão, de como a fenda na roupa pairou a meras polegadas de um lugar entre as pernas que parecia subitamente acordado.

Os mamilos estavam excitados e pressionados contra o tecido. Era uma sensação tão estranha. Ela esperava que o guarda não tivesse percebido. Ela nunca tinha estado mais

consciente de seu próprio corpo antes em sua vida. Algo escuro e carnal parecia estar deslizando entre suas pernas, depois subindo e envolvendo sua barriga, sobre os seios, puxando-a para um abraço alucinante ao qual ela achava que não sobreviveria e não podia decidir se queria, embora um desejo tivesse começado, e não era por comida.

—Sua Graça. — disse o guarda.

Ainda era estranho ser chamada assim.

—Meu Senhor Hades disse que eu deveria esperar por você e ajudá-la a encontrar o salão de jantar.

—T-tudo bem. Obrigada. — Perséfone falou enquanto tentava desperadamente parar com todos os pensamentos que tinham insistido em preencher sua mente no momento errado e mais mortificante.

Ela seguiu o guarda descendo por vários corredores enormes até chegar a uma grande sala que continha uma longa e brilhante, mesa preta. O guarda pediu licença para voltar a suas funções, e Perséfone entrou. Havia uma longa fileira de janelas altas, onde o luar refletia sobre a mesa.



Hades havia ateado fogo na grelha de uma enorme lareira em uma parede. Ele puxou uma cadeira para ela no final da mesa perto do fogo como se ele soubesse o quanto ela precisava sentir algo quente e brilhante em sua pele – um pequeno eco de luz solar.

Ele acenou com a mão, e vários candelabros de prata com velas brancas enfileiradas ao longo da mesa acenderam. Em vez de deixá-la sozinha e sentada na outra extremidade, ele puxou uma cadeira ao lado dela.

—Coma. — disse ele.

Ela olhou para baixo para um prato preto brilhante na frente dela. Estava vazio. Mas, então, um segundo depois, ele estava cheio de lo mein e rolos de ovo. Exatamente como do restaurante chinês.

—Uma escolha interessante. — comentou Hades.

— C-como?

— O castelo sabe o que você quer. — disse ele.

Então o castelo deve saber o quanto ela queria voltar para sua vida na superfície. Se o castelo poderia magicamente entregar a comida que ela tinha acabado de estar pensando, não poderia levá-la de volta para sua vida?

Uma taça de prata, ao lado do prato, encheu-se de água, como se estivesse sendo preenchida por um jarro invisível.

Perséfone não deu voz a seus pensamentos de fuga. Mesmo que o castelo pudesse saber seu mais profundo desejo de voltar a sua vida, ele nunca iria desafiar Hades e conceder-lhe esse desejo ardente. Tinha certeza de que tanto o castelo, como os guardas, eram leais a ele.

Em vez disso, ela comeu conforme solicitado. Era exatamente como a comida que ela se lembrava, até o estranho toque de canela dentro dos rolos de ovo que fizeram todos os outros sabores explodir. Hades sentou-se calmamente ao lado dela enquanto ela comia. Era irritante, mas era melhor do que comer sozinha.

—Você nunca come?— Ela perguntou.

—Eu como, mas eu não preciso quase tão frequentemente como você.

Quando ela terminou, o prato tornou-se limpo e brilhante novamente. Um momento depois, um único biscoito da sorte apareceu.



Perséfone abriu e leu o pequeno pedaço de papel dentro.

Dê ao homem misterioso e sombrio uma chance. Ele não é de todo ruim.

—Você fez isso? — Ela perguntou, passando a sorte para Hades.

Ele leu o pedaço de papel e riu.

—Não. O castelo tem um senso de humor estranho às vezes.

—E agora? — Perguntou Perséfone.

Uma sobrancelha escura se levantou.

— O que quer dizer com e agora?

—Quero dizer o que acontece agora? O que você vai fazer comigo agora?

Hades puxou a manga e olhou para um relógio de prata brilhante em seu pulso.

—É meia-noite, na cidade de onde veio. Você deveria descansar. E então, daqui a alguns dias, vamos dar uma festa. Afinal, eu não posso escondê-la de todo o submundo, posso?

—Como vou saber que dia é hoje?

Hades cobriu a mão dela com a sua e fechou os olhos por um momento. Quando os abriu, o relógio tinha de alguma forma sido transferido para o pulso dela. Ela tinha estado tão ocupada observando-o, que ela não tinha visto a mágica acontecer.

—Eu vou conseguir outro para mim. — disse ele.

—O-obrigada. — Havia uma possibilidade de ele ser gentil com ela? Ele não poderia esquecer esta vingança contra Zeus e ser decente?

Ela olhou para o relógio. Na transferência de seu pulso ao dela, ele também tinha ficado menor e não apenas para caber em seu pulso muito mais fino, mas a pulseira tinha ficado mais estreita para dar-lhe um toque mais feminino. O mostrador do relógio era normal, mas logo acima de onde a pulseira começava, havia o símbolo de uma pequena lua.



—O relógio está definido para o tempo de New York. Quando for dia, a lua mudará para um sol. — Hades disse enquanto ela analisava.

Na parte inferior do mostrador, não havia uma data e um ano para que ela soubesse que dia era. Embora este lugar parecesse um eco interminável estagnado em nenhum tempo, o relógio em seu pulso parecia ser uma pequena janela para o mundo real. Pelo menos ela poderia saber quantos dias, semanas, meses se passaram. Ela poderia saber se no seu mundo fazia sol, ou se era noite.

Ela poderia saber quando dormir e levantar, supondo que Hades lhe permitisse manter algum tipo de cronograma normal. Ele parecia ser capaz. Desde sua punição, algo nele parecia ter revertido ao mínimo como se alguma escuridão dentro dele houvesse sido apaziguada, permitindo-lhe uma

pequena janela de segurança. E nessa janela, ele queria que ela fosse dormir.

—Vá para a cama, luz do sol. — disse ele.

Ela sentiu seus olhos sobre ela enquanto se levantava da mesa. Então foram os olhos dos guardas que sentia enquanto ela caminhava pelos corredores, até a grande escadaria, e até o terceiro andar e o quarto com a cama grande e confortável.

Dentro do quarto havia uma grande porta preta que ela não tinha notado antes. Quando ela abriu-a, encontrou um banheiro limpo, simples. Quando ela olhou para o balcão de mármore, uma escova de dente e creme dental junto com uma toalha cinza fofa.

Ela tirou o relógio do pulso e colocou-o sobre o balcão, junto com o manto que vestia. O colar de prata brilhava em sua garganta. Ela não sabia como tirá-lo ou mesmo se ela estava autorizada, então ela deixou-o. Então ela tomou um banho quente e escovou os dentes.

Na verdade, uma boa refeição e a normalidade de um chuveiro e uma escova de dente a fez se sentir de alguma forma menos acometida por tudo.

Ela envolveu a toalha cinza em torno de si e colocou o relógio novamente. Perséfone não se preocupou com o manto. Se Hades quisesse, ele a teria, e nenhum pedaço frágil de tecido iria ficar em seu caminho. Ela preferia pelo menos estar confortável sob os lençóis e cobertor.

Ela entrou na cama e deixou cair à toalha no chão, onde ela prontamente desapareceu no ar.



Capítulo Quatro

Perséfone acordou com um corpo quente pressionando contra o dela.

—Sou eu, luz do sol. — disse Hades.

Só ele. Só o seu algoz. Só o fim do mundo.

Mas quando sua pele pressionou contra a dela, ela não sentiu nenhuma das coisas que ela pensou que ela deveria sentir. Quando ele a tocava, ela não tinha medo. Ela não se sentia fria ou infeliz. Tudo parecia quente e seguro. Ela queria que ele nunca parasse de tocá-la, porque, desde que ele pressionou sua pele na dela tudo em seu mundo parecia certo de alguma forma.



— Mestre, você vai...?

— Eu vou o que?

— Você sabe o que. — Ela não teve coragem de dizer isso. Ela sabia que ele tinha a intenção de... Deflorá-la. E, no entanto, com seu calor a abrangendo totalmente, ela não conseguia pensar em por que isso seria uma coisa ruim. Parecia que ela sempre tinha sido feita para ele e que ele sempre tinha sido feito para ela. E, apesar de tudo que deveria fazer essa ideia errada, parecia certo.

Ainda assim, ela olhou para ele com expectativa, esperando que ele não fosse fazê-la dizer as palavras.

Hades suspirou.

—Bem. Sim, eu sei o que você está perguntando. Mas não, ainda não. Você precisa descansar. Vou começar a treiná-la

amanhã e então... Vamos ver. Quando seu desejo for tão grande que você não puder viver sem eu estar dentro de você, e quando você, em seguida, pedir-me para satisfazer esse desejo, eu vou deixar você tê-lo.

Ela tentou ignorar a maioria disso, embora as palavras tenham cavado um túnel em seu cérebro e provavelmente ficariam lá para sempre a insultá-la.

—Treinamento?— Ela perguntou, tentando, se concentrar em uma pequena parte de seu discurso preocupante.

—Oh, sim, luz do sol. Eu tenho que despertá-la. Você não é uma menina. Você é uma mulher com necessidades e você vai se tornar consciente muito em breve. Se você estava destinada a ser minha, então as necessidades dentro de você devem espelhar as minhas também. Elas simplesmente foram enterradas. Mas, por agora... Durma.

Perséfone tinha certeza de que só fechou os olhos por um momento, mas o relógio em seu pulso mostrou um pequeno sol marcando nove e meia. Ela dormiu como os mortos. Em seguida, recordando onde estava isso de repente parecia muito lógico.

Ela tentou pensar no que a tinha acordado porque certamente não foi à luz solar. Então, ela ouviu o tamborilar constante de água no banheiro de Hades e percebeu que o som do chuveiro foi o responsável por acordá-la. Se ele tivesse raptado Lynette no lugar de Perséfone, ela tinha certeza de que sua chefe tentaria seduzi-lo no chuveiro agora.



Lynette não estaria tão amedrontada. Apesar de parecer apreciar a vida tranquila da loja de flores, Lynette gostava de festas, e ela gostava de homens perigosos. Ela era o tipo de mulher que homens perigosos gostavam também. Suas costas e braço esquerdo estavam cobertos de tatuagens, embora seu longo cabelo geralmente escondesse. Às vezes, ela usava um top curto para mostrar um pedaço de um dragão que parecia escalar a parte traseira de sua calça de couro vermelho.

Lynette mal teria alcançado o submundo antes de se convencer de que ela tinha ido lá por sua livre vontade. Ela certamente não teria feito um alvoroço e lutado. Não teria ocorrido a ela ter medo de um homem com o visual bonito como

Hades. Ela teria se achado sortuda e o montado até perder os sentidos.

Mas Perséfone não era Lynette. Ela não sabia como flertar. E mesmo que ela soubesse, ela estaria apenas fingindo. Ela pode sentir-se inexplicavelmente quente e segura quando Hades a tocava, mas ela não sentia o desejo carnal da luxúria. Ela não sabia o que era precisar de um homem dentro dela.

Poucos minutos depois, o chuveiro parou. E, em seguida, Hades saiu vestindo jeans e uma camiseta preta. Sem sapatos. Cabelo gotejando. Ele quase parecia humano. Ele quase parecia um daqueles modelos que desfilavam passando pela janela loja de flores em uma brilhante tarde de quinta-feira.

—Você dormiu bem?

Ela ficou subitamente tímida.

—Sim mestre.

Quando ela olhou para cima novamente, ele estava sorrindo suavemente para ela. De repente, ela sentiu como se seus desejos espelhassem os dele, e de alguma forma ela sabia que ele não teria escolhido Lynette.

—Você está com fome?— Ele perguntou ainda sociável, ainda tão... Normal.



—Eu realmente não sou uma pessoa de café da manhã. Eu não costumo comer até 11:30.

—Bom. Tenho grandes planos para você hoje.

Ela não tinha certeza de quando tinha acontecido, mas deve ter havido um momento em que Hades tinha decidido que mantê-la em uma gaiola e cortar fora seus dedos já não era atraente. Porque mesmo sabendo a realidade de sua situação, cada vez mais parecia que ele a via como algo diferente de sua prisioneira, e por pequenos momentos de cada vez, ela descobriu que poderia cair nessa versão da realidade também.

Ele atravessou a sala até o lado da cama e estendeu a mão.

—Venha comigo. — De repente, ela estava muito consciente de sua nudez.

—P-posso colocar o manto?— Um sorriso avançou por todo seu rosto.

—Não, você não pode.

—Mas há guardas lá fora.

—Acredite em mim, eles já viram milhares de belas mulheres nuas. Você não vai chocá-los.

Ela sentiu o calor subir-lhe ao rosto.

—Mas…

— Perséfone, no meu mundo, nós gostamos da nossa nudez. Não há nada para você se envergonhar ou ficar tímida sobre isso.

Suas palavras não mudaram a forma como ela se sentia sobre isso, mas era o seu mundo, e ele sabia como as coisas funcionavam aqui. Se Hades disse que a nudez não era grande coisa, então talvez não fosse.

De qualquer maneira, ele estava sendo tão agradável com ela, e ela se viu não querendo desapontá-lo. Ela permitiu que ele a ajudasse a sair da cama e a guiasse pelo corredor até a sala onde ele a puniu antes.

Eles só passaram por um guarda no caminho, que estava parado fora do quarto. E ele só deu uma olhada rápida antes de Hades a levar para a segurança por trás das portas de sua sala de jogos longe de olhos curiosos.



Ela se sentiu tão estranha de pé à luz do luar da janela. Deveria estar ensolarado. Ou pelo menos iluminado. Deveria haver chilrear dos pássaros e algum tipo de nevoeiro. Mas em vez disso, era apenas uma escuridão morta, brilhante e luminosa lua cheia. A lua nem sequer mudou. Não houve fases... Porque não era real.

Quando Hades a tocou e a fez sentir-se quente e segura, era como a magia com a lua? Foi mesmo real? Ou foi apenas uma pequena magia para impedi-la de lutar com ele?

—V-você usa magia em mim?

Ele franziu a testa.

—O que quer dizer com usar magia em você?

—Quero dizer... Você está fazendo algo para mim quando você me toca?

—Não faço nada além de tocar em você. — disse ele, um sorriso mal iluminando seu rosto.

Perséfone procurou um sinal de mentira, mas se estava lá, foi habilmente mascarado para ela encontrar.

Hades acenou com a mão, e algo que parecia uma mesa grande de couro saiu do armário e, em seguida, pairou e estabeleceu-se no centro da sala. Uma pilha de travesseiros caiu em cima da mesa, e, logo depois, um cobertor grosso preto cobriu tudo.

Sua atenção se voltou para ela.

—Suba e fique à vontade.

Ela subiu na mesa, enquanto ele estava a poucos passos de distância e observava. Ela não tinha certeza do que ele quis dizer, em ficar à vontade. Ela deveria deitar-se? Sentar-se lá? Isto parecia tão estranho e constrangedor.

—Hmmm. — disse Hades. — Um ajuste. — Ele foi até o armário e tirou um banco de couro arredondado, largo, com um fundo plano. Ele empurrou alguns dos travesseiros de lado e colocou-o no meio da mesa.



—Espalhe-se nele.

—M-me desculpe o quê? — Ela já se sentia muito exposta sobre a mesa. Ninguém nunca a tinha visto nua assim. Ninguém nunca lhe pediu para abrir as pernas. A ideia teria sido vulgar. Embora ela tivesse conhecido vagamente alguns tipos de manifestações sexuais, ela nunca tinha parado para pensar em qualquer um dos detalhes ou como isso poderia ser diferente em viver a realidade.

Ele riu e se moveu para ficar mais perto da mesa.

—Diga-me a verdade, Perséfone. Você não quer ver tudo o que foi escondido de você? Você não quer entender isso? Sentir? Experimentar? Ser consumida por isso?—Sua voz era tão baixa e hipnótica.

Ela pensou em se fazer de boba, mas ela o entendia perfeitamente. E talvez ela quisesse saber. Durante anos, ela pensou que havia algo muito errado com ela. Que algo estava

quebrado. Por que não conseguia sentir as coisas que as outras pessoas ao seu redor sentiam? Era como se ela tivesse sido presa em um estágio inicial de desenvolvimento, e todo mundo estava deixando-a para trás para experimentar os aspectos mais adultos do mundo, enquanto ela ficou na esfera familiar, segura de vida.

Ela queria saber se era real ou se eles estavam apenas fingindo. Ela podia sentir as mesmas coisas? Ela recordou sua tentativa de fuga e a sensação da sela de couro esfregando entre as pernas. Isso tinha sido... Novo, e embora um pouco assustador, não inteiramente indesejável.

Talvez houvesse algo ali que Hades tivesse o poder de despertar. Ele parecia tão mundano e experiente. Se alguém sabia todos os mistérios carnais do mundo, era esse cara. E uma parte dela, que continuou aumentando pela situação, queria que ele revelasse todos os segredos para ela.

—Luz do sol, embarque nesta viagem comigo. Deixe-me ensinar-lhe tudo.



Ele não fez ameaças ou a lembrou de seu cativeiro. Ele só esperou pacientemente. Não houve necessidade de ameaças. A tentação era muito escura, muito deliciosa. Ele poderia arrastá-la mais profundamente em seu mundo hedonista apenas com as promessas dos prazeres que ela queria descobrir.

Finalmente, ela fez o que ele pediu. O couro era suave contra sua pele quando ela abriu as pernas sobre ele, tanto quanto a sela tinha sido. Ela teve que se impedir de moer contra ele, tentando imitar a sensação do dia anterior.

Hades puxou tiras de debaixo da mesa e prendeu suas pernas para baixo. Então ele pegou uma corda do armário e amarrou seus pulsos atrás das costas. Ela não sabia que restrições estariam envolvidas.

—Você está com medo?

Ela olhou para a mesa.

—Sim mestre.

Ele apertou a mão contra a bochecha dela, e ela imediatamente se acalmou e se inclinou para ele, ainda

convencida de que ele estava fazendo alguma coisa mágica quando a tocava. Ela não se lembrava de se sentir assim quando ele agarrou-a e a tomou da cidade.

Se seu toque tivesse provocado essa resposta naquele momento, então, ela nunca poderia ter lutado contra ele, não importa o quanto sua mente racional pudesse tê-la mandado fazer.

—Eu volto já.

Hades saiu da sala por alguns minutos. Se ele tivesse ido por mais tempo, ela poderia ter começado a entrar em pânico, mas ele voltou bem antes que ela pudesse começar a se preocupar com o isolamento e escravidão.

E trouxe companhia.

Os olhos de Perséfone se arregalaram ao ver duas pessoas adicionais entrando na sala, um homem e uma mulher. Uma coisa era um guarda pegar um rápido vislumbre enquanto ela caminhava pelo corredor com Hades; outra era ter suas pernas tão espalhadas e as mãos amarradas atrás das costas empurrando os seios para cima para estes dois estranhos olhar... Ou alcançá-la e tocá-la. Ela fechou os olhos.

—Perséfone. — disse Hades. —Eu quero que você os veja.



O homem e a mulher se moveram para o fundo do quarto. Ambos estavam nus e tão absolutamente perfeitos. A mulher era pequena, bem como Perséfone, com cabelo castanho escuro que ia até o meio das costas. O homem era alto e forte, com cabelo escuro como Hades. Ele era todo músculo, planos e sólidos contra sua suavidade esbelta.

A mulher se colocou em suas mãos e joelhos no chão, e o homem se moveu por trás dela. Sua ereção estava grossa e pronta. Ele parecia grande demais para a mulher que estava prestes a lhe dar prazer. E, no entanto Perséfone não conseguia desviar o olhar quando ele a empalou, e a mulher soltou um suspiro afiado.

No início, era apenas fascinante, como assistir a um show da natureza.

Hades chegou mais perto de Perséfone. Sua mão se moveu debaixo de seu cabelo e arrastou pela parte de trás do seu pescoço, fazendo pequenos círculos suaves. Sua voz era baixa quando ele falou.

—Observe a maneira animal que ele a possui. Assista a maneira doce que ela se submete a ele e aceita cada polegada quando ele a penetra.

Não havia necessidade de Hades narrar, mas a suavidade sedosa de suas palavras causou um calor pulsante entre as pernas de Perséfone. Sem ao menos perceber o que estava fazendo, ela começou a se mover para trás e para frente contra o couro.

—Ela pertence a ele, assim como você pertence a mim. Isto é exatamente como deveria ser. — Hades sussurrou sua mão ainda acariciando a nuca de Perséfone.

A mulher gemeu quando o homem começou a esfregar entre suas pernas enquanto ele continuava a fodê-la por trás. Depois de alguns momentos, o homem soltou um som como um grito e gozou, segurando os quadris da mulher com força, deixando marcas vermelhas que virariam uma contusão.

Ele saiu dela e virou-a com força em suas costas. Seus olhos eram tão vidrados com luxúria que se machucasse, ela não sentiria na hora.



—Abra as pernas para nós. — disse Hades. —Queremos ver tudo.

O homem espalhou-a para que Perséfone tivesse uma visão clara entre as coxas da mulher. Ela estava molhada, e seu sexo estava inchado da estimulação, semelhante a uma flor desabrochando no calor de um dia de verão.

Seus quadris se moviam enquanto seus dedos deslizaram facilmente sobre a pele úmida, inchada. Os quadris de Perséfone se moviam também, contra o couro, desejando que Hades, ou mesmo aquele homem, estivesse a tocando assim. Ela queria sentir o que a mulher estava sentindo. Ela queria entregar-se completamente a tudo o que isso era.

Tempo não tinha nenhum significado, enquanto observava a mulher no chão sendo tocada. A mulher não parecia se

importar que ela estivesse dando um show para Perséfone e Hades. Tudo o que importava era o seu orgasmo.

O homem apertou os dedos com mais força contra ela, enquanto os dedos da outra mão mergulhavam dentro dela e começou a bombear como seu pau a momentos atrás, quando ela estava de joelhos. Assim como, em seguida, ela alegremente recebeu cada sensação das carícias que ele lhe ofereceu.

Depois de alguns momentos, a acumulação explodiu dela, e ela gozou se contorcendo e gritando, arqueando-se do chão de pedra. Seu corpo inteiro estava rosado, e ela tremia quando ela montou a onda de prazer. Em seguida, eles continuaram os dois abraçados no chão.

—Vocês podem ir. — disse Hades.

O homem e a mulher não pareciam ainda estar satisfeitos, mas eles obedeceram ao comando do Deus e sairam da sala.



Hades virou-se para Perséfone.

—Como você está se sentindo?

Ela estava quente, formigando, com medo, animada. Como se ela precisasse ser tocada. Mas todos esses pensamentos vieram de uma vez então ela não poderia escolher um para expressar ou encontrar uma maneira de explicar, mesmo que as palavras parecessem prontas dentro de sua mente apenas momentos antes.

Seus mamilos estavam doloridos e eretos, e o couro tinha ficado úmido quando a excitação entre suas pernas se intensificou.

—Se eu decidisse te foder agora, como você se sentiria?

Sua respiração ficou presa. As palavras não queriam sair. A única coisa que conseguiu fazer o seu caminho para fora de sua garganta foi um pequeno gemido.

—Você está pronta para me implorar por isso como uma boa menina?

Ela sentiu algo acontecendo. Algo estranho e maravilhoso, mas ela não estava completamente pronta para ser essa devassa ainda. Ela não achou que poderia pedir-lhe para levá-la.

—Eu acho que não. Mas não importa. Eu tenho muitas coisas para fazer com esse pequeno corpo doce pronto para mim.

Hades acenou um braço e longos lençóis brancos flutuaram do teto, fechando-a por todos os lados como uma caixa de tecido. Ele permaneceu no outro lado, onde ela só podia ver sua sombra.

Momentos depois, as imagens piscaram no tecido como um filme. Havia o close-up de um homem nu, seu pênis duro e pronto. E então uma mulher de joelhos na frente dele abrindo a boca para tomar sua grande ereção entre os lábios. Os outros lençóis tinham imagens sexuais semelhantes até que tudo que Perséfone podia ver era um emaranhado de corpos se esfregando, se tocando, se chupando e fodendo.

Não eram apenas imagens. Havia som. Gemidos. Respiração pesada. Súplicas.

—Por favor, Mestre, mais forte. Sua putinha imunda precisa gozar. — Seguido de profundas risadas masculinas de diversão.



Um perfume inebriante doce como canela encheu o ar, e Perséfone percebeu que era algum tipo de creme de corpo com sabor que um dos homens estava usando nos mamilos de uma mulher. Ele os chupou em sua boca enquanto ela se contorcia contra ele.

A orgia parecia continuar por horas. Ninguém se cansou ou diminuiu seus movimentos precisos buscando orgasmo após orgasmo. Nenhuma quantidade de prazer era suficiente para que eles considerassem parar. Os cheiros, sons e visões estavam enviando Perséfone em um frenesi. O banco de couro estava ficando tão escorregadio sob ela que, se ela não estivesse amarrada, ela escorregaria.

Ela lutou contra os nós. As cordas irritaram seus pulsos. Ela se esfregou várias vezes contra o couro, mas ela precisava de mais. Ela precisava de suas mãos livres.

—Mestre, por favor!— Ela não podia acreditar quão alta e desesperada sua própria voz tinha soado.

A orgia parou, e todos eles pareciam... Olhar para ela? Não era apenas um vídeo? Eles eram reais? Eles podiam vê-la? Não tinha ocorrido a ela em nenhum momento que eles podiam vê-la tão bem quanto ela podia vê-los. E mesmo se pudessem, eles só tinham estado interessados em cumprir suas próprias luxúrias uns com os outros, sem se preocupar com quaisquer voyeurs próximos.

Antes que ela pudesse questionar a realidade do que ela tinha visto, as imagens, cheiros e sons de todos desapareceram. O tecido era, de repente, somente tecido, e foi puxado de volta para o teto, deixando apenas Hades de pé em frente a ela, seus olhos brilhando com pura luxúria.

— Você está pronta para ser tocada agora? — Perguntou.

— S-sim, mestre.

— Okay. O prazer tem um preço aqui. Geralmente o preço é pequeno. Um pouco de mendicância. Uma pequena degradação. Algumas pequenas doses de súplica, para minha diversão. Não é nada que você não vai alegremente me dar.



—Mestre, por favor, me toque. — ela choramingou. —Por favor.

Ele se moveu para mais perto e pressionou sua mão contra o lado do seu rosto. Ela se inclinou em seu toque.

—Assim?— Ele brincou.

—N-não... Por favor. Eu preciso…

—Eu sei exatamente o que você precisa. Você precisa ser uma boa putinha para mim, não é?

Se mais alguém tivesse falado com ela dessa forma ela teria ficado horrorizada. Ela teria ficado horrorizada se Hades tivesse feito isso há poucas horas, mas ela estava tão desesperada para que ele colocasse as mãos sobre ela que ele podia dizer o que quisesse. Ele poderia pedir qualquer coisa, e ela lhe obedeceria. Não por medo, mas pela necessidade completa causando dor entre suas coxas.

—Por favor, Mestre.

—Então você vai ser uma boa putinha para mim?

—Sim... Sim, eu vou fazer qualquer coisa. — Ela se contorceu no couro, tentando dar prazer a si mesmo, mas ela sabia que nunca seria tão bom quanto ele a tocando.

—Você vai fazer qualquer coisa que eu pedir?

—Sim.

—Na frente de alguém?

—Sim.

—Com qualquer um?

—Sim. — ela ofegava. —Por favor.

Ele se inclinou tomou um mamilo em sua boca e chupou, fazendo com que uma emoção se espalhasse por sua espinha.

Então ele a desamarrou. Suas pernas doíam quando ela se desenrolou e as estendeu. Hades esfregou a dor de seus braços e pulsos e suavemente beijou os locais onde as cordas a tinham irritado. Tirou o banco do caminho e subiu em cima da mesa com ela, tirando suas próprias roupas enquanto isso.



Ele era tão bonito sem roupa quanto vestido. Ele tinha ombros largos e musculatura esculpida. Entre as pernas estava o pedaço mais perfeito de carne masculina que ela poderia ter imaginado, mas ele era tão grande que assustava um pouco. Tinha certeza de que ele não poderia caber sem parti-la ao meio. Mesmo assim, ela temia mais que ele não a tocasse que a deixasse neste estado insatisfeito, necessitada para sempre.

Hades a empurrou para que ela deitasse sobre a pilha de travesseiros e cobertores olhando para ele.

Seus olhos tinham assumido aquele brilho terrível novamente.

—Segure-se em cada extremidade da mesa. Se você mover as mãos, eu vou parar.

Perséfone agarrou as bordas da tabela de couro, enquanto Hades abriu mais suas pernas, um sorriso maligno iluminando seu rosto. Ela sabia que era toda dele agora. Não havia nenhuma parte dela que poderia resistir a ele.

Apesar do tempo que eles tinham estado lá, e apesar do quão excitado ele claramente estava, ele não estava com pressa. Ele parecia ter tanto prazer em prolongar o seu tormento como ele encontrou no próprio ato sexual. Caso contrário, ele já estaria dentro dela. Sua mão escura fechou em volta do pescoço pálido.

— A quem você pertence?— Sua respiração engatou.

—V-você, mestre.

Ele afrouxou o aperto e começou suavemente a acariciar seus seios e sua barriga. Uma mão demorou o que parecia uma eternidade em seu quadril.

—Por favor. — Ela gemeu arqueando seus quadris para cima.

Sua mão se moveu com dolorosa lentidão entre as pernas.

—É isto que você precisa, luz do sol?

Ela mordeu o lábio e assentiu.

Ele acariciou-a suavemente por uma extensão infinita de tempo. Sempre que ela sentiu que estava chegando perto de alguma coisa, ele desacelerava e parava completamente até que ela lhe pedisse um pouco mais. Ele prolongou isso, empurrando cada uma de suas terminações nervosas ao ponto de ruptura.



—Por favor. Mais forte.

Mas, em vez de tocá-la mais duro com os dedos, ele moveu a cabeça entre as pernas e começou a lamber sobre seu clítoris inchado. Ele segurou-a firmemente no lugar enquanto ele tomava seu tempo devorando-a. Ela sentiu-se abrir ainda mais quando seus dedos a penetraram.

—Goze, — ele ordenou.

Ela agarrou os lados da mesa, como se fosse à única coisa que iria ancorá-la, e, em seguida, algo que tinha estado preso com força dentro dela se libertou, permitindo que ondas de prazer varressem sobre ela. Hades se recusou a deixá-la ir até

que ele a forçou a aceitar a gravidade esmagadora do seu orgasmo.

Seu aperto sobre a mesa afrouxou enquanto sua respiração se esforçava para voltar ao normal.

—Como você vai me retribuir por este prazer? — Hades perguntou, uma pitada de maldade de volta em sua voz.

—O que você quer?— Seu coração ainda tremulava freneticamente em seu peito.

—Sua inocência, é claro. — ele disse.

Perséfone estava certa que isso já não existia mais. Mas ela sabia o que ele queria dizer. Ele queria tirar sua virgindade agora.

—Eu quero você em suas mãos e joelhos. Eu quero levá-la por trás.

Seu estomago apertou enquanto ela se lembrava de observar o estranho foder a mulher desse jeito, e as coisas que Hades tinha dito sobre isso, quão animalesco era, quão certo parecia ela submeter-se a ele tão docemente. E ela sabia que ele queria a mesma rendição dela.

Perséfone mudou-se para suas mãos e joelhos, abrindo as pernas para ele.



—Boa menina. — Hades sussurrou em seu ouvido. —Sinto muito, mas isso vai doer. — Ela sabia que iria. Obviamente.

E acrescentou:

— Mas é o tipo de dor que você vai implorar para sentir novamente, então a saboreie. Isso só acontece uma vez.

Ele empurrou nela, e doeu como prometido, uma dor afiada que parecia por um pequeno momento como o fim do mundo. Ela sentiu algo quebrar dentro dela, mas não como se fosse uma lesão, mais como uma iniciação. Ele permaneceu por alguns segundos parado dentro dela até que a dor se afastou, e então ele começou a se mover.

Sua espessura a preenchia e estendia a um grau impossível, mas parecia certo e completo.

Ela não esperava outro orgasmo. Ela não tinha certeza se era mesmo capaz disso agora, mas conforme ele estocava,

Perséfone sentiu outro tipo de prazer e construção de pressão. Desta vez veio do mais profundo dentro dela. Era tão profundo que ela não tinha certeza se podia lidar com isso. Parecia muito grande para ela, muito assustador para segurar.

Mas, em seguida, Hades inclinou-se mais perto dela.

—Basta montá-lo comigo. — disse ele.

Ele segurou-a alinhada contra ele enquanto a fodia mais duro. Desta vez, quando a onda se construiu, ela não poderia ter resistido se tentasse. Ele soltou um som gutural profundo quando gozou, e então ela emitiu um som quase tão primordial quanto o dele.

Hades saiu dela e tomou seu corpo sem resistência em seus braços. Deitaram assim juntos por um longo tempo em total silêncio, com a cabeça descansando contra seu peito enquanto seu coração batia constantemente contra seu rosto.



Hades tinha tudo, mas descartou o plano original. Por que ele deveria fazer Perséfone sofrer pelos pecados de seu pai? Ele poderia muito bem fazer Zeus sofrer, mantendo-a aqui, apenas corrompendo sua inocência. E havia tantas vias deliciosas de corrupção para alguém que tinha sido mantida pura e intocada como sua Perséfone.

Ela pensou que sua inocência tinha ido embora? Dificilmente. Ela ainda era tão doce e não contaminada pela escuridão, mas ele iria corrigir isso. Ela se tornaria sua criatura perfeita do escuro. Ele podia sentir o gosto dela. Cheirá-la. Sim, corrompê-la era muito melhor. Ele podia atormentá-la, e com certeza amaria cada segundo disso.

As coisas já estavam despertando dentro dela. Tudo que Zeus tinha gasto milhares de anos tentando parar, a inocência que ele tinha meticulosamente trabalhado para preservar... Tudo

tinha sumido em questão de horas. Tudo o que precisou foi um deus escuro para tocá-la, e todas as tentações sujas e desejos vieram borbulhando para a superfície.

Uma voz de mulher quebrou o silêncio da sala.

—Meu Senhor, e quanto a este lençol?

Hades olhou para cima. Ele tinha estado tão perdido em seus planos que ele tinha esquecido o que eles estavam fazendo. Perséfone estava nua como uma estátua sobre um pedestal no centro da sala de estar no andar de baixo. A luz da lua brilhava através das janelas gigantes iluminando sua perfeita pele pálida.

Ela era tão incrivelmente bonita. Como poderia ele merecer tal criatura? O destino deve ter visto a injustiça da maneira como os poderes foram divididos. Ela acalmou cada descontentamento. Tudo o que ele queria era estar dentro dela para sempre.

— Não. Eu quero algo mais puro. — Ele queria exibi-la.

A mulher acenou com a cabeça.

— Sim, eu tenho algo, eu acho.

Ele solicitou uma costureira para tirar as medidas de Perséfone e criar algo para ela vestir na festa. Ela já estava ficando confortável dentro de sua própria pele nua. Ela estaria bem aqui, já que ela estava se adaptando tão bem.

A costureira estendeu um tecido de prata pura brilhante sobre os seios de Perséfone.

—Que tal esse?

Seus mamilos rosa escuro eram claramente visíveis através do tecido. Nem uma polegada de corpo estaria escondida.

—Perfeito. Você pode aprontá-lo a tempo?

— Sim. Isso não será um problema, Meu senhor.

A costureira rolou o tecido suave brilhante fora dela. Seus dedos roçaram o peito de Perséfone. Hades não tinha certeza se foi intencional ou não, mas Perséfone inclinou-se quase

inconscientemente para o toque, então viu Hades observando com interesse e corou.

A mulher deixou-os em seguida.

Quando ficaram sozinhos, Hades disse:

—Você não deveria estar envergonhada. Você pode ter todas as delícias carnais que você quiser aqui. Eu não vou reter nada de você e ninguém. Na verdade, eu gosto de assistir você ser apreciada por outros.

O rosto dela ficou um tom ainda mais escuro de rosa, e ela olhou para baixo, cruzando os braços sobre o peito, como se pudesse esconder tudo de seu olhar.

—Gostaria de brincar com alguns dos meus convidados na festa?

—Eu não sei. — disse ela. Mas o rubor se mudou para os seios, e ele podia ver sua respiração acelerar e o pulso saltar rapidamente em sua garganta.

Ele aproximou-se e levou a mão entre suas coxas. Quente, úmida. Pronta para qualquer coisa.

—Bem, é só me avisar. Eu ficaria feliz em satisfazer todos os desejos que você desenvolver aqui. Basta lembrar, luz do sol, não há vergonha no submundo. Apenas prazer.



Ele já estava completamente perdido. Ele não podia mantê-la em uma gaiola ou cortar pedaços ou gastar todo o seu tempo aterrorizando-a ou a matando de fome. Ele achou que precisaria dessas coisas para aplacar sua ira e o sofrimento de quase mil anos. Mas ele descobriu que tudo o que queria era passar todos os momentos ensinando seu corpo a como agradá-lo. E depois recompensá-la por seus esforços.

Hades assistiu com algum divertimento como o rosto de Perséfone se contorceu de prazer, então confusão, e, finalmente, um pouco de angústia.

—Q-que você está fazendo?— Ela perguntou, olhando ao redor da sala, claramente abalada.

—Eu? Nada. —Era verdade. Ele não estava fazendo nada com ela, mas ele tinha alguma ideia do que estava acontecendo. Ainda assim, foi tão delicioso vê-la se soltar.

—S-sinto-me como... — Ela estava se tornando mais e mais confusa a cada momento.

Ele sorriu.

—Sim?

Perséfone se afastou da plataforma onde estava de pé para um sofá próximo. Sua respiração estava pesada enquanto tentava lidar com sua nova realidade. Ela deitou-se contra o braço do móvel, suas pernas se abrindo. Uma encantadora visão.

— Parece que... M-mãos estão me tocando. — Seus quadris arquearam-se para atender a mão invisível que deve estar acariciando-a entre suas pernas.

Hades riu.

—Então eu acho que você quer brincar com meus convidados da festa.

Parecia dificil ela se concentrar na conversa. A cada poucos momentos ela parecia se perder nas sensações e ceder a elas.



—Pare com isso. — ela ofegava. Então, lembrando com quem ela estava falando, ela acrescentou: — Por favor.

—Eu te disse, eu não estou fazendo nada. Eu também disse que o castelo sabe o que você quer. Se você quer que as mãos fantasmas parem de tocá-la, então, pare de pensar essas coisas imperdoavelmente depravadas.

Ela tinha o poder de parar sua situação atual. Tudo o que tinha que fazer era pensar em algo doce e inocente, ou simplesmente não pensar sobre foder todos os seus convidados da festa como ela obviamente estava fazendo. Isso estava tudo dentro de sua mente, manifestado e tornando real para ela pela mente do castelo.

Ele certamente teria uma conversa com o castelo mais tarde. Afinal, ele não queria que ela se tornasse muito viciada em coisas que não eram reais. Ele queria que seu foco estivesse nas sensações reais que ele e outros poderiam e iriam dar a ela.

Mas, por agora, só desta vez, ele iria aproveitar esse show e as peculiaridades de sua casa.

Ela agarrou a parte de trás do sofá com uma mão enquanto sua cabeça caiu para trás, e um gemido escapou de seus lábios. Seus mamilos estavam eretos, e Hades podia ver a umidade entre suas pernas enquanto ela se movia para a mão invisível.

—Quantas mãos você diria que estão em você agora?— Perguntou Hades. Se ele não podia ler sua mente e ele não podia saber com grandes detalhes o que ela estava sentindo, ele queria pontos de dados. Ele queria saber o quão suja sua mente estava.

Ela fechou os olhos como se estivesse tentando se concentrar contra as sensações.

—E- oito... N-não... Dez.

— São mãos masculinas ou femininas?

— Eu... Eu não sei. Ambas eu acho.

— Diga-me o que estão fazendo.

Ela corou mais. Falar sobre isso parecia ser mais difícil do que deitar no sofá e apenas sentir.



—Diga-me, ou eu poderia ter de puni-la. — disse Hades. Ele poderia ter que fazer isso de qualquer maneira. Quando ele decidiu corrompê-la, ele tinha pensado que seria necessário mais tempo, que ela poderia ser mais relutante. Mas no final, ele tinha dado um pequeno empurrão, e sua puta interior já estava florescendo. Ele adorou. Ele nunca deveria ter duvidado da vidente. Perséfone tinha sido feita para ele.

—Elas estão em cima de mim, esfregando e... E penetrando...

Foi tudo que ela conseguiu dizer. Hades decidiu ser misericordioso e não exigir mais informações. Além disso, da maneira como ela estava se movendo e se contorcendo, ele poderia dizer que muito mais estava acontecendo por conta própria. Tanto sua pequena bunda e boceta estavam sendo

dedilhadas enquanto outra mão parecia estar se movendo freneticamente sobre seu clitóris.

—Tudo pode parar se você pensar em outra coisa. O castelo está apenas dando-lhe o que você quer, afinal. Você poderia fazê-lo parar, ou você pode ir em frente e deixar que isso aconteça. Eu acho que você quer deixar isso acontecer. —Ele estava bem sobre ela, os braços cruzados sobre seu peito enquanto ela gemia e choramingava e se contorcia contra o ar.

Ela estava muito longe agora.

Mais uma vez, ele sabia que estava certo quando um grito saiu de sua garganta, e ela montou o orgasmo até desfalecer.

Depois que terminou, Perséfone se recompôs e sentou-se no sofá olhando para o seu colo.

—Bem, você se divertiu? Tenho certeza que vai ser ainda melhor quando você fizer isso com pessoas reais na festa.

Sua cabeça se levantou seus olhos se encontraram brevemente antes de voltar para o colo.

—M- Mestre, eu não posso...

Ele riu.



—Vamos ver. Mas você quer, não é, luz do sol? Você quer ser minha boa putinha na festa. E nada me agradaria mais do aplacar esse seu insaciável apetite.

Ele ergueu seu queixo para que seus olhos se encontrassem. Em seguida, ele surpreendeu-se, inclinando-se para frente e pressionando um beijo suave nos lábios. Ela respondeu, os lábios separando por baixo dele, um suspiro suave à deriva. Ele se sentou ao lado dela e puxou-a em seus braços. Ele não poderia estar mais longe de seu plano original com ela, e ele não conseguia se importar. Tudo o que ele queria agora era ensinar e dar-lhe tudo o que seu coração e corpo desejavam.

Capítulo Cinco

Perséfone estava sentada à mesa na sala de jantar tomando o café da manhã. Hades estava longe, mas prometeu que seria apenas por um par de horas. Sua pele coçava e parecia muito tensa com ele longe.

Ela estava no submundo por uma semana agora, mas parecia muito mais tempo.



Uma vez que ela estabeleu uma rotina, Hades a tinha levado em uma excursão. Ele começou com o castelo, mostrando-lhe todos os três níveis. O nível mais baixo eram as masmorras, como a que ela tinha sido mantida por um curto tempo quando chegou. Essa parte da turnê tinha sido felizmente curta.

No nível principal ficavam o longo hall de entrada, o salão de baile, as cozinhas, vários salões e espaços casuais, sala de jantar, e uma biblioteca. Na parte de trás da biblioteca ficava um jardim. Ou seria um jardim se alguma coisa crescesse. Em vez disso, era um labirinto de galhos negros emaranhados, intercalados com estátuas de mármore branco de seres grotescos - como ela imaginava que um demônio se parecia. E havia vários bancos para sentar.

Depois do castelo, ele tinha mostrado a ela o seu reino, ou pelo menos os lugares próximos. O domínio completo do submundo era tão grande, ou talvez ainda mais vasto do que o mundo mortal que tinha conhecido. E havia muitos níveis diferentes. Alguns lugares eram sobre punição e dor e

sofrimento. Esses lugares eram longe do castelo, e Hades a poupou de vê-los.

Às vezes as pessoas saíam desses locais, mas a maioria não o fez. Todo o resto era um tipo de vida sombria. Não era difícil ver como alguém poderia encontrar prazer neste lugar. E Perséfone tinha certeza de que para os seres que não estavam mais vivos como ela, a escuridão não deveria ser um problema. Talvez depois da morte já não se sentisse o desejo de luz.

Não havia um lugar perfeito de luz e felicidade, nenhum lugar como o céu. Talvez houvesse um paraíso, mas se tal lugar existisse, não era no submundo. Mas para a maioria, este lugar não era o inferno, tampouco. Era apenas uma existência. As pessoas tomaram seus prazeres onde poderiam encontrá-los, talvez em alguns aspectos não tão diferentes da vida.

Havia inúmeras cidades. Hades só a tinha levado as mais próximas. Algumas delas eram todas iluminadas como um carnaval sob a lua brilhante e estrelas, outroas pareciam abandonadas e assombradas. Havia áreas com névoa espessa e árvores retorcidas muito parecidas com as da floresta que eles tiveram que percorrer para chegar ao castelo. E então havia lugares com colinas e claro céu estrelado por milhas e milhas. Havia cidades de cavernas subterrâneas também.



Hades chamou esse nível de as cavernas do prazer. Perséfone não perguntou o porquê. Ela podia adivinhar. Quando ela estava com Hades, ela sentia uma espécie distorcida de atração pelo submundo. Embora a todas as plantas e árvores estivessem mortas, havia uma beleza estéril e desolada na forma como os galhos de árvores se entrelaçavam, como se se agarrando uns aos outros por segurança.

Havia alguns animais no submundo além dos cavalos do castelo e do cão monstro gigante de três cabeças - embora Hades dissesse que a maioria apenas desapereciam quando morriam. Animais não se apegavam e imploravam pela vida como os seres humanos faziam. Mas às vezes eles atravessavam para o submundo. Quando o faziam, a maioria deles se escondia nas florestas ou nas cidades abandonadas. Portanto, se havia um pássaro ou um gatinho lá fora, Perséfone ainda não tinha visto ou ouvido falar sobre isso.

Embora a melancolia muitas vezes caísse sobre o submundo, havia boa comida, prazer e diversão para ser aproveitado. E uma eternidade para sentir isso.

O submundo parecia com um espelho negro do mundo que tinha conhecido. Acima, na superfície, ela tinha sido doce e inocente. Aqui embaixo, ela era algo completamente diferente.

Ela não tinha certeza de qual versão de si mesma era real. Era a doce menina que nem sequer pensava em sexo, ou era esta besta carnal que ela se tornou com Hades? Qualquer uma poderia ser a verdadeira. Se fosse verdade que Zeus tinha tomado seus desejos, enquanto ele a estava escondendo do seu verdadeiro destino, então talvez Hades tenha sido um catalisador forte o suficiente para trazê-la de volta a si mesma.

Ou talvez ela realmente tivesse sido inocente, e Hades estava fazendo algo mágico por ela. Talvez as duas coisas fossem verdadeiras. Talvez os dois homens houvessem manipulado seus desejos para seus próprios propósitos. Um para mantê-la pura. O outro para corrompê-la.



Hades estava fora, ocupado com os preparativos da festa de última hora. A festa era esta noite. Claro, era sempre noite no submundo, mas a festa estava marcada para esta noite de acordo com o tempo em seu mundo. Sua vida em Nova York já parecia uma memória distante, mas ainda sentia falta dela.

Ela tentou se concentrar em terminar o seu café da manhã de bolo amanteigado, frutas e café. Mas ela não podia. Cada mordida estava mais difícil de engolir do que a última quando sentiu o caroço se formando em sua garganta e as lágrimas começarem a cair pelo seu rosto.

A criada deixou seu posto no canto e correu para o lado de Perséfone.

—Está tudo bem, excelência. Ele estará de volta muito em breve. Você deve tentar terminar o seu café da manhã.

—Eu não estou com muita fome. Eu acho que vou para o meu quarto e descansar um pouco.

— Claro, como quiser.

— N-não diga a ele. Ele não pode saber sobre isso. — Perséfone estava com medo de Hades saber exatamente o quanto de poder ele realmente tinha sobre ela. Ele não podia saber que sua ausência a fazia desmoronar assim. Ele poderia usar isso contra ela.

A criada parecia dividida, mas finalmente ela disse:

— Fui ordenada a seguir suas instruções, por isso vou fazer o que quiser. Mas se você perdoar a minha intromissão, você deve conversar com ele sobre isso. Ele tem o direito de saber.

— Só não diga nada. É uma questão entre nós. —Ela tentou soar tão firme quanto possível, esperando que suas palavras pudessem soar como se estivesse fazendo alguma ameaça.

A criada assentiu rapidamente.

Perséfone saiu da mesa e subiu os degraus de volta para o quarto que dividia com Hades e fechou a porta. Subir as escadas parecia como escalar uma montanha. Ela estava tão exausta. O guarda fora de sua porta levantou uma sobrancelha para o seu cansaço, mas, além disso, ele não tinha dito nada. Será que ela tem que se preocupar com ele falando? E com o próprio castelo? O castelo era um pouco sensível em seu próprio direito pelo seu conforto. Poderia falar sobre ela para Hades? Ou iria seguir seus desejos e ficar quieto?



Mas se o castelo não tinha dito a ele, antes, certamente não o faria agora. Afinal, desde a primeira vez que Hades tinha tocado nela, ela estava tentando lidar com a profunda tristeza esmagadora que tomava conta dela quando ele parava. Quando suas mãos estavam sobre ela, tudo parecia certo. Ela era indescritivelmente feliz. Tudo em sua cabeça eram pássaros cantando e calor. Proteção e segurança. Paz. Brilho do sol.

Por sua vez, apesar da obediência que ele exigia dela, houve momentos de ternura que a fez acreditar que algo dentro dele tinha suavizado sobre ela, bem como esta enorme necessidade não era unilateral, e que tudo o que estava morto e quebrado dentro dele estava se tornando inteiro novamente. Mas a que custo? Cada vez que ele estava longe dela, tornou-se

mais difícil de existir, de respirar aqui embaixo. Ele iria descobrir eventualmente, e depois?

Ela saiu para a varanda. Essa lua cheia brilhante estúpida. E escuridão. Nenhum vento. Sem chuva. Sem luz solar. Nunca. Deus, ela estava se afogando aqui embaixo. Sufocando. Ela foi até a borda e olhou para baixo. Ela deveria apenas atirar-se daqui.

Este lugar era muito menos bonito quando ele estava longe. Era como se sua presença lançasse uma espécie de glamour sobre o lugar para torná-lo tolerável. Mas sempre que ele saia tudo o que ela podia ver era o engano disso.

Ela não tinha certeza se ela era verdadeiramente imortal como Hades disse, mas mesmo se não fosse, ela não voltaria aqui a este terrível lugar escuro se ela saltasse? Talvez houvesse outro lugar, melhor para onde sua alma pudesse ir? Céu? Talvez uma maneira que ela pudesse escapar. Não. Não valia a pena o risco. De alguma forma, ela sabia que teria acabado de volta aqui. Ela sempre acabaria voltando para cá.

Ela respirou fundo e fechou os olhos, tentando afastar esses sentimentos provocantes. Ele estaria de volta em breve. Tudo ficaria bem. Ele iria abraçá-la e acariciá-la e transar com ela, e tudo estaria certo.



Perséfone voltou para dentro e tomou um banho. Isso era o que ela precisava. Um bom banho quente para fazer esse sentimento ir embora. Mas e se eles nunca fossem embora?

Pare de ser ridícula. Ele está voltando.

Dentro da banheira, ela deixou a água quente abraçá-la enquanto ela se inclinava contra a borda. Tentou pensar sobre a festa e todos os convidados e as coisas sujas que fariam juntos. Ela desejou que o castelo estivesse ouvindo e a distraisse novamente com aquelas mãos fantasmas.

Era engraçado o quanto isso a tinha perturbado a única vez que tinha acontecido. E agora ela queria. Mas isso nunca aconteceu de novo depois da primeira vez, e uma parte dela achava que era algo mágico que Hades tinha feito, como tantas outras coisas mágicas que ele fazia. Era difícil saber o que era real com ele. Tudo parecia uma grande ilusão, um truque de

prestidigitação. Quanto mais ela tentou ver e definir qualquer coisa real, mais estreito e evasivo se tornou.

A água fez um murmúrio suave quando ela levantou o braço para fora e correu os dedos sobre o colar de prata em sua garganta. Pelo menos isso era real. Era a única coisa que ela tinha certeza. Quando ele colocou o colar em volta do seu pescoço, tudo o que podia pensar era como tirá-lo. E ela não queria dizer apenas a parte física do metal. Mas esta escravidão, este cativeiro.

Não demorou muito, porém, para o colar significar a única âncora que tinha nesse estranho mundo, retorcido da morte. Sabendo que ela pertencia a ele começou a ser um verdadeiro conforto. Observando a maneira como seu rosto se iluminava quando ela dizia Mestre, afugentou a dúvida que ela poderia ter sentido sobre o arranjo não convencional. Ele cuidava do que era dele.

E se ela pensou que isso significava pouco para ele, ela estava muito errada. No mínimo, ser propriedade de Hades parecia ser o melhor resultado que se poderia esperar em um lugar como este.

Ela começou a se sentir protegida e segura – a única coisa que ela podia contar. Sentia-se tão dividida porque ela queria se livrar deste lugar. Mas do homem? O Deus? Nunca. Ela nunca quis ser livre de Hades. Em seus braços era o mais seguro e feliz que ela já esteve. E se fosse mágica, ela rezava para o feitiço não acabar.



Ela terminou seu banho, colocou uma das muitas vestes pretas com os fechos prata, que agora enchiam seu armário e deitou-se para dormir, esperando o tempo passar até que ele voltasse. Mas ela não podia adormecer. Ela se deitou na cama e olhou para fora através da tela simples sobre a porta em arco da varanda para a lua cheia brilhante que sempre zombou dela em sua mesmice esmagadora.

Era como se aquela esfera brilhante sugasse toda a força e energia dela, pelo menos quando Hades não estava lá.

Os olhos de Perséfone se abriram ao som do estalar da porta. Ela olhou para o relógio em seu pulso. Já era fim de tarde, caminhando para o início da noite. Tinha dormido depois de tudo. Tinha sido um sono vazio, sem sonhos. Ela não se sentia

descansada. No mínimo, ela pensou que poderia dormir doze ou quinze horas a mais e ainda não descansaria o suficiente. Mas então a porta se abriu e Hades entrou no quarto.

Ele usava um terno preto diferente do que tinha usado no dia em que a tinha raptado na cidade. Ele estava carregado com malas de coisas que ele trouxe, sem dúvida, de uma cidade próxima. Seus olhos escuros a tomaram, e ela sentiu-se imediatamente atraída por ele.

Ele colocou as malas no chão do quarto, e ela se levantou e foi ao seu encontro. Quando chegou a ele, ela caiu de joelhos.

—Mestre.— A palavra saiu em um suspiro suave, aliviada por estar tão perto dele.

Hades inclinou-se e depositou um beijo no topo de sua cabeça.

—Minha doce menina. Você está pronta para a festa? Eu trouxe o seu vestido.



Se alguém tivesse perguntado isso a ela há poucas horas, ou mesmo quando ela acordou pela primeira vez um momento atrás, ela teria implorado para ser deixada sozinha, tão esgotada que até mesmo o pensamento de fazer algo tão exigente como se arrumar para uma festa poderia drená-la ainda mais.

Mas agora, com Hades tão perto, ela se sentiu fortalecida e feliz. Ele era como o sol, quente e brilhante, e ela parecia tirar a vida de sua presença.

— Sim, estou pronta.

Ele tomou-lhe as mãos e a ajudou a se levantar. Quando ele a tocou, sentiu-se elétrica, como se ele estivesse a recarregando como uma bateria. Assim que ele soltou suas mãos, ela colocou os braços ao redor dele e distribuiu beijos em seu pescoço, rosto, lábios. Ele a parou, segurando-a no lugar para um beijo mais longo, mais profundo. Ela gemeu e se derreteu contra sua boca, querendo manter este momento congelado para sempre.

—Você não sentiu minha falta, não é?— Ele brincou. — Eu só saí por algumas horas como eu prometi.

Ela queria dizer a ele o que aconteceu com ela na sua ausência. Ela simplesmente... Não podia. No começo, ela pensou que ele sabia até mesmo que ele pudesse estar fazendo isso com ela de propósito para viciá-la de alguma forma nele. Mas agora ela tinha certeza que ele não estava fazendo isso. E se ele estava não era de propósito. E ele definitivamente não sabia sobre isso.

Talvez ele pudesse ser o maior mentiroso do mundo, mas não era uma pedra. Ele tinha sentimentos. Ela não acreditava que ele pudesse fingir ignorar sua dor tão bem, especialmente quando ultimamente ele parecia querer causar-lhe prazer.

Não, era o submundo. O lugar era muito escuro e cheio de morte, muito opressivo para ela viver nele. Este não era um lugar para os vivos, apenas para os mortos - e de alguma forma, Hades, que uniu ambos os mundos. Era apenas... Errado ela estar aqui.

Perséfone estava começando a acreditar que ele sentia algo real por ela, a mesma coisa que ela sentia por ele. Se tudo era apenas magia, eles pareciam igualmente envolvidos pelo feitiço. E a química não era um tipo de magia? Talvez essa fosse a química dos deuses.



Hades destravou os fechos e empurrou o manto de seus ombros para o chão.

Ele tirou uma caixa preta para fora de uma das malas maiores na pilha. Ela tinha uma fita de cetim vermelha nela. Ele colocou a caixa na cama e deu um passo atrás.

—Bem, vá em frente. — disse ele.

Perséfone desamarrou a fita e abriu a caixa. Aninhado sobre um forro preto estava o vestido mais incrível que ela já tinha visto. Parecia com aqueles longos e simples vestidos de deusas que eram retratados nos livros sobre mitologia. Exceto que em vez de branco, era prata, justo, cintilante, o mesmo tecido que a costureira tinha moldado em seu corpo.

O material em si parecia ser feito a partir de um tipo de magia. A forma como ele brilhava e iluminava. A forma como se movia. Não era natural. Não era algo que poderia existir no mundo de onde ela viera.

Hades a ajudou a entrar no vestido e guiou-a para ficar na frente do espelho. Seu longo cabelo loiro era o único escudo que ela poderia ter tido para proteger o minimo de privacidade ou modéstia, mas Hades puxou o cabelo para trás sobre seus ombros.

Ela poderia muito bem estar nua, porque o vestido não cobria nada. Era apenas uma decoração brilhante para mostrar sua nudez. Havia uma fenda lateral em ambos os lados do vestido, que ela tinha certeza de que estava destinado para o fácil acesso de quem ele iria compartilha-la. O pensamento fez seu coração pular em sua garganta. Ele assegurou-lhe que estava tudo bem até aqui, que suas fantasias mais selvagens poderiam ser vividas sem conseqüência ou culpa ou medo de julgamento ou represália.

Antes dele, ela não tinha tido quaisquer fantasias selvagens. Agora parecia que era tudo o que sua mente podia evocar. Era como se algo dentro dela se sentia obrigada há compensar o tempo perdido.

Hades chegou mais perto, as mãos apoiadas sobre os ombros.

—O que você acha luz do sol?

—Pareço uma deusa.

Ele beijou o lado de sua garganta.



—Tão vaidosa. — Então seus olhos se encontraram no espelho, mais sério agora. —Você se parece com uma deusa, porque você é uma deusa.

Ela deveria acreditar nisso? Ainda era difícil, sem acesso aos poderes que ela deveria ter. Parte dela permanecia certa que ele deve ter feito alguma confusão - raptado a garota errada. E o que aconteceria quando ele descobrisse que ela era uma fraude? O que ele poderia fazer com ela se ele descobrisse que ela era apenas um ser humano e não esta deusa que ele procurou pela terra durante séculos?

—Devo colocar o manto novamente até a festa?— Ela não queria estragar o vestido. Era a peça mais requintada que já tinha posto os olhos, mesmo não escondendo um único de seus segredos. Ainda assim, quando ela olhou-se com esse vestido no espelho, ela podia ver o que Hades viu - beleza e

graça... Algo desejável. E ela sentiu-se despreocupada com a forma como outros poderiam vê-la na festa.

—Não, a festa começa em pouco mais de uma hora. Isso dá tempo suficiente para alguém ajudá-la com o seu cabelo e maquiagem e para jantarmos no andar de baixo. Você precisa comer alguma coisa para passar esta noite.

Ela não tinha nenhuma dúvida sobre isso.

—Eu estou levando o restante do material da festa para o andar de baixo. Vou mandar alguém subir. Em seguida, quando estiver pronta, jantaremos.

Perséfone fechou os punhos, lutando contra o desejo de segui-lo e pedir-lhe para não deixá-la. Ele estava no castelo. Ele só ia lá embaixo. Quando a porta se fechou atrás dele, ela olhou de volta para o espelho. Ela não podia viver assim.



Ele tinha que deixá-la ir. Ela tinha que lhe dizer a verdade, e ele tinha que deixá-la ir. Mas ela não queria deixá-lo. Mesmo que ele a deixasse ir, como ela poderia simplesmente voltar à sua vida e esquecer as coisas que Hades já havia despertado nela? Ela não podia voltar ao que ela tinha sido antes. Tanto quanto ela amava sua vida, não era mais o suficiente. Ela não queria viver sozinha com um monte de plantas. Ela queria aquecer a cama de Hades. Se a cama dele não estivesse em um lugar tão horrível.

—Sua graça?

Perséfone olhou para cima para encontrar uma das criadas discretamente entrando na sala.

—Vamos terminar de aprontá-la.

Perséfone balançou a cabeça e se permitiu ser levada a um toucador. Ela não sabia os nomes de qualquer um dos servos ou guardas. Eles eram como sombras. Eles estavam lá para ter certeza que ela permanecesse confortável e dar a ela tudo o que ela pedia, mas eles não eram amigos ou confidentes. Parecia impróprio perguntar os seus nomes, e houve momentos

em que ela teve a estranha sensação de que eles não tinham nomes em tudo.

Era como se não fossem seus próprios seres. Eles pertenciam ao castelo. Era como se fossem parte da mente do castelo. Perséfone empurrou esse pensamento estranho para longe enquanto a mulher maquiava seu rosto, pintava suas unhas, escovava e frouxamente enrolava seu cabelo, e pulverizava uma leve névoa de perfume sobre ela. Ficou claro que Hades tinha dito todas as suas preferências conhecidas, e a criada meramente fez acontecer.

Não que Perséfone poderia reclamar do resultado. Havia um pouquinho de blush claro e sombra para os olhos e um gloss rosa cremoso nos lábios. Ela parecia jovem e fresca e viva - muito mais viva do que ela já se sentiu quando Hades não estava com ela.

Quando ela desceu as escadas, ele estava esperando na sala de jantar. Ele se levantou e sorrindo puxou a cadeira. Era tão difícil acreditar que esse era o cara que a tinha trancado em uma gaiola e sido tão terrível que primeira noite. Havia muitos momentos, onde ela achava que via algo nele que valia a pena salvar.



Perséfone estava na porta, absorvendo tudo.

A mesa já estava posta com comida desta vez. As velas estavam acesas. O fogo rugia na lareira. Aquele luar interminável brilhando através das enormes janelas. Ela se sentia irracionalmente irritada com isso. Ela queria jogar uma pedra na janela como se estilhaçando o vidro pudesse fazer a lua ir embora. Por que ela não poderia ter luz solar? Tinha certeza de que tudo seria melhor se ela pudesse ter luz solar.

Hades estendeu as mãos para ela, e ela correu - talvez muito rapidamente, para seus braços. Ele era tão quente e seguro. Nada poderia machucá-la, enquanto ele estava segurando-a. Ela tinha certeza disso.

—Você está encantadora.

E ele saberia sobre encantamento.

Sentaram-se e comeram em silêncio. Hades sempre se sentava ao lado dela, ignorando a cadeira régiamente definida para ele no final da mesa. A outra cadeira parecia estar à

milhas de distância, mas a que ele escolheu o deixou a apenas polegadas dela. Ela praticamente podia sentir sua energia tão perto.

A comida era o que se poderia encontrar em um banquete formal, grandea aves assadas, cozidos deliciosos, pão caseiro e legumes. Frutas para a sobremesa. Mas não romãs. Ele não tinha servido suas romãs novamente desde a primeira noite na gaiola. Ela nunca tinha provado esse tipo de fruta antes do submundo, e apesar de ter sido doce e deliciosa, ela esperava nunca prová-la novamente.

—Não haverá comida na festa?

Ele colocou uma mão em seu braço, como se ele precisasse tocá-la tanto quanto ela precisava ser tocada.

—Haverá comida, sim. Mas eu pensei que você preferisse comer cedo. Estas festas ficam um pouco intensas, e eu achei que você pudesse estar muito nervosa ou animada para comer.

—Oh. — Era verdade, ela já estava nervosa e animada. Ela sentiu tanto medo com as possibilidades do que poderia acontecer e emocionada por isso.

—Quem vai estar lá?— Perguntou Perséfone.

—Amigos. Seres em posições de poder aqui. Alguns dos meus generais, suas consortes. Apenas os mais importantes do submundo. Você ainda quer brincar com meus convidados, certo? Tenho grandes jogos de festa.

Perséfone sentiu uma sacudida de excitação bater entre as pernas.

—Sim mestre. Não é isso, eu estou apenas nervosa. —Tão errado, como parte dela permaneceu convencida de que era ela queria ser aberta a todos os prazeres hedonistas de seu mundo. Em parte para agradá-lo, mas em parte para agradar a si mesma. Era uma nova fome, tornando-se tão importante quanto à necessidade de alimentos, e uma das poucas coisas sobre o submundo que ela gostava.

Hades acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Perséfone se inclinou para o toque, seus olhos fechando por um momento.

—Não fique nervosa. — disse ele. —Eles vão te amar.

Não demorou muito após o jantar antes que os convidados começassem a chegar. Hades foi à frente para cumprimentar todos e acomodá-los no salão de baile antes de chamá-la.

Quando ele a trouxe para o salão de baile, ela estava com medo que ela tivesse que entrar sozinha, mas ele ficou esperando na entrada, seus olhos frios e negros aquecendo quando a viu.

Perséfone olhou para dentro do corredor. O salão de baile era quase demais para acreditar. Tinha-o visto na turnê, mas, naquele momento, o lugar parecia abandonado e morto. Ela não quis explorar profundamente, porque o lugar solitário e vazio a deprimia. Mas agora todas as teias de aranha foram varridas. O piso de mármore preto brilhava. Iluminado por candelabros altos alinhados nas paredes, e cintilantes candelabros de prata com velas acesas pendiam do teto. Se esse não fosse o submundo, ela poderia ter se preocupado com o risco de incêndio, mas estava certa de que Hades tinha tudo sob controle.



Havia as estátuas de mármore branco e preto alternadas saindo das paredes em alto relevo. Imagens de monstros e dos amaldiçoados. Algumas altamente sexuais. As velas lançar em seus rostos brilhos assustadores e sombras. No meio do salão de baile estava uma enorme estátua de mármore branco. Perséfone não tinha notado durante a turnê.

Representava um homem semelhante a besta enorme sentado em um grande trono. Sua presença era tão realista e intimidante que parecia que ele sairia do mármore para vir se juntar à festa. Suas mãos tinham garras. Ele tinha enormes músculos salientes. Dentes afiados apareciam em sua boca sorridente. E havia chifres. Perséfone tinha certeza que se ele fosse real, os olhos estariam brilhando.

Um grande pênis se projetava por entre as pernas, e várias mulheres nuas como ninfas acorrentadas o cercavam. Foi difícil para Perséfone tirar seus olhos dele. Hades tinha o gosto mais angustiante e ainda atraente na arte.

Em um palco no extremo da sala, uma orquestra tocava melodias escuras, músicas instrumentais exuberantes. Era o tipo

de música que fazia você esquecer todas as razões pelas quais não deveria escutar a tentação, o tipo de música que era tentação. Ao longo de uma parede havia uma mesa de buffet com todos os tipos de comida de aroma maravilhoso, bem como um bar totalmente abastecido. Ela não queria comer nada por um tempo, embora ela só tivesse comido uma pequena quantidade no jantar. Ela estava muito nervosa para comer.

Pelo menos cinquenta pessoas encheram o salão de baile, embora Perséfone não tivesse certeza de que eles estavam todos falando. A maioria deles parecia de outro mundo e um pouco assustador. Ela não esperava isso.

Ela não tinha certeza do que ela esperava, mas não era bem isso. Era difícil descobrir sobre o que fazia alguns deles não parecerem humanos. Era um sentimento, uma energia. Alguns dos convidados tinham olhos negros sólidos... Não preto como os de Hades onde isso era apenas o seu tom - mas olhos que não tinha brancos. Outros tinham olhos vermelhos como brasas de um fogo. Alguns brilhavam em uma cor diferente, como verde ou o ouro, embora o brilho não fosse constante. Ele ia e vinha em pequenos flashes rápidos que poderia facilmente ser perdido se não prestasse atenção, ou se eles não quisessem que vissemos.



Alguns tinham... Chifres? Ela não queria pensar na palavra demônio, e ainda assim a palavra se manteve flutuando na superfície de sua mente. Visualmente suas caracteristicas desumanas eram sutis, não um show exagerado. Você poderia esquecer ou perder se você estivesse olhando apenas com os olhos. Mas a energia que estalava deles era outra questão. Fez Perséfone se sentir ansiosa.

Ela não achava que eles eram maus necessariamente. Assim como o submundo não era realmente o inferno como as histórias que ela tinha escutado no mundo humano, esses seres não eram realmente demônios, no sentido que ela aprendeu de qualquer um. Mas, embora eles não parecessem puramente mal, havia algo escuro sobre eles, algo que... Ignorava as regras do comprometimento humano. Com toda certeza eles não tinham as mesmas restrições morais ou raciocínio moral como ela estava acostumada. Se Hades não estivesse em pé ao lado dela, ela poderia ter fugido por medo do que alguns deles

poderiam fazer quando se aborrecessem com a música, comida e conversa.

—Pronta?— Perguntou.

Perséfone assentiu. Ela não tinha certeza que era verdade, mas quais eram suas opções aqui? Fazer uma cena e fugir? Envergonhar-se? Decepcionar Hades? Ela tinha certeza de que ele não iria deixar ninguém aqui machucá-la. Em pouco tempo, ela se tornara dependente dele, e até agora ele não a tinha decepcionado. Por mais que ela sentisse saudade do mundo de luz e seres vivos, Hades tinha mostrado sua bondade.

Ao atravessarem o limiar, a sala ficou muito quieta, a música desaparecendo. Os murmurios e vibração pararam completamente enquanto todos os olhos se voltaram para eles.

—Permita-me apresentar a deusa da primavera, Perséfone, e agora também a rainha do submundo.

Parecia uma mentira quando ele disse isso, mas ela não o contradisse, e ninguém na festa parecia cético de seu pedigree.



Houve uma boa quantidade de oohs e aahs e o bater de palmas educadas que causou um rubor subindo pelo seu pescoço. Logo, porém, o momento terminou. A música começou a aumentar, a tagarelice retomada, e Hades a puxou para o enxame de seres do submundo para fazer mais apresentações pessoais.

O primeiro conjunto de pessoas que Hades alcançou tinha duas mulheres e três homens. Ambas as mulheres tinham cabelos escuros, pele pálida e lábios pintados de vermelho que combinavam com seus olhos também vermelhos. Elas usavam vestidos pretos longos que acentuavam suas figuras esguias. Perséfone pensou que suas unhas poderiam ser mais garras do que unhas. Um dos homens mais próximos a ela tinha aqueles perturbadores olhos negros. A maneira como ele olhou para Perséfone, era como se ela pudesse cair nesse olhar penetrante e se perder, mais a perda de insanidade do que a perda de romance.

Ele era muito bonito, além disso. Mas quando ele falou, houve um ligeiro chiado em seu discurso que você só podia ouvir se você escutasse com muita atenção. Perséfone poderia

jurar que uma língua bifurcada caiu brevemente de sua boca. E quando ele sorriu, seus dentes eram muito afiados.

—Perséfone, este é um dos meus generais, Melos. Ele faz o trabalho de punição para mim em alguns dos reinos inferiores.

Tinha certeza de que esta versão simplificada da descrição do seu trabalho significava que ele era chefe em torturar as almas ruins.

—Encantado. — ele disse quando ele pegou sua mão e beijou as costas dela. —Nós ouvimos sobre você durante séculos. Eu posso ver agora por que Hades praticamente rasgou a terra procurando por você.

Apesar de tudo, quando Melos a tocou, sua agitação diminuiu, e ela o deixou puxá-la para mais perto. Sua boca roçou a garganta dela em um segundo beijo, mais íntimo. Ela estremeceu quando sua língua de cobra deslizou para fora e vibrou contra sua pele.

Hades riu.

—Pare de cheirá-la.

—Eu não posso evitar. Ela cheira... Delicioso. Você vai me deixar saboreá-la?



O latejar entre suas pernas se intensificou. Algumas semanas atrás, no mundo humano, o sexo parecido como uma lousa em branco, algo confuso e não realmente desejado, pelo menos não o suficiente para ter o trabalho de procurá-lo. Mas no submundo, algo novo cresceu dentro dela, uma fome sexual profunda que nunca poderia ser contida ou satisfeita. A forma como eles olhavam para ela... A maneira como eles falavam. Tudo o que queria era ceder a isso e cair sob seu feitiço.

—Vocês são meus convidados de honra. Todo mundo a provará. — disse Hades. Um anfitrião tão educado.

Perséfone sentiu que deveria se opor a todos eles saboreá-la, mas quanto mais a ideia permaneceu no ar, mais emocionante isso parecia. Ela estava certa que as regras do mundo vivo regular não se aplicavam aqui. Enquanto Hades não desgostasse dela e a jogasse fora, não haveria consequências reais para qualquer prazer que ela tivesse com alguém na festa.

O submundo parecia como um longo, sonho sexual febril, quase irreal.

Por um momento, ela pensou sobre a maneira horrível que sentiu quando Hades estava ausente e foi agarrada com um terror que talvez ele fosse decidir que ela era suja e errada se ela fizesse estas coisas. Ele poderia decidir não a querer mais. Ele parecia muito feliz que ela de alguma forma não tivesse tido nenhum homem antes dele. A felicidade não acabaria se ela estivesse com tantos agora? Ela não conseguia entender sua emoção por sua pureza apenas mudar e corrompê-lo tão completamente.

Mas quando ela olhou para ele, seu rosto parecia iluminado como o sol, um sorriso positivamente carnal no rosto, um brilho quente em seus olhos. Ele não tinha dúvidas sobre isso, e de repente nem ela.

—Perséfone?— Disse Hades.

—M-me desculpe Mestre, o que?— Ela tinha certeza que ele tinha dito alguma coisa para ela e ela perdeu. Ela corou quando ela percebeu que tinha o chamado de mestre na frente de todos os seus convidados, mas Hades não parecia incomodado por isso. Ele parecia satisfeito.



—Ah. — Melos disse — Quando eu vi aquela corrente de prata em torno de sua garganta, eu pensei que poderia ser uma coleira, mas eu não queria ser impertinente. No entanto você conseguiu que a doce deusa da primavera concordasse com um arranjo de torção? Isso é... Surpreendente.

— Bem, você sabe, eu a sequestrei. — disse Hades.

O general sorriu.

—Sim. Tem isso. Mas, ela não parece muito descontente com o arranjo. Foi isso que eu quis dizer. Tão doce como ela é... —Ele estendeu a mão e acariciou sua bochecha. —... Ela parece ansiosa por isso.

Antes de Perséfone se decidir se ela deveria estar perturbada por esta conversa, a mão de Hades mudou-se para a parte de trás do seu pescoço. Ela inclinou-se enquanto ele acariciava sua nuca fazendo-a sentir-se quente e completa.

—Você ficaria surpreso com a fome dela. Ela pode ser doce, mas há um núcleo de escuridão nela que é tão cru e necessitado. Ela precisa ser tocada. Eu nunca vi nada parecido.

Melos tomou isso como um convite e estendeu a mão para acariciar seu peito através do vestido brilhante. Ela tinha esquecido como estava exposta. O tecido pressionando e movendo contra sua pele quando ela se mexia a fez esquecer.

Perséfone se inclinou para o toque do general, um pequeno gemido deixando sua garganta. Ela pensou que Hades iria levá-la ao redor e apresentá-la a todos, mas todos os convidados tinham chegado a ela em vez disso, formando um grande círculo em torno deles.

Ela sentiu Hades afastar-se dela quando Melos começou a explorar seu corpo. Suas mãos deslizaram suavemente sob o vestido para acariciar as dobras de carne entre suas pernas, carne que estava inchando com entusiasmo cada vez que ele a esfregava. Ele retirou a mão e sugou um de seus dedos. Ela corou, percebendo o rastro de umidade que tinha deixado para trás.



—Ela é realmente deliciosa. — ele comentou.

Perséfone olhou para Hades para encontrar um sorriso satisfeito no seu rosto. Ele apontou para alguns dos servos, e momentos depois, eles rolaram uma cama absurdamente grande para o centro do salão, parando-a ao lado da estátua.

—A rainha deve estar confortável. — disse Hades. Ele virou-se para o general. —Bem? Entretenha-nos. —Ele sentou-se em um grande trono criado por ele... Esperando.

Melos guiou Perséfone para a cama.

—Vamos tirar esse vestido lindo fora do nosso caminho?

Uma trilha de arrepios brotou ao longo de sua pele, na passagem das mãos de Melos, quando ele deslizou o tecido sobre o corpo dela. Ele passou o vestido para um servo nas proximidades.

Hades tinha deixado sua cadeira e estava ao seu lado, de repente. Ela ainda não tinha visto ele se mover. Ele retirou uma

fina tira de tecido preto do bolso de sua jaqueta e a vendou com ele. Seus lábios roçaram a concha de sua orelha.

—Apenas sinta, luz do sol. Todo mundo está aqui para dar-lhe prazer. Esta é a sua festa.

Ele pediu a ela para deitar-se na cama. Momentos mais tarde, mais de um par de mãos começou a esfregar óleo em sua pele. No início seus braços e pernas, em seguida, sua barriga e seios. E então algo liso e escorregadio estava sendo esfregado entre suas pernas, em seguida, profundamente dentro dela. Seus quadris arquearam para fora da cama, pressionando cada vez mais nas mãos. Sentia-se tão bem como quando o castelo tinha lhe dado essas sensações semelhantes que ela não pode resistir à tentação de puxar para trás a venda para ver se era apenas uma ilusão.

Mas Melos e outros dois homens estranhos estavam realmente a tocando. O general era o único cuja mão ela resistia violentamente contra.

—Oh, ela deve ser punida por isso. — ele disse, seus olhos encontrando os dela brevemente.



No início, ela não podia pensar no que ela tinha feito. Oh. A venda.

—Na verdade. — disse Hades. —Parece que temos uma depravada em nossas mãos. — Melos colocou a venda novamente no lugar.

—Você quer que eu te puna minha querida?— Ele sussurrou. — Eu sou muito bom nisso.

Ele apertou a mão contra sua bochecha. Então do nada, imagens inundaram sua mente do general chicoteando uma mulher nua acorrentada. A mulher parecia dividida entre gostar e odiar. Enquanto as imagens continuavam, o general empurrou um dedo dentro de Perséfone. Ela arqueou ansiosamente contra ele.

Mas ele não apenas lhe deu suas imagens, ele deu-lhe conhecimento para ir com isso. Ele empurrou-o de alguma forma em sua mente. A cena que ele mostrou a ela tinha sido um jogo sexual de sorte. E, no entanto, ao mesmo tempo, tinha sido mortalmente sério. Era uma de suas cativas do reino inferior - alguém de lá tinha essa verdadeira e eterna punição. Ela o agradou, e em pouco tempo, seus castigos tinham

desenvolvido uma ponta de prazer que ela lutou em vão para não ansiar. Eventualmente, ele a liberou de sua sentença e dos reinos inferiores.

O general tirou a mão do rosto de Perséfone e as imagens pararam e então ele tirou a venda. Agora, a única coisa que ela podia ver era Melos olhando para ela.

—O que você acha? Quer experimentar isso comigo?

Perséfone mordeu o lábio e assentiu. Ela não deveria querer que ele fizesse isso com ela, mas ela queria. Ela não podia esquecer a visão e sentimentos daquela mulher tão impotente e com medo, ainda assim sucumbir ao prazer na dor que ele lhe deu. A tentação de se perder dentro de tal momento a subjugou - como uma espécie estranha de liberdade no meio do seu cativeiro.

—Hades, você tem brinquedos?— Melos falou por cima do ombro.

—Você sabe que eu tenho. O que é uma festa sem brinquedos?

Mais servos rodaram uma caixa grande, quadrada escura, de madeira. Nela tinha todos os tipos de marcas estranhas e símbolos gravados como se tivesse sido talhada com a mais escura magia.



Melos abriu a caixa e começou a vasculhar, jogando itens fora em cima da cama.

—Coloque-a no cinto de castidade. Eu não quero que ninguém a toque até que eu esteja pronto para ela gozar.

Um dos machos a ajudou a entrar um cinto de castidade elegante de couro e trancou-o. Perséfone olhou para a reação de Hades por tudo isso, mas seu rosto não revelava nada. Ele sentou-se em silêncio no grande trono, manuseando um copo baixo cheio de um líquido âmbar. Seus olhos estavam fixos nos dela. Ele ainda estava completamente vestido, mas ela podia ver o contorno de sua ereção, uma pista traindo sua excitação.

Ela pensou que eles iriam usar a cama, mas o general tomou sua posição, de frente para Hades, suas pernas, seus braços espalhados e abertos sobre sua cabeça. No momento em que ele a posicionou como ele queria, ela saltou como um som

agudo quando um chicote cortou o ar ao seu lado. Mas o som não era de um chicote.

Eram videiras pretas brotando do piso e do teto no comando do general, prendendo-a na posição que ele a colocou.

Ele se aproximou, aquela língua de cobra se lançando contra sua garganta para farejar as bordas de seu medo.

—Se você quer olhar para as coisas tão mal, olhe para o seu mestre. Não tire os olhos dele, ou sua punição só vai piorar. E ele não vai me impedir. Ele gosta muito disso.

Se Perséfone tinha qualquer dúvida de que Hades estava inteiramente satisfeito com os eventos da festa até agora, essas dúvidas foram apagadas com o sorriso que avançou até o lado de seu rosto. Se qualquer coisa, parecia que Hades e o general tinham jogado assim juntos no passado, e o trabalho de Melos não se aplicava apenas a festas nos reinos inferiores.



Sem a venda, ela não tinha certeza do que seria mais difícil de ver, os outros convidados a olhando sendo chicoteada, ou Hades. Seu calmo, olhar fixo a desfez. Ela sabia que ele ficaria desapontado se ela desviasse o olhar. Como se pudesse, seu olhar a prendeu de maneira tão hipnotizante que ela não viu Melos pegar o chicote. Ela não o ouviu se mover atrás dela.

Não foi até que a tira de couro aterrissou contra suas costas que ela se empurrou nas vinhas que a seguravam. Ela soltou um suspiro surpreso com a dor aguda que queimava através de sua pele. Foi mais difícil do que a primeira e única punição há uma semana com Hades.

O sorriso de Hades se transformou em um sorriso animado completo, enquanto a observava perceber para o que ela tinha acabado de assinar um contrato.

Após o primeiro ataque, ela ouviu o chicote cortar o ar no momento antes que dele pousar, cada vez parecendo como se queimasse todo o caminho através dela.

Enquanto o general chicoteava, ela tinha certeza de que o couro iria arrancar sua carne, mas embora ela gritasse, e as lágrimas escorressem pelo seu rosto e seu corpo tremesse em suas restrições com cada chibatada, de alguma forma, ela sabia

que sua pele permaneceria intacta. Hades não o deixaria realmente machucá-la.

Ela sabia disso pela forma como ele segurou seu olhar. O general podia estar chicoteando-a, mas era Hades que a tocava e estava no controle absoluto dela. Seus olhos permaneceram fixos, conectando-os além do tempo e lugar fazendo tudo desaparecer, menos o olhar escuro que deixava perdida. Não perdida na insanidade... Um perdido mais assustador. Perséfone pensou enquanto eles compartilhavam esse momento íntimo, que algo tinha mudado dentro dela.

Ela não só precisava dele perto. Ela não apenas ansiava seu toque. Ela pensou que ela poderia estar começando a amá-lo. Ela odiava o submundo, mas ela amava seu mestre. Como ela poderia amar a pessoa que havia roubado sua luz solar e a enterrado sob o solo em uma noite infinita? O homem que tinha colocado uma coleira em volta do seu pescoço e fez seu corpo se abrir para ele e todo o prazer e dor que ele ofereceu.



Hades tomou um gole do seu copo, seus olhos nunca a deixando. As lágrimas escorriam pelo seu rosto, e ela não tinha certeza se era a dor do chicote ou a percepção de que ela iria fazer absolutamente tudo que Hades ordenasse. Ela não queria nem desobedecê-lo. Ela não conseguia decidir se o prazer dela era para ela ou para sua diversão. Ela não sabia se ela gostava da dor que Melos causava ou se ela tomou, porque ela viu como despertou Hades.

—Ela aceita bem o castigo. Como uma profissional. —, disse Melos.

—Ela é mais do que eu jamais ousei esperar. — Hades disse seus olhos não se afastando de Perséfone.

Sua garganta ficou apertada na referida declaração. Tudo o que ela queria era agradá-lo. Tudo o que ela queria era que ele nunca parasse de olhar para ela assim.

O general passou as mãos suavemente sobre os lugares ao longo de suas costas e coxas onde ele a tinha chicoteado. Calor se elevou de sua carne, mas embora tivesse doído, ela permaneceu certa que não tinha cortado sua pele. Ele colocou o

chicote de lado, e então sua mão serpenteou a sua frente, pressionando entre suas pernas.

Ela sabia que ele tinha algum tipo de poder pela maneira que ele lhe mostrou as imagens em sua mente com apenas uma mão em seu rosto, mas parecia que ele tinha outros poderes também. A mão dele descansando entre suas pernas começou a vibrar. Mas mesmo com toda essa magia que ele estava usando, a barreira de couro do cinto de castidade amortecia a sensação de modo que sua excitação rastejou cada vez mais alto quanto mais tempo ele segurava sua mão contra ela. Ela não podia alcançar o auge desta forma. Ainda assim, ela fechou os olhos, se esforçando, buscando.

Melos sussurrou em seu ouvido.

—O que eu disse sobre não tirar os olhos do seu mestre?

Os olhos de Perséfone se abriram, voltando aos de Hades, que parecia totalmente divertido e entretido por isto. Mais uma vez, seu olhar segurou-a enquanto ela empurrava sua buceta contra a mão do general.

—Eu posso sentir o calor de sua buceta através do couro. Ela está com fome.

— Bom. — disse Hades. Então ele dirigiu suas palavras para Perséfone. —Diga-me que você é minha boa putinha.

—E-eu sou sua boa putinha, mestre.

—Tão mais doce saindo de seus lábios do que dos meus. — disse Hades.

A sensação de vibração parou, e ela já não tinha certeza se tudo tinha sido uma ilusão em sua mente, ou se tinha, de alguma forma, sido real. Ele levou a mão a sua boca, seu dedo à direita sobre o lábio antes de empurrá-lo para dentro. Ela aceitou a penetração simulada e chupou sua língua acariciando languidamente seu dedo.

—Aposto que ela é uma chupadora filha da puta fabulosa. — disse ele, pressionando um segundo dedo em sua boca enquanto ela gemeu e choramingou em torno deles, ainda observando seu mestre por medo de que Melos fosse puni-la um pouco mais, se ela quebrasse o contato visual novamente.

Ela estava prestes a sair de sua pele com a necessidade. Hades nunca negou seu prazer assim. O latejar entre suas pernas tinham se tornado tão intenso que ela tinha certeza que se ela pudesse se concentrar ela poderia gozar apenas com seus pensamentos.

—Traga-me. — disse Hades.

As vinhas desapareceram voltando para o teto e piso, e Perséfone caiu para frente, às mãos impedindo sua queda contra o mármore frio.

—Caminhe até ele. — disse Melos.

A essa altura, ela era uma bola tremendo de necessidade. Quando ela chegou, ele já tinha liberado seu pau de suas calças.

—Eu quero que os meus convidados assistam você me chupar. — disse Hades.

—Por favor, Mestre... Eu preciso.

Seu sorriso era quente.

—Eu sei do que você precisa luz do sol.

Ele fez um sinal para alguém fora de sua linha de visão. Mãos pareceram vir do nada para destravar e remover o cinto de castidade. O ar frio atingiu a umidade entre suas coxas, deixando-a ainda mais louca de necessidade.



— Me agrade e eles vão agradá-la. — disse Hades.

Perséfone não hesitou. Ela agarrou seu pênis com uma mão enquanto ela lambia sua pele quente. Ele parecia pulsar com tanto desejo quanto ela. Ele só tinha um melhor controle de suas emoções.

Enquanto trabalhava seu pênis, ela teve uma maior consciência de estar sendo observada. Cinquenta pares de olhos sobre ela, observando dar prazer a seu mestre com sua boca. Ela ficou tão perdida no momento que a princípio ela não percebeu que mãos estavam sobre ela, acariciando cada polegada dela, abrindo mais suas pernas. Seu corpo tremia quando uma longa língua abriu caminho para dentro dela. A

língua mergulhou dentro e fora dela, ocasionalmente, saindo e lambendo suavemente seu clitóris.

Em seguida, a língua tinha ido embora e alguém estava trabalhando um vibrador de boa espessura dentro dela. Ela fechou os olhos e voltou seu foco para Hades, a cabeça balançando para cima e para baixo em seu pênis em sincronia com o vibrador transando com ela.

Quando ele gozou, ele acariciou o cabelo dela e murmurou sua aprovação. Ela não hesitou em engolir cada gota, precisando de mais e mais dele dentro dela. Alguns momentos depois, seu próprio orgasmo veio, arranhando seu caminho de algum lugar profundo dentro de sua barriga. Ela gritou seu prazer enquanto flutuava no mar de mãos acariciando-a.

Depois de alguns instantes, as mãos sumiram, o brinquedo que tinha estado dentro dela se foi, e ela se ajoelhou no chão, entre as pernas de Hades, a cabeça apoiada em sua coxa enquanto ele continuava a acariciar seu cabelo. Ficaram assim por um longo tempo.



Mas, em seguida, as mãos carentes começaram a alisá-la novamente, e seu desejo de ser acariciada e fodida retornou. Não havia quantidade de prazer em demasia, nenhuma quantidade de degradante libertinagem que ela não iria de bom grado submeter-se, tudo para o entretenimento do seu mestre e para alimentar seus próprios apetites florescendo.

Ela sentiu que estava sendo puxada do chão e levada de volta para a cama.

A maioria dos convidados tinha começado a se envolver em seus próprios jogos sexuais entre si, mas a sua atenção nunca pareceu desviar longe de Perséfone, como se o que acontecia com e para ela ajudava a alimentar as suas próprias luxúrias.

Horas se passaram assim com as mãos e os paus e línguas todos exigindo entrada em seu corpo. Perséfone deu-lhes tudo o que exigiam uma e outra vez.

Ela não podia ver Hades agora. Ela o sentia perto, mas ele devia estar jogando com outra pessoa. Estranhamente, essa ideia não a incomodava. Afinal, ela estava brincando com os outros. Muitos outros.

Um dos machos lubrificou o grande pênis de mármore da estátua ao lado da cama, enquanto uma das fêmeas esfregou o mais escorregadio lubrificante dentro da buceta de Perséfone. Ela não impediu os dois homens fortes, que a levantaram e a levaram para a estátua.

Ela montou a criatura de mármore enquanto os machos a ajudaram a descer sobre o pau grosso. Apesar do quanto ela tinha sido penetrada, o pênis da estátua era assustadoramente grande. Ele tinha exigido um monte de lubrificante e a insistência de mãos fortes empurrando-a para baixo sobre ele para assentar com sucesso a coisa dentro dela. Vários convidados gritaram para ela foder, excitando-a mais. Ela agarrou os ombros do animal e levantou e abaixou-se para a protrusão de mármore.

—Mais forte! — alguém gritou da multidão.

Um dos homens que a tinha ajudado a montar a estátua agarrou-a com força em torno da cintura e levantou e abaixou mais rápido e mais forte, a sua velocidade e força muito mais do que um mero mortal poderia ter conseguido. Tudo o que podia fazer era ficar lá enquanto o prazer se construía dentro dela.

—É isso mesmo! — ele rosnou. —Goze para nós.



Capítulo Seis

Hades se sentou em um sofá de couro na extremidade do salão de baile bebendo mais um copo de uísque. Perséfone foi um grande sucesso. Ela era tudo o que ele tinha imaginado e muito mais. O encontro se transformou rapidamente de gentilezas e pretensão educada para uma orgia de devassidão em quase um piscar de olhos, como ele sabia que seria.

Não levou muito tempo para cada peça de roupa sair de todas as criaturas e para os corpos começarem a se entrelaçar e conseguir seu prazer. Hades era provavelmente o único na sala atualmente vestindo calças. Ele queria, pelo menos, parecer que ele tinha algum controle de si mesmo. Claramente ninguém mais tinha. Não que ele se importasse.



Se uma festa no castelo do submundo não se transformasse em uma descida decadente completa para o hedonismo nu e puro, bem, isso teria falhado completamente.

Um dos servos cruzou o piso com um propósito, seu olhar treinado no chão na frente dele. Quando chegou a Hades, ele fez uma pequena reverência e estendeu uma bandeja de prata.

—Meu Senhor.

Na bandeja estava um pequeno pedaço de papel branco dobrado uma vez, com um selo de cera vermelha. Hades pegou o bilhete da bandeja.

—Obrigado, você pode ir. — Ele sabia mesmo sem abri-lo que isto não exigiria uma resposta.

O servo saiu correndo no meio da multidão. Hades quebrou o selo. Ele sabia de quem era. Desde que ele tinha trazido Perséfone para o submundo, ele tinha espiões observando atentamente o mundo superior. Ele disse a Nick para mantê-lo informado quando algo mudasse.

Hades tinha sabido o exato momento que Zeus soube que Perséfone tinha sido tomada. Os pobres humanos. Tinha sido vários dias de vento implacável, chuva e granizo. Granizo tão grande que não era seguro para os pobres mortais se aventurarem na rua.

A nota continha uma mensagem curta, rabiscada.

Ele sabe sobre a festa.

Hades sorriu, dobrou o papel e guardou-o no bolso da calça. Se Zeus fosse capaz de vir aqui, Hades estaria em um mundo de dor. Felizmente, ele não podia entrar no submundo. Hades esperava que a notícia da festa se espalhasse e alcançasse Zeus, mas ele não esperava que alcançasse tão cedo.



Seu pai devia saber que Perséfone seria a peça central do evento. Ele sabia todas as muitas maneiras que Hades iria profanar sua inocência e todos os muitos seres aqui de baixo que teriam sua vez com ela.

Se as mudanças climáticas do mundo superior tinham sido ruins quando Zeus soube do sequestro de sua filha, Hades não poderia esperar para ver a zona de desastre que o conhecimento da festa iria inspirar. Pode não sobrar mundo algum.

Zeus não deveria ter passado tanto tempo e energia a mantendo pura. Será que ele não sabia até agora que quanto mais firmemente você controlava seus filhos, mais selvagem eles seriam quando fossem finalmente livres? Ninguém ilustrava esta lição melhor do que Perséfone.

Mas Hades não queria pensar em Zeus e vingança essa noite, não quando havia uma perfeitamente boa orgia acontecendo. Várias mulheres nuas praticamente se arrastavam pelo seu corpo, as mãos esfregando para cima e para baixo em suas coxas - consortes de alguns de seus generais. Uma delas lambeu e mordeu um de seus mamilos expostos.

—Por favor, meu Senhor. — ela choramingou. —Deixe-nos agradá-lo.

— Hades! — Era Perséfone. Um grito em pânico, angustiado.

Ele pulou, fazendo-as cair no chão. Levou apenas alguns passos rápidos para alcançá-la.

— Pare!— Ele ordenou.

Os seres inferiores que estavam tendo seu caminho com Perséfone se afastaram dela instantaneamente.

— Meu Senhor, Hades, me desculpe. — um dos homens disse, encolhendo-se pateticamente. — Ela estava bem, apenas um momento atrás. Nós nunca iriamos desrespeitar...

— Eu sei. — Talvez isso tenha sido demais e muito cedo para ela. Hades ajudou Perséfone a sair da cama e a levou do salão para uma pequena sala fora do espaço da festa principal. A sala estava tranquila e vazia.

— Sente-se. — disse ele.

Ela se sentou em um sofá no meio da sala, chorando e tremendo. Um criado entrou com um manto e colocou-o ao seu redor.

— Sua Graça. — disse um segundo servo, segurando um copo de água.



Perséfone pegou o copo e bebeu rapidamente.

—Obrigada.

—Deixe-nos. — disse Hades. —E feche a porta atrás de você.

—Sim, meu Senhor. — disseram eles, rapidamente obedecendo ao seu comando.

Perséfone arriscou um olhar para cima.

—M-me desculpe Mestre.

Bem, ele não esperava isso. Será que ela achava que ele a queria ferida e aterrorizada? Talvez seus planos iniciais fossem esses, mas mesmo o pensamento de realmente machucá-la tinha estado longe de sua mente por um tempo muito longo. Agora o pensamento de qualquer coisa machucá-la o fez irracionalmente zangado.

Ele se sentou ao lado dela no sofá e começou a correr os dedos pelo cabelo.

—Por que você tem que se desculpar?

—Eu o envergonhei.

—Que absurdo. Claro que você não fez. Eu nunca teria deixado você com eles, se eu pensasse... Será que alguém te machucou? Eu vou arrancar a cabeça dele.

Hades estava sendo completamente literal. Ele arrancaria a cabeça do desgraçado e colocaria em uma lança na frente do castelo como um aviso. E uma vez que todos os seres aqui além dele já estavam mortos, o pobre tolo estaria acordado e sentindo o tempo todo. De tudo que Hades já tinha ouvido falar, lanças não eram coisas particularmente confortáveis para ter atoladas em um crânio.

—N-não. — disse ela. —Ninguém me machucou. Eu só... Era tanto... Eu fiquei com medo.

—Eu pensei que você estava se divertindo.

—Eu estava. Mas então eu comecei a pensar.

Hades riu.

—Oh. Pensar é um plano terrível durante uma orgia. Nenhum pensamento é permitido. Só deboche. Eu tinha certeza que tinha sido claro sobre isso. —Uma risada fraca saiu dela. Melhor que nada.

Ele enxugou as lágrimas do rosto.

—Diga-me, luz do sol, o que você começou a pensar que a deixou tão chateada?

Ela encolheu os ombros. Ela parecia tão vulnerável, de repente, como algo que realmente não pertencia a seu mundo. Esse cabelo dourado reluzente, os olhos azuis sinceros. Macio, doce, lábios rosados. Suas calças apertaram com a lembrança deles em volta do seu pau.

Ele se inclinou mais perto.

—Diga-me. — ele sussurrou.



—Foi tudo muito de repente. Foi tão esmagador. E então eu comecei a pensar... Quão suja e errada isso me faz. E então se você não me quiser mais depois disso?

—Por que eu não iria querer você? Eu disse que gosto de ver você sendo apreciada por outros. Quando você se entregou tão completamente esta noite eu pensei... Essa é a minha menina.

—Sério? — Ela parou de chorar, pelo menos, e o tremor tinha ido embora.

—E você não é suja e errada. Você está no meu mundo agora. Tudo esta noite está absolutamente certo.

Todos no mundo superior tinham essas ideias estúpidas sobre sexo. Tudo era tão vergonhoso. Esses idiotas preferiam estar expostos a violência sangrenta, do que um pouco de prazer devasso. Ele não queria fazer parte disso. E logo Perséfone não faria também.

Malditos tolos, todos eles. E essa maneira distorcida de pensar tinha sido empurrada para o cérebro de Perséfone enquanto ela estava lá em cima fingindo ser humana. Era o tipo de pensamento que Zeus tinha. Se Hades governasse o mundo superior, as coisas seriam muito diferentes lá em cima. Muito mais prazer e muito menos angústia e culpa por tudo.



Nem que fosse a última coisa que ele fizesse, ele iria tirar essa merda fora dela para sempre. Seja o que for que Zeus pensasse sobre isso, e no quanto poderia perturbá-lo, a prioridade de Hades seria a livrar desta vergonha persistente. Nenhuma deusa – muito menos a sua - deveria sentir vergonha do prazer.

Ele se levantou e ajudou-a a sair do sofá.

—Venha. Vamos voltar para os nossos convidados.

—Mas...

Ele levantou uma sobrancelha.

—Mas o que?

—Eles vão pensar...

—Eles não vão pensar nada. Este não é o mundo humano. Não existem essas regras. A única coisa existente aqui é o prazer. Você quer me agradar?

—S-sim, mestre.

Ele se inclinou, respirando o cheiro dela.

—E eu sei que você quer gozar. Eu posso sentir o cheiro em você.

Ela corou.

Hades afastou o tecido do manto e pôs a mão entre as pernas dela.

—Seu corpo quer ser uma boa prostituta para mim. Tudo que essa pequena douçura quer é me obedecer. É isso que você quer, também?

Ela gemeu e se moveu contra sua mão.

—É isso aí. Deixe-se levar por mim. —Ele deixou-a chegar ao limite do seu orgasmo, onde apenas a mais leve cutucada iria empurrá-la sobre o penhasco. Mas então ele tirou a mão.

— Mestre, por favor...

—Na festa. Volte comigo e jogue. Vou ficar com você o tempo todo.

Ela balançou a cabeça.

—OK.



—Boa menina. — Hades a guiou de volta pelo corredor e ao salão de baile. —Você gostaria de algo para comer

—T-talvez um pequeno pedaço de bolo?

Ele balançou a cabeça e levou-a para a mesa de buffet e cortou-lhe uma pequena fatia de bolo de chocolate.

— Água ou outra coisa?

—A água está bem.

Ele encheu uma taça e a levou para uma mesa privada em um canto perto da banda. A comida parecia fundamentar-lhe um pouco e tirar a borda do zumbido de ansiedade. A última coisa que ele queria fazer era machucá-la, mas ele não podia deixá-la se esconder dentro de si mesma e do tipo de absurdo que Zeus queria que ela acreditasse.

Perséfone iria foder quem Hades a mandasse foder, e ela seria muito feliz a cada segundo disso. Ela não estaria cercada pelas regras mortais estúpidas que tinham sido ensinadas a ela. Nada além da vontade de Hades e consideráveis apetites se aplicariam a ela, e era melhor ela aprendesse no início de seu relacionamento.

Perséfone comeu a sobremesa lentamente, e ele sabia que ela estava protelando. Era absurdo. Ela estava indo tão bem, e ele sabia que ela estava se divertindo. Talvez fosse difícil, dada à vida que ela tinha levado e as mentiras que ela acreditava sobre si mesma. Hades ainda não tinha certeza que ela aceitava quem ela era. Sem seus poderes, ele imaginou que a negação seria fácil.

Quando ela terminou, Hades a ajudou a sair da cadeira e levou-a de volta para a enorme cama no meio do salão. Os hóspedes que tinham estado absortos em seus próprios encontros, rapidamente desvencilharam-se e seguiram ele e Perséfone para o meio do salão.



Ele a puxou para perto e sussurrou em seu ouvido.

— Lembre-se, minhas regras são diferentes. Eu quero que você foda com todos nessa festa, você entende?

—Sim mestre.

Ele tirou o manto e entregou a um dos empregados, então ele passou as mãos sobre ela, como se a memorizando. Arrepios varreram sua carne. Seus mamilos estavam eretos, sua pele corada e pronta para ser tocada. Curvou-se e arrastou a língua sobre seu peito. Ela arqueou contra ele e gemeu.

Hades tocou entre suas pernas para se certificar de que ela estava excitada. Ele ficou chocado com o quão molhada ela estava. Era exatamente como ele tinha pensado. Seu pequeno colapso tinha sido apenas o resultado de se perder em pensamentos que não tinham lugar no submundo.

—Meu Senhor, Hades.

Um dos servos conseguiu escapar sem ser detectado. Hades ia ter de colocar um sino sobre ele.

—Sim, o que é?— Ele não precisava de distrações no momento. Ele necessitava manter um olhar atento sobre Perséfone após o incidente anterior.

—Eu tenho outra mensagem de Nick. — O servo estendeu uma bandeja de prata, com a mão tremendo um pouco.

Hades pegou o bilhete branco e quebrou o selo de cera.

Zeus mergulhou o mundo superior no inverno e jura que não vai devolvê-lo ao equilibrio até que sua filha seja liberada.

Hades sentiu o fogo chegar aos seus olhos. Às vezes, ele tinha certeza que se sua raiva permanecesse assim, ele queimaria por dentro.

—H-há uma mensagem? Ele disse que eu deveria esperar por uma mensagem.

Hades suspirou.

—Sim, diga-lhe para voltar ao submundo imediatamente. Ele sabe onde me encontrar.



O servo fez uma reverência.

—Sim, meu senhor.

Hades voltou para a festa. A orgia ainda estava em pleno andamento, e Perséfone estava ficando mais forte. Mas não demoraria muito para Nick aparecer, e ele não queria deixar Perséfone sozinha com seus convidados. Ele tinha prometido a ela.

Ele chamou a atenção do condutor da orquestra e passou o dedo pela garganta. O condutor assentiu, e a música parou. Os convidados ficaram chocados em silêncio pela ausência abrupta da música, pelo menos aqueles que não estavam muito perdidos em outras atividades mais consumidoras.

—Se eu puder ter a sua atenção. — disse Hades.

Todo mundo parou de fazer o que estavam fazendo. Um gemido alto levantou-se do grupo mais próximo a ele.

—Perséfone, você também. — Risadas próximas foram ouvidas.

— Eu estou receoso que eu vou ter que encerrar a festa. Tenho negócios a tratar. — Gemidos desapontados levantaram-se da multidão. E, em seguida, Perséfone, nua e corada e pulsando de desejo, saiu do grupo que havia estado atendendo a suas necessidades crescentes.

—Mas Mestre... — Aquele beicinho. Aqueles lábios.

— Eu não quero deixá-la sozinha. — disse Hades. Mas quem ele estava enganando? Ela tinha entregado-se a festa há muito tempo. Quaisquer que sejam os desagradáveis sentimentos humanos que ela tinha tido sobre a coisa toda tinha desaparecido ao longo do seu décimo orgasmo. Ela parecia cantarolar agora, uma energia vibrante saltava dela em faíscas.

Por um momento, ele quase pensou que tinha visto seus olhos acenderam. Mas sem seus poderes, isso era impossível.

—Por favor, Mestre. — Disse com um pequeno choramingo. Ela estava em plena floração devassa. Seria um crime detê-la agora.

O olhar de Hades varreu o salão.



—A festa continua com uma condição. Ela diz pare, vocês param. Se alguém desobedecer aos desejos da rainha enquanto eu estiver fora, haverá tormentos indizíveis esperando por vocês.

Perséfone colocou os braços em volta do seu pescoço e colocou quentes, molhados beijos de boca aberta ao longo de sua garganta enquanto ela se esfregava contra ele. Pelo menos ele tinha conseguido um objetivo esta noite. Seu senso de vergonha e pudor tinha deixado o prédio.

— Obrigada. — ela praticamente ronronou. Ela só estava tornando mais difícil para ele deixá-la. Mas de alguma forma ele conseguiu.

Ele discretamente aliciou alguns dos servos para atuar como espiões para cuidar dela. Ele não deixou a festa até que estava confiante de que ela estaria segura. Até o momento que

ele chegou aos jardins, Nick já estava lá fora, sentado em um banco de mármore branco ao lado de alguns quase desidratados arbustos e uma estátua representando um ser mortal torturado por um dos seres inferiores.

Nick levantou quando Hades o alcançou e se curvou.

—Meu Senhor.

—Pule a formalidade. Fale. — Ele parecia especialmente nervoso esta noite e Hades não gostou.

Nick era um dos poucos seres que poderia passar longos períodos de tempo, tanto no submundo como na superfície, o que lhe fazia um excelente espião. A maioria dos mortais nos dias de hoje o descreveriam como um demônio se eles ainda acreditassem que tais criaturas existiam. Seu trabalho era seduzir o espírito fraco, e por essa tarefa, ele era autorizado ao mundo superior como um visitante.

—É ruim. — disse Nick.

Hades revirou os olhos.

—Porque eu me importaria com as birras petulantes que o bebê crescido joga lá em cima? Ele quer destruir o seu próprio domínio... Deixe-o.



—Você deve se preocupar. O mundo vai durar um ano, no máximo, nas condições atuais. Então tudo e todos vão morrer. Isso vai afetar todo o equilibrio. E nós não podemos processar tantas almas rapidamente aqui em baixo.

Hades pegou a estátua e arremessou-a pelo jardim. Ela fez um som de quebra satisfatório quando se chocou contra o chão endurecido algumas jardas de distância.

—Você vai ter que fazer um acordo com ele. — disse Nick.

Hades rosnou.

—Nao. Não há acordos. Foda-se ele e seus negócios. Você vai até ele. Diga a ele que eu não me importo com o que ele faz, eu nunca vou libertar Perséfone. Ela é minha.

—Meu Senhor, você deve ouvir a razão. — Mas Nick já estava se afastando.

Hades caminhou, suas botas esmagando a estátua quebrada.

—Não, você escuta. Diga-lhe que estou pagando seu blefe. Se ele destruir e matar tudo, Perséfone não terá para onde ir, e ele sabe disso. Eu acho que ele gosta do mundo demais para destruí-la por isso.

—Mas... Todas as almas...

—Eu vou destruí-las se for preciso. E você vai dizer a ele que eu disse isso.

O rosto de Nick empalideceu. Destruir almas, simplesmente apagando-as da existência, é um trabalho escuro, mesmo para Hades. Ele só tinha feito isso uma ou duas vezes em milhares de anos. E em uma escala muito menor. O ato tinha feito algo com ele, lascado um pedaço de sua capacidade de sentir. Tinha estado como pedra fria durante meses depois, lentamente se recuperando de volta para si mesmo. E isso parecia como uma chamada – como a sua única chance de não foder com isso de novo. Um aviso.

Se ele destruisse milhões ou bilhões de almas ao mesmo tempo? Ele tinha certeza de que ele iria se tornar algo irreconhecível, que nada poderia trazê-lo de volta. Se ele fizesse isso, Perséfone iria olhar para ele com repulsa e terror. E ela estaria certa.

Se ele fizesse isso, ela poderia não estar segura com ele.



Mas ele não podia deixá-la ir. Zeus tinha que acreditar que Hades estava totalmente disposto a passar por isso. Portanto, Nick tinha que acreditar. Se ele estava ou não, era sua única carta para jogar, porque a alternativa era impensável.

Ele não estava devolvendo Perséfone. Então ele jogou os dois blefes mestres... Matar o mundo com o inverno ou destruir todas as almas que o inverno matou.

—Vá!— Disse Hades, seu braço estendido firme e inabalável quando ele apontou ao longe, em direção ao portal.

Nick virou-se para obedecer à ordem.

—E Nick?

—S-Sim, meu Senhor?

—Você diga aquele bastardo que, se ele forçar a minha mão... Se ele acabar com o mundo e eu tiver que destruir todas

aquelas almas... Você diga a ele... Se ele acha que Perséfone vive à mercê de um monstro agora, ele não tem ideia do que ele estará submetendo-a se seguir adiante com isso. Se qualquer parte dele zela por dela, ele vai repensar essa estratégia.

Se possível, Nick ficou ainda mais branco.

—S-Sim, meu Senhor. — E então ele se foi. Hades afundou no banco, com a cabeça caida em suas mãos. Nick acreditou, pelo menos. Isso significava que havia uma chance de Zeus acreditar.

Ele sabia que seus olhos brilhavam. Ele estava com tanta raiva que sua perfeita aparência humana estava começando a desaparecer. Suas mãos começaram a formar garras enquanto sua pele adquiriu um brilho negro viscozo como uma cobra. Ele não poderia voltar para a festa até que ele se acalmasse. Ele não deixaria Perséfone vê-lo assim. Ela já tinha visto vislumbres disso em seus olhos. Ele nunca quis que ela tivesse que ver no que ele poderia se transformar se ele deixar-se ir.



Todo mundo, seja mortal ou deus, tinha um ponto de ruptura. Havia uma coisa que o desencadeava ganhando vida própria. Para Perséfone, foi à bela luxúria que só trouxe coisas boas para o submundo. No rubor completo do orgasmo, ela trouxe vida a tudo perto dela. Para Hades, era raiva, amargura, toda a ira que tinha engarrafado há milhares de anos. Se ele deixasse isso ir, tudo iria queimar.

Se ele destruisse todas aquelas almas, ele poderia mudar para aquela coisa e nunca mais voltar. E se ele machucá-la?

Ele sentou-se no jardim por horas respirando lenta e profundamente, tentando obter uma âncora sobre suas emoções.

—Meu Senhor?

Ele olhou para cima para encontrar um dos servos que ele aliciou como espião na festa de pé a poucos metros dele.

Hades ficou de pé. Tudo de uma vez, suas mãos voltaram ao normal, e ele sentiu o calor deixar seus olhos.

—Algo está errado?

—Não, meu senhor. A deusa parece cansada. Eu pensei que poderia ser hora de você ir buscá-la.

—Claro.

A festa tinha se acalmado no momento que ele voltou para o salão de baile, a maioria dos convidados já tinham ido. Os poucos que ficaram estavam bebendo gim e sentados em uma mesa jogando cartas. A banda há muito tempo parou de tocar. Perséfone em um sofá no canto mais distante da sala perto dos convidados jogando cartas dormia, o manto a cobrindo como um cobertor.

—Ela dormiu a cerca de vinte minutos. Coitada está esgotada. — disse Melos, um brilho maligno em seus olhos.

Hades não tinha dúvida de que ele ajudou a cobri-la.

—Obrigado por cuidar dela. — Ele pegou-a e levou-a até seu quarto.

Ela agitou-se brevemente quando ele a colocou na cama.

—Mestre?

—Shhhh. É hora de descansar.

Perséfone deixou escapar um pequeno suspiro em resposta, e seus olhos se fecharam. Hades despiu-se e deitou-se com ela. Ele a puxou contra ele e apenas segurou-a enquanto sua mente zumbia de preocupação sobre o futuro.



Capítulo Sete

Meses se passaram. Lentamente Perséfone começou a aceitar o seu lugar no submundo. Ela tinha pensado que a festa para apresentá-la era uma ocasião especial, mas Hades deu muitas festas mais durante quase todas as semanas. E a cada semana ela se entregou voluntariamente para os convidados da festa de seu mestre. A cada semana, ela tornou-se mais em paz com todas as suas demandas carnais. Ela tornou-se mais aberta, mais livre.

Seu corpo cantava sob seu toque e o olhar divertido de Hades. Ele jogou com ela também nas festas, mas muitas vezes esperou até depois para tê-la para si mesmo.



Ela ainda sentia falta da luz do sol e as coisas vivas - plantas e flores e todos os insetos e abelhas zumbindo que era tão fácil não dar valor. Mas ela tinha feito as pazes com a lua cheia infinita e todas as estrelas, que nunca desapareciam na madrugada.

Hades ficou perto dela a maior parte do tempo. Ela havia se convencido de que tudo ficaria bem. Ela tinha feito algo muito maior do que era em sua mente. O que o submundo fazia com ela... Estava tudo em sua cabeça. Ela tinha se adaptado. Talvez fosse apenas um período de luto do que ela não podia mais ter. Mas esta era sua vida agora, e as coisas estavam bem.

Perséfone conseguiu convencer-se de tudo isso até a manhã que ela acordou para uma cama vazia. O pequeno sol

brilhava em seu relógio. Estava marcando 10h30min. Tinha dormido até muito mais tarde do que o normal.

Ela tocou o lugar vazio onde Hades deveria estar. A cama estava fria. Há quanto tempo ele foi embora? Quando ele estaria de volta? Ela sentiu o pânico começar a apertar sua garganta. Ela tomou algumas respirações profundas, se acalmando. Ela tinha estado muito bem antes de saber que ele tinha saído. Isto estava tudo em sua cabeça.

Ela não tinha se acostumado com o submundo? Somente com Hades perto. Ela tinha vindo a aceitar o submundo como era. Todas as trevas sombrias. Nevoeiro e as estrelas e a noite o tempo todo. As coisas mortas em toda parte.

Tinha certeza de que ela sabia agora por que Hades tinha tantas orgias. Era a única maneira de se sentir vivo aqui em baixo. Perseguindo o prazer constantemente, sem pensar. Buscando mais e mais atividades mundanas. Pele oleada deslizando contra a pele. Dedos e paus e línguas explorando. A emoção e euforia de todos esses jogos ajudavam a esquecer por longos períodos de tempo que era isso. Esta era a eternidade.

Diante dela estava uma noite sem fim, sem esperança de um sol quente em seu rosto novamente. Nenhuma esperança de chuva ou pássaros cantando ou plantas florescendo como mágica, suas fragrâncias flutuando na brisa. Ela se esqueceu de dar valor a isso.



Na floricultura, do lado de fora, havia uma árvore na calçada onde um Robin[3] havia construído um ninho. Uma semana antes de Hades raptá-la, os filhotes tinham cantado incessantemente ao fundo. Ela se lembra de querer que eles se calassem, e agora ela nunca iria ouvi-los novamente. Se ela pudesse voltar atrás, ela iria apreciá-los mais.

Houve uma batida na porta, e ela se assustou.

—Quem é?— Por favor, seja Hades.

Talvez ele tivesse ido buscar seu café da manhã na cama. Ele tinha doces momentos como esse.

[3] É um pássaro-morcego migratório da família do tordo. É nomeado após o robin europeu devido ao seu peito de laranja avermelhado.

Às vezes era fácil esquecer que ela era essencialmente sua prisioneira. Rainha ou não, ele a raptou da superfície e não lhe dera muita escolha em suas acomodações.

Mas era apenas uma das criadas.

—Sinto muito incomodá-la, Vossa Graça. Meu Senhor Hades deixou muitas horas atrás a negócios. Ele pode ter ido por vários dias. Ele me instruiu a trazer-lhe este símbolo de seu afeto e suas desculpas por sua ausência.

O coração de Perséfone martelava em seu peito enquanto ela tentava não pensar em vários dias e como ela iria passar por isso. Em vez disso ela virou o foco para o grande presente, misterioso que havia sido rolado sobre rodas por dois outros criados.

O presente era alto e abobadado em cima com um cobertor preto drapeado sobre ele. O servo puxou o cobertor de cima para revelar uma grande gaiola de prata com um corvo dentro.



—Você pode deixar o pássaro sair. Ele sempre vai voltar para você. É encarregado de cuidar de você. — disse o criado. —Você deve descer para o café da manhã em breve.

—Obrigada, eu vou. — Perséfone falou.

Quando os servos sairam, ela abriu a gaiola. O corvo voou e deu algumas voltas ao redor da sala, em seguida, veio descansar no ombro de Perséfone. Ela acariciou a ave e a colocou de volta em seu poleiro na gaiola, deixando a porta aberta.

Não era o mesmo que um passarinho, mas era um pássaro, algo que poderia fingir que estava realmente vivo, mesmo que ela tivesse certeza de que era apenas a alma que se fez carne novamente pela magia do submundo.

O corvo inclinou a cabeça e a estudou por um longo tempo, como se tentando decifra-la. Em seguida, ele começou a se acomodar.

Perséfone não tinha certeza de quanto tempo ela observou o pássaro ou quanto tempo tinha passado, mas ela esqueceu o café da manhã. Ela não estava com fome. O corvo não era uma distração grande o suficiente, e sua mente

continuou voltando para o horror absoluto de que Hades iria ficar fora por dias.

Dias.

O máximo que ela tinha estado separada dele tinha sido algumas horas, e ela mal tinha se controlado. Sentia-se agora como se ela estivesse se movendo através de uma lama grossa de melaço. O ar estava pesado e muito difícil de respirar. A escuridão parecia envouve-la e engoli-la. Ela queria gritar, mas o som se recusou a sair de sua boca. Ela tentou chorar, mas as lágrimas estavam secas.

Perséfone queria sair da sua própria pele. Ela caminhou pelo quarto, mas embora parecesse que ela estava se movendo furiosamente rápido em sua mente, na realidade, ela caminhava de uma forma lenta, dolorosamente semelhante como se estivesse morrendo.

Sim, ela sentiu como se estivesse morrendo neste lugar. Vozes sinistras começaram a sussurrar em sua mente, oferecendo-lhe a morte, libertação, paz, fuga. Ela não iria durar dias. Era muito tempo. E se ela encolhesse e desaparecesse na sua ausência?



Ela tinha feito o seu melhor. Ela lutou tanto quanto podia para existir e estar aqui, mas agora o submundo se aglomerava em seus sentidos, esmagando-a. De repente, toda a vastidão do reino de Hades parecia uma pequena caixa preta da qual não havia escapatória. Se ela gritasse, ninguém iria ouvi-la ou se importar. Ninguém podia ajudá-la. Ela estava completamente sozinha. Ela sentiu como se estivesse presa no fundo de um poço seco, gritando para o vazio, e não havia ninguém na parte superior para ouvi-la.

Perséfone deixou o pássaro grasnando atrás dela na gaiola e foi tomar um banho. Ela tirou o roupão e entrou na água morna. De repente, havia uma pequena lâmina de prata descansando precariamente na borda de porcelana da banheira. Sim, o castelo sabia o que ela queria. O que ela precisava. Escapar. Este era o seu bilhete de saída. Era a brecha. Se ela não poderia passar pelo cão...

Não doeu. Nada poderia doer como o sufocamento do submundo e a ausência de Hades. Ela sorriu para a água rosa.

Cor. Finalmente, cor no submundo. Ela entrava e saia da consciência, embalada por uma sensação de paz, difusa. Ela não sabia quanto tempo se passou ou quanto tempo levaria.

De repente, ela sentiu-se violentamente retirada da água transbordando pelos lados da banheira.

—Sua graça!

Ela escorregou e deslizou no chão de mármore nas poças de água que espirraram sobre a borda. Ela bateu o joelho no lado da banheira. Um dos servos a segurou e ajudou-a a voltar para o quarto. Em seguida, vários outros estavam lá com ataduras de gaze e pomadas.

Eles envolveram seus pulsos. O sangramento parou.

Perséfone se perguntou vagamente se ela realmente poderia ter morrido. Se ela era realmente imortal como Hades disse - o que ela duvidava – ainda estaria viva. Mas se ele estivesse errado e ela fosse apenas um ser humano... Então talvez estivesse morta? De qualquer maneira, por que os servos se agitavam em pânico em torno dela? Se ela fosse realmente uma deusa, então certamente isso não era nada. Não havia necessidade de se assustar. Nada poderia ferir ou matá-la. E se ela fosse um mero ser humano, por que eles se importavam? Obviamente, Hades entendeu errado.



Nada ao seu redor parecia real. Tudo parecia um sonho confuso. Estava tão cansada. Tão incrivelmente cansada. Ela só queria dormir e dormir.

—Não. Vossa Graça. Beba. — Um servo pressionou um copo de água em seus lábios.

—Deixe-me sozinha. — disse Perséfone, empurrando o vidro para longe. Ela queria voltar para o sonho rosa pacífico, o reconfortante abraço da morte, que deve estar vindo. Ela podia sentir isso. Ela estava vindo para ela.

Mas eles não quiseram ouvi-la. Eles a empurraram e cutucaram até que ela bebeu a água, e então alguém estava lhe oferecendo um pão pegajoso quente.

—Você precisa comer alguma coisa. — disse ela.

Cheirava tão bem, canela forte e creme derretido, e por um pequeno momento, ela não sentiu o peso opressivo da escuridão. Por um momento, parecia quase como a primavera e os bolos pegajosos que Lynette trazia de uma padaria da esquina nas manhãs de primavera.

Enquanto comia, ela estava vagamente consciente da atividade acontecendo ao seu redor, o tom urgente dos servos.

—Ele tem que voltar. — disse um deles.

—Envie o corvo. — disse outro.

Houve um bater de asas quando uma nota foi anexada à perna da ave, e então ela voou para fora pela porta da sacada.

—H-Hades? Ele está voltando?— Perguntou Perséfone.

—Sim, excelência. O corvo será rápido, e eu tenho certeza que ele vai voltar correndo. — Perséfone não tinha certeza do que sentir. Tudo parecia aborrecido e irreal.

—A água está rosa. — ela disse distraidamente. —Ela não corresponde ao banheiro. Algo precisa ser feito. —Ela parecia cada vez mais como uma louca até mesmo para seus próprios ouvidos. Tudo o que podia pensar era que Hades iria ver que a água rosa era feminina e ter algum tipo de ajuste.



—Alguém já está limpando o banheiro. Tudo vai ficar bem. Apenas descanse.

Perséfone não conseguia pensar em nada, além disso, nem mesmo para decidir o que sentia por ele voltar. Ela só precisava fazê-lo parar. Era demais. E dias eram muito tempo. Ela não podia ficar dias assim. Ela mal conseguia por horas. Hades tinha que ficar, ou ela tinha que ir. Era a única coisa razoável. Certamente ele iria ver isso.

Ela se deitou contra os travesseiros e olhou para a gaze enrolada em torno de seus pulsos. Ela era como uma múmia. Uma parte múmia. Por que havia gaze em seus pulsos mesmo? Ela não conseguia se lembrar. Tudo parecia tão confuso e irreal. Tudo o que ela conseguia lembrar era que Hades estava voltando para casa e ela estava muito, muito cansada.

Hades estava no Setor Norte somente a distância de algumas horas de seu castelo. Ele não queria se encontrar com Nick novamente em um lugar onde Perséfone poderia entrar. Ela não sabia todo o drama que seu pai estava causando na superfície tentando recuperá-la, e ela não precisava saber. Iria apenas lembrar que ela era sua prisioneira.

Além de um ponto de encontro discreto, a viagem também lhe deu uma chance para uma visita diplomática a um de seus generais. Ele tentou fazer as rondas regularmente, especialmente para aqueles cujo trabalho mantinha-os demasiado ocupados para comparecer a suas festas. Stavros ainda não tinha vindo para conhecer Perséfone. O Setor do Norte era um lugar ocupado, contendo a maioria das almas dos mortos. Pessoas médias tentando levar adiante suas vidas médias, como se nada tivesse acontecido.



Hades sentou em uma longa mesa de jantar com Stavros juntamente com sua adorável consorte Estella.

Stavros tinha permitido a Hades usá-la enquanto ele estivesse lá, e ela era tão dócil e encantadora como o general havia prometido, embora ela só o fizesse sentir falta de Perséfone. Tão agradável como Estella era, ninguém era sua deusa. Ninguém mais era tão doce e tão devassa.

Ele esperava fazer sua visita curta para que ele pudesse voltar para Perséfone, mas, realisticamente, seriam alguns dias. Ele não queria ser rude.

A porta da sala de jantar se abriu, e Nick correu. Ele olhou rapidamente para Stavros e Estella, em seguida, de volta para Hades.

—Meu Senhor, se eu pudesse ter uma palavra privada. — Stavros e Estella rapidamente se desculparam. Quando eles sairam, Hades saiu no terraço de trás. Nick o seguiu.

Paredes tinham ouvidos no submundo, e se o que Nick tinha a dizer era realmente privado, Hades não quis arriscar que mais alguém escutasse.

—Meu Senhor... — Nick começou.

Hades colocau um dedo sobre os lábios.

—Shhhh. Ainda não. Me siga.

Nick silenciosamente o seguiu até que eles saíram da propriedade e pararam na boca de uma floresta de árvores mortas próxima. Aqui havia apenas algumas corujas tristes a perturbá-los.

—Ok. Aqui está bom. O que você tem para mim?

Nick tinha mantido um olho sobre a situação do inverno, tentando convencer Zeus a pará-lo e trazer o mundo de volta ao equilíbrio.

—Começou.

Hades revirou os olhos. Nick poderia ser tão enigmático. Ele tinha certeza de que ele fazia isso para deixar Hades louco.

—O que começou?— Mas no fundo ele achava que sabia.

—As mortes. Eu não tenho estado apenas na superfície; Estive verificando nos portões também. Estamos processando muitas almas, muito rápido. Zeus não recuou. O inverno na superfície tem ficado mais violento do que nunca. E agora as consequências estão começando.

Hades rosnou.



—Será que ele não se importa nem um pouco com a sua filha? Eu disse a ele o que aconteceria se ele persistisse nisso.

Hades não tinha certeza se Zeus não tinha acreditado nele ou se ele não se importava. Na época, até mesmo Hades tinha pensado que ele estava apenas blefando. Mas agora ele estava se tornando cada vez mais certo de que ele não tinha estado.

—Você deve devolvê-la a seu pai. — disse Nick. —Ele não vai parar. Ele não vai deixar você tê-la.

Hades riu.

—Deixar-me tê-la? Então, tudo isso que tenho feito com ela nos últimos meses foi tudo minha imaginação? Parece que ela tem sido minha por um tempo agora. Além disso, ela comeu as sementes de romã. Ela está ligada a este lugar. Mesmo Zeus não pode desfazer isso.

Se Hades fosse honesto consigo mesmo, ele sabia que ainda tinha algum poder para libertá-la, pelo menos temporariamente, mas essas sementes fizeram dela sua por direito. Zeus não iria ganhar novamente.

—Sim. Eu disse a ele sobre as sementes. Ele ainda exige que você a mande de volta. Não há outra escolha. Você tem que mandá-la de volta, e em breve. Não podemos levar este fluxo de almas. E isso só vai crescer.

Ele tinha estado tão envolvido com Perséfone ultimamente que ele não tinha notado o aumento. Não deveria ter sido algo deixado para Nick descobrir. Hades odiava estar fora do circuito em seu próprio reino.

—Há outra escolha.

Os olhos de Nick se arregalaram.

—Meu Senhor... Implorando seu perdão eterno, mas... Você não pode.

—Não posso? Você se atreve a dizer ao senhor dos mortos o que ele pode e não pode fazer? Você esquece o seu lugar, rapaz. Volte para Zeus. Diga a ele para acabar o inverno imediatamente, ou eu vou começar a destruir as almas. Se ele se preocupa com a segurança de sua filha comigo, ele não vai me empurrar tão longe.



Nick parecia querer discutir um pouco mais, mas ele era mais esperto do que isso. No final, ele só inclinou-se e disse: "Sim, meu Senhor."— Então ele saiu para cumprir a ordem.

Hades estava prestes a voltar para casa de Stavros quando um som ricocheteou e ecoou por entre as árvores. Ele olhou para cima para ver o corvo de Perséfone descendo e pousando em seu braço. Havia um pequeno pedaço de papel ligado à perna da ave. Algo dentro dele ficou frio, e um pavor doentio agarrou seu coração. Sua mão tremia quando ele desenrolou o papel.

Venha para casa. Perséfone não está bem. Rápido.

Ele mandou o corvo de volta e montou em seu cavalo. Ele não se preocupou em dar suas desculpas a Stavros e Estella por encurtar sua visita. Ele enviaria um mensageiro de volta para eles depois que ele chegasse a Perséfone.

Hades dirigia o cavalo mais e mais rápido através de bosques, sobre colinas e prados, através de cidades e vilas, até que, horas depois, ele chegou ao castelo. Toda a viagem sua mente tinha estado repleta de preocupação. O que eles querem dizer com ela não estar bem? Como ela poderia estar mal? Ela era imortal. Deuses não ficam doentes.

Ele deixou o cavalo com um cavalariço e subiu dois passos de cada vez. Ele atirou o casaco em um servo confuso na entrada.

—Onde ela está?

—Lá em cima, meu Senhor.

Hades subiu a grande escadaria e depois a escadaria menor ao seu piso privado e correu pelo corredor até o quarto que dividia com Perséfone.

Quando ele abriu a porta, ele a encontrou dormindo.

—O que há de errado com ela? O que aconteceu?— Perguntou ele. Uma das criadas levantou de uma cadeira onde ela deve ter estado cuidando dela.

—Nós a encontramos na banheira. A água estava cheia de sangue. Ela cortou a si mesma.

—Acidentalmente?

—Não.



Ele correu para a cama, e quando ele se aproximou, ele podia ver as ataduras brancas envolvidas em torno de seus pulsos.

—Ela está bem. Nós apenas pensamos que você deveria voltar para casa.

—Por que ela iria tentar ferir a si mesma?— O que ela achava que iria conseguir? Onde ela estava querendo ir? Mesmo que ela pudesse morrer, ela ainda estaria no submundo. Não fazia qualquer sentido. Uma raiva irracional o agarrou. Será que ela queria se livrar dele tanto assim? Ele tinha pensado que ela estava se acostumando. Ela parecia feliz com ele. Ele deve lutar contra ela e seu pai?

A vidente tinha prometido que ela era sua.

—Perséfone!— Ele agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a, mas ela não se mexeu.

—Meu Senhor, talvez você deva deixá-la descansar.

Ele virou-se para a criada.

—Saia. Eu vou lidar com isso.

—S-Sim, meu Senhor. — A criada e vários outros se desculparam e sairam do quarto.

Hades sentou ao lado dela na cama e tirou o cabelo dourado do rosto.

—Luz do sol, acorda.

Ele esperou, mas ainda assim ela dormia. Ele balançou novamente, e seus olhos se abriram.

—Mestre?

—O que aconteceu?— Perguntou ele.

Ela parecia desorientada, como se a questão fosse muito confusa.

—O que?

Ele agarrou seu pulso, talvez mais difícil do que deveria.

—Isto? O que é isso? Por que você iria tentar prejudicar a si mesmo? O que você estava tentando fazer? Você estava tentando me deixar?



A expressão dela passou rapidamente de alívio inicial a temor.

—Eu não sei.

—O que quer dizer com você não sabe? Diga-me por que você fez isso!—Ele podia sentir suas mãos tentando se transformar em garras e o brilho queimando atrás de seus olhos. Ele sentiu os dentes crescendo como um monstro. Tomou cada gota de força de vontade para se acalmar e empurrar a coisa de volta para baixo.

Então ela começou a chorar.

Hades puxou-a em seus braços e a abraçou e acariciou o seu cabelo até que ela se acalmou, mas as questões ainda o corroiam. Se ela pensou que poderia mostrar-lhe lágrimas patéticas e isso seria esquecido, ela estava redondamente enganada.

—Por quê?— Ele disse calmamente.

—Eu queria dizer a verdade, mas eu estava com medo que você pudesse usá-la para me machucar.

Quanto mais ela falava, menos sentido fazia, mas ele se forçou a ficar quieto e esperar ela lhe dizer mais.

Ela respirou fundo.

—Quando você me deixa, mesmo que por apenas algumas horas, eu sinto que eu vou morrer. Eu não posso explicar, mas este lugar... Mestre, eu não deveria estar aqui. Este lugar é apenas para coisas mortas.

—Eu não sou uma coisa morta. — disse ele, praticamente rosnando. É assim que ela o via?

—N-não. Eu não quis dizer você. Mas você é um deus.

—E você é uma deusa.

Ela balançou a cabeça.

—Eu não tenho poderes. Eu não posso resistir a este lugar. Quando você está comigo... Quando você está me tocando, está tudo bem, mas quando você está longe... Este lugar está me matando, você tem que me deixar ir.



Zeus tinha chegado a ela de alguma forma. Teria ele virado um dos servos do submundo contra Hades? Zeus deve estar lhe instruindo sobre o que dizer, para manipulá-la. Ele tinha que estar. Era tudo muito conveniente. Todos e tudo trabalhando contra ele.

—Nunca!— disse Hades. —Você pertence a mim.

Ela começou a chorar novamente, grandes soluços jorrando que ela parecia não conseguir controlar.

Ela continuou por vários minutos até que finalmente ela ganhou o controle de si mesma.

—Então, venha para a superfície comigo. — ela implorou. —Por favor. Eu não quero deixá-lo. A ideia de deixá-lo me despedaça, eu só... Eu não posso estar neste lugar. Certamente você deve entender isso. Eu tenho que ter a luz do sol e as flores e plantas e todas as coisas que pertencem à vida.

Eu não posso viver aqui rodeada por morte. Por favor. Isso está me destruindo.

Hades procurou mentira em seus olhos, mas ele não conseguia encontrar nenhuma. Ela parecia realmente querer ficar com ele. Talvez Zeus não tivesse chegado a ela depois de tudo. Mas se essas coisas estavam acontecendo realmente assim como ela disse, era ainda pior.

—Perséfone, ouça-me, eu não posso ir até lá.

—Mas você estava lá quando você me pegou. E você disse que me procurou durante séculos, então você deve ter ido muito lá. Basta deixar alguém responsável e vir comigo.

Hades balançou a cabeça.

—Não. Não é assim que funciona. Eu tinha seres procurando por você. Quando havia uma pista forte o suficiente, eu ia para a superfície para verificá-la pessoalmente. Mas só posso estar lá em cima algumas horas por um tempo, então eu tenho que voltar. Leva meses até que eu seja capaz de ir à superfície novamente.

—Então você tem que me deixar ir.

Zeus, Nick, Perséfone, todos eles cantaram o mesmo refrão. Deixe-a ir.



Isso só fez Hades se agarrar mais a teimosia. Nunca.

—Não, eu tenho que puni-la.

Ela retirou-se de seus braços e foi para trás tanto quanto o espaço da cama a deixaria ir.

—O-o quê?

—Você me ouviu. Você mentiu para mim. Você manteve esse sofrimento de mim, e então você tentou prejudicar a si mesmo. Você tem alguma ideia de quão furioso estou com você agora?

Seus olhos se abriram no primeiro medo real que ele tinha visto nela em um longo tempo. Vendo-a sentir medo o deixou doente. Mas havia também algo monstruoso dentro dele que gostou. Seria tão fácil se ele simplesmente deixasse

acontecer. Ele não precisaria se preocupar com mais nada, somente saciar suas próprias luxúrias.

—Você quer sangrar, luz do sol? Eu posso fazer isso acontecer. Se você está tão fascinada com a visão de seu próprio sangue, acredite em mim... Eu posso satisfazê-la.

—N-não. Eu... Eu só me senti tão perdida, e este lugar entra na minha cabeça. Ele sussurrou coisas. Eu... Eu só queria fazer tudo parar.

Hades pegou um de seus pulsos, e ela puxou-o de volta.

—Perséfone, não me teste agora.

Lentamente, ela levou o braço de volta para ele. Ele desembrulhou a gaze. O sangramento havia parado, mas ela ainda estava longe de estar curada. Ele tinha que conseguir seus poderes de volta. Se ela tivesse, tudo estaria bem.

Ele reembrulhou seu pulso e se levantou da cama.

—Venha comigo.

Lágrimas deslizaram por suas bochechas.

—Por favor! Mestre, eu sinto muito.



Ele não tinha certeza se ele acreditava. Seja o que for que o submundo estivesse fazendo para ela, ele a estava deixando claramente louca. Ele não podia deixá-la novamente. Se ele saisse a negócios, ele teria que levá-la junto.

—Eu não vou fazer você sangrar. — disse ele calmamente. —Mas eu vou puni-la.

Ela fugiu para a beira da cama e puxou as cobertas. Ela ainda estava nua do banho.

Levou-a do quarto e pelo corredor até a sala de jogos. Ela não parecia nem perceber sua nudez, quando ela passou os guardas.

Dentro da sala de jogos, Hades levantou um braço para o armário. Ele abriu e um par de grandes almofadas flutuou e se estabeleceram no meio do chão.

—Senta. Vamos falar primeiro.

Se possível, ela parecia querer evitar falar mais do que qualquer punição estivesse vindo em sua direção.

Hades sentou na outra almofada em frente a ela.

—Diga-me mais sobre o que acontece quando não estou por perto.

Perséfone ficou em silêncio por um longo tempo, mas, finalmente, ela começou a descrever todas as diversas formas que o submundo a fazia sentir. Alguns dos quais era físico. Um bom bocado era mental. Mas ela estava certa, como as coisas estavam agora, ela era totalmente incompatível com o submundo. Se ele fosse melhor, ele iria libertá-la.

Talvez fosse certo que ele tinha feito todo o submundo. Talvez fosse apropriado.

—Você seria mais feliz sem mim se eu lhe enviasse de volta à superfície e deixasse você sozinha. — ele disse.

—Eu não quero deixá-lo. Eu só não posso estar aqui. Desculpe-me, se eu escondi as coisas de você. Eu estava com medo.

De repente, Hades não tinha coragem para puni-la. Ele só queria confortar e tranquilizá-la, mas mesmo isso era demais. Sua mente estava muito ocupada, zumbindo com tudo o que estava acontecendo de errado.



O lado honroso dele sabia que tinha que deixá-la ir. Este lugar estava destruindo-a.

E, no entanto... Ela tinha comido as sementes. Mesmo ele não podia desfazer totalmente essa ligação mística. Será que ele poderia?

—Eu tenho que sair daqui. Eu preciso de algum ar. —Ele não poderia sentar aqui com ela olhando para ele assim. Ele sabia o quanto ela precisava dele, mas ele simplesmente... Ele tinha que sair e respirar e pensar.

—Você não pode me deixar! Você sabe o que vai acontecer.

—Eu não vou demorar. Prometo. Eu... Eu preciso pensar.

Ele ignorou seu pânico e seus gritos lamentosos e correu da sala. Ele não parou de correr até que ele estava fora no ar aberto. Ele foi para os estábulos e pegou um dos cavalos, e montou.

Ele tinha que limpar sua cabeça. Estava tudo caindo aos pedaços. Tudo. Zeus estava fodendo com ele. Ele não podia simplesmente deixá-lo ter uma coisa boa. Perséfone não podia estar aqui. E todo o tempo, as palavras da vidente, pareciam assombrar e zombar dele.

Ela está destinada a ser a sua.

Um pacote de mentiras. Como ela poderia estar destinada a ser dele quando tudo estava desmoronando? Se fosse realmente o destino, não iria tudo cair no lugar? Não seria mais fácil? Ele descobriria isso com a vidente, e dependendo da resposta ele, porra, iria torturá-la.

Ele não sabia para onde estava conduzindo o cavalo até que ele chegou lá: um dos portões onde as almas estavam sendo transformadas. Ele deveria ter ficado no topo disto. Ele deixou tudo desmoronar ao seu redor, e agora a bagunça era quase grande demais para limpar. Porra Zeus.



Nick estava certo. Era um enxame deles. Muito mais do que o habitual e demais. O submundo estava em um estado lento e constante de expansão, mas havia uma espécie de equilíbrio. Uma ordem. O eterno inverno petulante de Zeus quebrou esse equilíbrio. Ele pensou que agir assim traria Perséfone de volta? Zeus era um tolo.

E se o excesso estava ruim agora, iria ficar pior. Este era apenas o começo. Só os verdadeiramente fracos tinham caído até agora. Mas logo os fortes sucumbiriam também. Ninguém poderia suportar um inverno sem fim. Nenhum mortal, de qualquer maneira.

—Meu Senhor, Hades. — disse Oris. Ele era um soldado de menor nível que tinha o trabalho chato e tedioso de processar novas almas. —Eu não vi tantas almas chegando desde a Peste Negra. É uma loucura! O que está acontecendo lá em cima?

Pelo menos nem todo o mundo subterrâneo estava sabendo das novidades ainda. Essa era a última coisa que Hades precisava.

—Oris, escute, eu preciso que você faça algo para mim. — Ele não faria isso em público. É claro que ele queria que Zeus soubesse, e o bastardo hipócrita presunçoso iria descobrir. Mas não havia sentido causar rumores desnecessários no submundo. Ninguém precisava saber que Hades tinha perdido.

—Qualquer coisa, meu Senhor.

—Aleatoriamente escolha cem almas e as envie para mim. Vou esperá-las no castelo dentro de uma hora.

—Claro, meu Senhor.

Cem não eram suficientes, mas Hades tinha certeza que era o suficiente para fazer parar o inverno e rápido. Ele não se permitiria pensar sobre o que ele iria se tornar, o perigo que ele colocou sobre Perséfone. No fundo, ele sabia que se ele fizesse isso, ele já não se importaria com o quanto ela sofreria. Ele poderia mantê-la sem remorso. Ele poderia fazer Zeus recuar, e ele poderia ficar com ela.



Capítulo Oito

Perséfone sentou em um canto da sala de jogos, seus joelhos até o peito, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Como ele poderia simplesmente fugir e deixá-la assim? Isto era exatamente o que ela temia - que ele iria saber a verdade e ainda deixá-la sofrer.

Ela tentou tomar respirações calmantes profundas como se ela pudesse lutar e empurrar a opressão sufocante que a lotava em todos os seus sentidos. Se ela só pudesse encontrar uma maneira de sobreviver quando ele estivesse fora. Tinha que haver algum mecanismo de enfrentamento... Alguma coisa. Talvez mágica? Magia não poderia ajudá-la? Este lugar parecia cheio disso.



Ela olhou para cima de repente. A energia no castelo tinha mudado. Hades estava de volta. Ela não sabia como ela sabia, ela só sabia. Como tinha prometido, ele não tinha ido por muito tempo. Ela saiu do chão sentindo-se estúpida e melodramática e enxugou as lágrimas do rosto. Ela foi para o quarto e colocou uma das longas vestes pretas do armário. Então, ela desceu correndo as escadas para encontrá-lo.

Ela esperava se deparar com ele. Certamente ele estava em seu caminho de volta para ela. Mas seus caminhos não se cruzaram. O corredor estava limpo. Estava vazio para baixo no nível principal também. Ela parou em frente a um dos guardas que revestiam a parede maciça do hall de entrada.

—Onde está Hades?— Ela não era louca. Sentiu-o. Ela sabia que ele estava aqui. Ela sabia isso da mesma forma que ela

sabia claro como a porra do dia que nunca chegava aqui - que o sol nunca subiria para ela novamente.

—Sua Graça, ele ordenou que ninguém o perturbasse inclusive você.

Perséfone tinha certeza de que não era a pergunta que ela tinha feito. Como Hades poderia mantê-la afastada? Ela estava se enganando todo esse tempo. Tudo o que ele sentia por ela... Era posse e controle. Devia ser. Não era amor. Não era como o que ela sentia por ele. Ela não tinha certeza do que era pior, estar presa no submundo com um homem, não, um Deus que não poderia amá-la, ou ficar sem ele e forçada a enfrentar a noite sem fim sozinha.

Ela andava de um lado para outro na frente da escada. Ele estava em algum lugar no castelo. Ela poderia ir encontrá-lo sozinha. E, no entanto... Ela estava com medo de desafiá-lo ativamente e desobedecer a suas ordens. Ele poderia simplesmente deixá-la com o seu próprio inferno particular se ficasse irritado o suficiente. Ele não teria que chicoteá-la ou acorrentá-la agora que ele sabia que sua ausência era a maior dor de todas.



A entrada principal do castelo abriu com um rangido alto, e arrastou uma multidão de pessoas. Uma festa? Ele estava dando uma festa em um momento como este? Mas não, não era uma festa. Estes não eram seres do submundo. Não eram seus generais e outros altos funcionários e seus consortes. Estes eram... Estas eram pessoas comuns. Almas que tinham passado.

Fazia tanto tempo desde que Perséfone tinha visto pessoas normais que ela não tinha percebido o quanto ela sentia falta da normalidade. Deuses, demônios, vários seres inferiores não era o mesmo, mesmo se eles tivessem a aparência de pessoas normais.

As almas que entravam no castelo pareciam perdidas e confusas e com medo enquanto vagavam pelo corredor de entrada. Ela deveria cumprimentá-los? Dizer alguma coisa a eles? Mas antes que pudesse decidir o que fazer, um dos criados foi interceptá-los.

—Por aqui. — disse ele, sorrindo amplamente. —Deus Hades está ansioso para recebê-los.

A longa fila de pessoas seguiu o servo até um dos corredores principais para o salão de baile. Era uma festa? Isso não parecia bom. Algo estava errado. Ela nunca soube que Hades recebia almas humanas no castelo.

Quando a fila finalmente passou, Perséfone começou a seguir, mas o guarda que tinha falado a deteve.

—Sua Graça tenho minhas ordens.

—E o que vai acontecer comigo se eu não ouvir? Será que ele te deu permissão para me machucar ou me trancar em algum lugar?

O guarda olhou para longe.

—Não, Vossa Graça, mas você realmente não deve...

Ela ficou em linha reta e tentou parecer tão real e intimidante quanto possível, mesmo que o guarda fosse muito mais alto que ela.

—Não é você que vai me dizer o que devo ou não fazer. Eu sou sua rainha. Não se esqueça disso.

Ele ofereceu se curvou levemente.

—Minhas desculpas, Sua graça.

Ela não esperava que fosse tão fácil. Ninguém mais tentou impedi-la. Quando ela estourou através das portas do salão de baile, poucos minutos depois, ela desejou que tivessem.



Levou um momento a Perséfone para entender plenamente o que estava vendo. A multidão de almas havia sido levada para o salão de baile, e todos eles pareciam congelados. Algum tipo de magia paralizou-os, impedindo-os de tentar escapar, porque sem isso, ela tinha certeza de que iria tentar escapar. A tensão na sala era tão palpável que Perséfone mal conseguia respirar. Era muito parecido com o sentimento quando Hades a deixava.

Hades estava na frente de um deles, a mão estendida, pressionada contra o peito de um homem. Sua mão ardia laranja brilhante, e, em seguida, o homem gritou e... Foi incinerado. Houve uma breve explosão de chamas em cima dele,

mas rapidamente morreu, e um belo monte de cinzas foi deixado no chão no lugar do homem.

Perséfone engasgou, trazendo toda a atenção na sala para ela.

—O que? Por quê? Como você pôde...?— Talvez fossem almas ruins. Como assassinos em série ou estupradores. Mas ninguém no interior do salão de baile parecia ruim. E não eram as almas ruins que eram punidas? Esse trabalho não era de Melos?

—Traga-me outro. — disse ele. Sua voz estava sombria e aterrorizante. Desumana, quase como um animal. Antes ele tinha, pelo menos, feito o esforço de soar como uma pessoa, mas agora... Ele tinha desistido de qualquer pretensão.

Um dos servos arrastou outra alma até ele, era uma mulher.

Hades virou-se para Perséfone. Ele parecia assombrado, horrorizado com o que estava fazendo. Então, por que ele estava fazendo isso? Por que não podia simplesmente parar?



—V-você não tem que fazer isso. — disse ela, mesmo que ela não tivesse ideia de por que ele estava fazendo.

—Oh, mas eu tenho. E tanto quanto me dói ver isso agora, em pouco tempo eu não vou me preocupar com esse olhar de repulsa em seu rosto. —Ele se virou para um dos guardas de pé silenciosamente contra a parede. —Leve-a daqui. Coloque-a na gaiola. Eu vou lidar com ela quando eu tiver terminado.

Ela tentou correr, mas é claro que ela não foi muito longe. Seus guardas eram tão altos, com pernas longas e poderosamente musculosas. Eles poderiam facilmente alcançá-la. Bastou apenas um deles para pegá-la e levá-la para baixo para a masmorra. Ele a colocou na gaiola em que tinha estado na primeira noite e trancou a porta.

—Por favor! Por favor, não me deixe aqui em baixo!— Toda a pretensão real se foi agora.

—Sinto muito, Sua Graça. Na verdade eu sinto. Mas eu não posso desafiá-lo. —Em seguida, o guarda se virou e saiu.

Ninguém mais tinha estado aqui desde a última vez. A romã que tinha comido naquela primeira noite ainda estava no meio da gaiola onde ela tinha deixado cair, agora seca e quase irreconhecível.

Ela tentou, sem sucesso, descobrir por que Hades estava fazendo isso. Não poderia ser porque ela tinha se machucado. Ou... Era esse seu castigo? Ele tinha que saber que ela não iria colocar outras almas em perigo. Não importava o quanto o submundo a incomodasse, se ela soubesse que almas seriam incineradas... Ela nunca...

Poderia ser por isso? Oh Deus, isso poderia de alguma forma ser culpa dela? Perséfone andou para a parte de trás da gaiola e caiu no chão, com as costas pressionadas contra as barras em uma tentativa fútil de se firmar. Não, é claro que isso não era culpa dela. Ninguém o obrigava a fazer isso. Mas por quê? Ela sabia que ele não era um monstro. Hades não era mau. Ele tinha sua escuridão, mas a escuridão consistia em orgias e tentação, não no assassinato em massa.



Ela disse a si mesma que ela nunca o perdoaria. Ela evitaria seus afetos. Mas ele ainda era a única chave para ela não se sentir como se estivesse morrendo neste lugar. Como ela poderia afastá-lo quando sua presença e toque eram as únicas coisas que mantinham o seu curso? Embora isso pudesse deixar de ser verdade. Ela não podia imaginar ainda querer estar perto dele agora.

Não depois disto.

Ela não tinha sido capaz de parar de chorar desde que ela foi colocada na gaiola, então ela não ouviu a criada descer.

—Sua graça?

—Pare de me chamar assim. Eu sou sua prisioneira. Isso é tudo que eu sou e tudo que sempre serei. — Era uma piada fingir que tinha algum poder aqui.

—Isso não é verdade. — disse ela. —Eu trouxe uma coisa para comer. — Ela abriu um pouco a gaiola e empurrou uma bandeja com um sanduíche e um pouco de água. —Eu pensei que talvez um pouco disso pudesse ajudar. Nada muito pesado. Eu sei que você pode não ter muito apetite neste momento.

Isso era um eufemismo.

Perséfone pensou que ela provavelmente poderia dominar a criada e escapar. Mas para onde? Não havia nenhum lugar para ir que Hades não acabaria por encontrá-la, e ela não queria pensar sobre o que aconteceria em seguida. Ela também não queria que ele ferisse a menina.

A criada trancou a gaiola novamente e começou a voltar lá para cima.

—Por que ele esta fazendo isso?

A menina se virou, mas olhou para o chão, como se ela achasse as pedras interligadas particularmente interessantes.

—Por favor, Vossa Graça, eu não posso dizer.

—Diga-me. Será o nosso segredo.

Ela hesitou um minuto, mas depois ela voltou para a jaula e sentou-se no chão, perto de Perséfone como se ela estivesse com medo de falar alto demais. Como se Hades pudesse ouvi-la todo o caminho até aqui e vir incinerar ela também.



—Eu não sei todos os detalhes, mas eu ouvi coisas. Zeus está tentando livrá-la do submundo. Tem sido inverno na superfície de toda a terra há meses. E as pessoas estão começando a morrer. Ele quer inundar o submundo com muitas almas para forçar Hades a libertá-la. Então Meu Senhor Hades está destruindo almas para fazê-lo parar.

Era a última explicação que ela esperava.

—Então ele não se importa se eu o amo ou o odeio, enquanto eu estiver presa aqui com ele?

A criada deu de ombros.

—Eu não sei o que ele está pensando. E-ele enlouqueceu. Ele não tem sido assim há muito tempo, e n-nunca tão ruim. —A menina tocou a mão de Perséfone através das grades. — Sua Graça, ele vai... Mudar. Eu não sei se ele pode voltar para nós. Ele pode ter se perdido para sempre. Aconteça o que acontecer agora, você deve ser corajosa.

—O que você quer dizer? O que vai acontecer?—Ela odiava como estridente e aterrorizada ela estava começando a soar, mas o medo da criada estava passando para ela.

—Eu tenho que ir. Ele vai descer em breve e... Por favor, não diga a ele que eu estive aqui embaixo.

—Eu não vou. — Não era como Perséfone pudesse dizer-lhe muito de qualquer maneira. A única coisa que ela podia dizer era que uma criada tinha descido até lá para vê-la. Os criados e os guardas do castelo eram difíceis de distinguir, às vezes. E ela ainda não sabia o nome de ninguém.

Uma hora ou assim passou. Perséfone comeu a comida e bebeu a água que tinha sido trazida para ela. Não ajudou nada.

Finalmente, ela ouviu passos pesados cada vez mais perto. Ela sabia que era ele, mas nada poderia tê-la preparado para o que desceu as escadas.

Não era Hades.



Era um monstro ou um demônio, talvez de um dos reinos - os mais baixos lugares do qual Hades a protegia. Ele era enorme, e mesmo com o teto alto na masmorra, ele teve que se abaixar para não bater com a cabeça. Sua pele era preta e escamosa. Seus olhos vermelhos brilhavam. Ele tinha unhas longas afiadas que eram provavelmente melhor descrito como garras. E tinha chifres.

Ela sentiu as peças se encaixando quando a realização bateu nela. Era a estátua da festa. Ela tinha vindo à vida?

Perséfone não podia parar o grito que saiu de sua garganta quando a besta chegou mais perto.

—Qual é o problema, luz do sol? Minha verdadeira forma é demais para você? Você parecia gostar muito quando você estava transando com uma cópia de mármore na festa.

Não.

—H-Hades?

Quando ele sorriu, revelou os dentes muito afiados que poderia facilmente rasgar a carne frágil como o dela.

—O que dissemos sobre isso? Você deve me chamar de Mestre. —Sua voz não era a sua. Ele parecia mais monstro do que homem quando ele falou.

—Q-quantas almas você destruiu?

—Umas cem. E eu vou destruir mais se for preciso.

Ela cruzou os braços sobre o peito, metade raiva, metade postura defensiva. Lágrimas desafiantes deslizaram por suas bochechas.

—Eu nunca vou te perdoar por isso.

Ele riu.

—Veja, essa é a coisa, Perséfone. Eu nao me importo. Eu não preciso de sua aprovação ou o seu amor. Eu só quero você gritando muito por mim novamente.

Antes que ele pudesse abrir a gaiola e arrastá-la, houve um som de trovão nas escadas. Ambos Perséfone e Hades viraram na direção da porta para ver um homem... Não, um dos seres inferiores, correndo.



—Nick!— Disse Hades, jovialmente. —Você veio para me ver jogar com a minha pequena prisioneira triste?

Os olhos de Nick se arregalaram. Ele deu um breve olhar preocupado para Perséfone, em seguida, voltou sua atenção para Hades.

—Eu não posso acreditar que você realmente fez isso.

—Ok. Ok. Onde está o respeito? É assim que você fala comigo agora?

Nick fez uma reverência.

—Perdoe-me, meu Senhor Hades.

—Isso é melhor. Agora, o que o fez correr até aqui em baixo como se as chamas do inferno estivessem atrás de você?

—Zeus sabe.

Hades riu um som de trovão profundo que sacudiu a gaiola de Perséfone.

—Bem, é claro que ele sabe. Você não pode destruir uma centena de almas sem as palavras se espalharem.

—Eu acabei de vê-lo.

—E por que você faria isso?— Hades perguntou como se ele não estivesse realmente preocupado com a resposta.

—Ele terminou inverno e devolveu o equilíbrio. Ele quer uma trégua. Ele diz que está disposto a se encontrar com você para fazer um acordo sobre a libertação de Perséfone.

Isso só fez Hades rir mais alto.

—Oh, ele está disposto a encontrar-se comigo, não é? Que benevolente. Bem, eu não estou disposto a me encontrar com ele. Eu tenho tudo o que quero. Eu não preciso de qualquer promoção. E Perséfone não vai a lugar nenhum. Nunca.

—Mas meu Senhor...

—Diga-lhe que acabou. Ele perdeu. Eu venci. Ela é minha. E diga-lhe que não me desafie novamente. Se ele reiniciar o inverno ou fizer qualquer outra coisa para nos inundar com muitas almas, vou começar a destruí-las outra vez, e da próxima vez eu não vou parar em um mero cem. Ele sabe que quanto mais eu destruir menos razoável eu fico. E Perséfone tem que viver comigo. Ele precisa lembrar-se disso.



Nick parecia como se ele pudesse argumentar, mas ao invés disso ele suspirou.

—Sim, meu senhor. Vou dizer a ele.

—Bom. Vá agora. —Hades sorriu para Perséfone. —Eu tenho coisas para fazer.

Nick poupou-lhe um último olhar preocupado.

—Por favor, Meu Senhor... Não a machuque. Você vai se arrepender.

Hades aproximou-se de Nick, que deu vários passos para trás, perdendo sua coragem assim como tinha encontrado.

—Isso pode ser verdade se o velho eu estivesse voltando, mas ele não está. Nós dois sabíamos que não havia volta por

eliminar muitas almas. Este é o deus do submundo que vocês têm agora. Você pode agradecer a Zeus por isso. Agora vá!

—S-Sim, meu Senhor. — Nick saiu da masmorra e subiu as escadas. Seus passos em pânico rapidamente recuaram, deixando Perséfone sozinha com o monstro.

Hades andou em um círculo lento em torno da gaiola.

—Eu estou tão animado. Eu não posso decidir o que fazer com você em primeiro lugar.

Perséfone se amontoou tão longe dele quanto podia conseguir, lágrimas escorrendo pelo rosto.

—Por favor, Mestre. Você não quer fazer isso.

Ele suspirou e parou de circular a gaiola.

—Todo mundo parece pensar saber o que eu quero. O que eu quero é te foder e feri-la. O que eu quero é que você tenha medo de seu senhor e mestre. Quero que se acovarde, implore, chore e grite para mim. Eu quero ver você sofrer e sangrar. E eu quero fazer isso para sempre. Posso até me divertir lhe enviando até Melos nos reinos inferiores e deixá-lo mostrar como são os seus castigos reais.



Ela queria acreditar que havia algo do Hades que ela conhecia que ainda podia alcançar. Havia uma pequena semelhança no som de sua voz. Havia algumas características faciais que se ela olhasse com muita atenção, ela ainda poderia encontrá-lo, mas a pessoa que tinha conhecido tinha ido embora. Ela tinha sido uma idiota por pensar que ele era assustador quando ele a trouxe até aqui. Não era nada do que ele era agora.

Não havia nada para alcançar. Ela sabia disso. Suas lágrimas e súplicas e dor não iria afetá-lo como antes. Ela tinha perdido ele. Seus soluços saíram com força agora.

—Isso não vai te ajudar. Isso não me afeta. — disse ele.

Ela não iria dizer-lhe que o seu choro era pelo homem que ela perdeu. O que ela tinha amado. Ele só iria rir dela.

Sua voz era tão fria, tão morta quando ele falou. Seu rosto não se iluminava quando ele olhava para ela agora. Tudo o que

ela via em seu rosto era o triunfo de ganhar e reivindicar um prêmio. Isso era tudo o que ela era para ele.

De repente Perséfone sentiu algo como a morte fria e pegajosa na boca do estômago. O toque e proximidade de Hades era a única coisa que tinha feito o submundo suportável. E agora ela tinha que suportar este lugar e o monstro que o tinha substituído? Era demais.

Tudo o que ela queria agora era liberdade e fuga. Se o homem que amava estava perdido, e tudo o que restou foi este terrível lugar, ela só queria sair a qualquer custo. Mas a morte não iria libertá-la, e ela sabia que Hades também não.

Antes ela tinha a pequena esperança de que ele poderia encontrar dentro de si mesmo e deixá-la voltar à superfície, que ele iria entender que ela não poderia viver aqui e ter pena dela. Mesmo que ele não a amasse como ela o amava, talvez ele sentisse algo e a deixasse ir. Agora a esperança se foi porque esta criatura não iria deixá-la ir a qualquer lugar.



O peso do submundo caiu sobre ela outra vez, a morte sem fim da noite interminável. Ela sentiu como se estivesse se afogando, e era apenas o lugar em si. Ela estava tão perdida dentro de si neste temido sentimento que ela não percebeu quando a porta da gaiola abriu e Hades entrou.

Não até que ele agarrou seu braço e arrastou-a para fora que ela percebeu o que estava acontecendo.

Mas quando ele a tocou... De alguma forma contra toda a razão, ela sentiu o pequeno bálsamo de conforto. O poder do submundo para machucá-la fugiu em face de suas mãos sobre ela, porque ele permaneceu o mestre deste lugar, não importa qual aparência ele tivesse. De alguma forma, ele ainda poderia dar-lhe a paz, mesmo quando ele era a maior ameaça, mesmo quando dar-lhe a paz não era seu objetivo.

Ela não lutou quando ele a puxou para fora da gaiola. Não só era inútil, mas era melhor estar com ele em qualquer lugar do que ficar aqui sozinha com a loucura que se abatia sobre ela quando era apenas ela e o vazio gritando do submundo.

Hades ficou em silêncio enquanto a levava até as escadas para o nível principal. Houve uma mudança palpável no ar aqui em cima, algo diferente na postura dos guardas e servos. Eles tremiam na sua presença. Se eles estavam com medo dele agora, que esperança ela tinha? Eles nunca pareciam ter medo dele antes. Respeito e obediência, mas não medo.

Até mesmo o próprio castelo parecia ter medo.

Hades levou-a até a grande escadaria e, em seguida, até o seu andar. Ela sabia onde ele estava levando-a antes de chegar lá. A sala de jogos.

Uma vez que estavam dentro da sala, ele a colocou no chão.

—Devo-lhe um castigo. — disse ele.

Mas ambos sabiam que ele não iria castigá-la pelos segredos que ela tinha mantido ou por tentar se machucar. Ele não se importava com nada disso. Ele só queria machucá-la.

Perséfone olhou para seus pulsos ainda envoltos em gaze. Parecia impossível que tudo isso tivesse acontecido no espaço de um dia, que apenas esta manhã ela tinha amado o monstro que agora só precisava.

Ele agarrou um de seus pulsos e desembrulhou a gaze. Ele rosnou com a visão de sua lesão. Ainda muito fresca.



—Você é muito fácil de danificar. — Ele a empurrou e ela caiu contra o chão de pedra dura. —Não importa luz do sol, eu tenho certeza que posso encontrar formas de machucá-la que não exigem muito tempo para cicatrizar. Eu posso manter um ritmo.

Ele levantou um braço e a mesa de couro saiu do armário.

—Tire o manto. — ele praticamente rosnou quando viu que ela ainda estava vestida.

Perséfone tentou atrasá-lo, soltando os fechos de prata tão lentamente quanto conseguia, mas Hades notou, e o olhar que ele deu a ela a vez se despir mais rápido.

—Na mesa.

Ela subiu na mesa, incapaz de parar de tremer. Ela tentou tranquilizar-se que ele não iria fazer nada que demorasse a

cicatrizar. Ele não iria feri-la seriamente. Havia limites para o que ele poderia fazer. Ela sobreviveria. Ela tentou afastar os pensamentos que manteve enchendo sua cabeça lembrando-lhe que não valia a pena sobreviver. Continuar assim não valia a pena. E mesmo assim a morte não poderia libertá-la.

Não havia outro jeito.

—Mestre... Por favor.

—Quanto mais você pedir, mais animado eu fico, então você pode querer repensar essa estratégia. — Ele se aproximou dela, tão perto que ela podia sentir o calor saindo de sua pele. Em seguida, ele se inclinou e lambeu as lágrimas do rosto. — Delicioso pra caralho.— disse ele.

Ela se inclinou mais perto quando sua língua arrastou sobre sua bochecha. Ela não deveria querer que ele a tocasse. Mas ela não podia se controlar. Ele a acalmava. Ele calava os gritos de pânico quando a tocava. Tinha que ser algum tipo de magia, mas se fosse, não era conscientemente controlada por ele. Conforto era a última coisa que ele queria dar a ela. Ele não parecia capaz disso.



Então ele se afastou, e o medo rastejante estava de volta. Perséfone desejou que ele acabasse logo o que ia fazer. Ela não podia suportar essa antecipação. Ela não poderia lidar com o submundo e um monstro se empenhando em sua destruição.

—M-Mestre. Você ganhou. Você me tem para sempre agora. Eu sei que você nunca vai me liberar. Mas você realmente quer quebrar seu brinquedo favorito?

Ele riu.

—Você não é uma especialista em negociações, não é luz do sol? Talvez eu goste dos meus brinquedos quebrados. Como você saberia? Você nunca conheceu o eu real. Até agora.

Ele estava mentindo. O que quer que isso fosse, este não era o seu eu verdadeiro.. Ela fechou os olhos contra a memória dele incinerando aquela alma. Ele tinha feito isso antes de se tornar essa... Coisa.

Talvez ele sempre tenha sido pior do que ela imaginava. Ou talvez apenas desesperado.

Hades pegou as cordas de debaixo da mesa de couro e amarrou-a com seu estômago para baixo.

Quando ele pegou o chicote, ela começou a chorar. Antes, tinha sido diferente. Tinha sido alguém que estava no controle de si mesmo, que no fundo ela sabia que realmente não queria machucá-la. Ela se acostumou a ver Hades como seu protetor aqui embaixo. E agora não havia ninguém que pudesse ou iria protegê-la de Hades.



Capítulo Nove

Perséfone estava dormente. Hades tinha finalmente largado o chicote. A esperança que ela tinha tido que ele não iria machucá-la tinha sumido. Ela sentiu o sangue escorrendo pelas costas. Como ela sobreviveria a isso? Se isto foi o que ele fez no primeiro dia do novo ele. Não sobrou nada dele.

Ela não conseguia parar de chorar, e, no entanto, ao mesmo tempo, tornou-se um ruído de fundo que ela mal conseguia lembrar que ela estava fazendo. Ela encolheu-se quando ele pulou em cima da mesa com ela. Ela rangeu sob seu peso.



Ela estava com medo de implorar porque ela sabia que quanto mais ela reagisse, mais ele continuaria. Toda a consciência e sentimento o deixaram. Ele pode falar como um homem, mas ele não era um. Era tudo apenas... Vazio por dentro.

Por que Zeus não o deixou quieto? Apesar da energia sufocante do próprio submundo, ela estava se sentindo feliz com Hades. Ela sentiu-se livre. Ele tinha sido gentil com ela. Não era como se ela soubesse sobre Zeus ou sequer o conhecesse. Que pai. Ele só se importava em controlá-la. Se ele fosse algum tipo de pai de verdade, não teria escondido tanto dela.

—Mestre, você sabia que você se tranformaria nisso, se você destruisse aquelas almas?

—Sim. Tudo era muito complicado. E agora... Não é.

Talvez ela pudesse perdoá-lo se ele não soubesse o que ele iria se tornar. Mesmo com o horror de tudo isso. Ela poderia ter acreditado que tomar todas aquelas almas tinha sido um ato de desespero e insanidade temporária, não maldade pura e premeditada.

Ela vacilou quando sentiu a língua nas costas, lambendo o sangue. Tudo o que ela queria era ficar longe dele. E, ao mesmo tempo, tudo o que ela queria era se aproximar. Porque mesmo depois da dor que ele tinha acabado de lhe causar... Mesmo depois de rasgar sua pele e a fazer sangrar e sofrer, quando a tocava, ela estava em casa e tudo parecia seguro. Ela estava o mais distante que poderia ser de seguro, e ainda assim, apesar da verdade racional, tudo o que ela queria era que ele a tocasse. Se ao menos ele deixasse o chicote e colocasse as mãos sobre ela.

Um gemido saiu de sua garganta enquanto sua língua se moveu sobre sua pele.

—Mesmo depois de tudo o que fiz e vou fazer para você, você ainda me quer. — disse ele.

Não. Necessitava. Mas não podia dizer isso a ele. Ele realmente iria usar isso contra ela agora.



Desatou-a e deixou-a sozinha na sala. Vários intermináveis minutos se passaram, mas antes que o pânico bruscamente pudesse fazer seu caminho para a superfície, a porta se abriu novamente e uma das criadas entrou. Era a mesma garota que tinha trazido sua comida algumas horas antes.

—Sua Graça. — ela disse em voz baixa, olhando para o chão.

—Por favor, pare de me chamar assim. Nós duas sabemos que é mentira. Apenas me chame de Perséfone.

Ela balançou a cabeça.

—Ah, não, eu não posso chamá-la assim. Seria errado. Desrespeitoso.

Perséfone não se incomodou em discutir o assunto. Ela estava muito cansada. E no geral, a zombaria desse título era o menor dos seus problemas.

A criada carregava uma grande cesta cheia de material de primeiros socorros. Ela a colocou em cima da mesa e tirou os itens cuidadosamente um por um.

—Será que ele sabe que você está fazendo isso?

A menina manteve os olhos treinados sobre os itens da cesta.

—Ele me enviou. Ele quer você limpa e levada para ele em seu quarto.

Um nódulo duro se formou na garganta de Perséfone. Ambos sabiam o que isso significava. Ele tinha batido nela. Agora ele queria transar com ela. Mas ele não queria o sangue dela sujando seus bonitos lençóis.

Ela começou a chorar.

—Você deve ser corajosa, excelência. — disse a criada.

Perséfone não conseguia explicar a verdadeira causa de suas lágrimas. Ela não estava chorando porque ela estava aterrorizada ou horrorizada com a ideia de dormir com ele assim. Foi o fato de que ela sabia que, mesmo depois de tudo, destruindo almas, destruindo-a... Ela iria gostar. Ela não encontrou nenhuma evidência de que qualquer contato físico direto com ele iria ou poderia repelir ou aborrecê-la. Pelo contrário.



Em sua nova forma, tudo era mil vezes pior. E ainda assim ele era ao mesmo tempo tudo de ruim e tudo de bom. Ele criou todo o seu sofrimento, e, em seguida, seu toque o apagou e assim o ciclo miserável começaria novamente.

A menina espalhou uma pomada sobre as chicotadas nas costas de Perséfone.

—Nós não somos realmente muito bons em curar as coisas aqui, mas isso pode ajudá-la a curar um pouco mais rápido do que o normal.

Ela não tinha certeza se queria se curar um pouco mais rápido. Cicatrização mais rápida só significava que 'mais' viria mais cedo. Mas ela não disse nada. Hades ordenou isso. A menina iria obedecê-lo. E não havia nada que Perséfone pudesse fazer para impedi-la.

A criada trabalhou silenciosamente aplicando a pomada e, em seguida, as bandagens. Fora a picada, o chicote tinha

causado uma dor desagradável. Quanto tempo seria necessário, para curar, e ele iria poupá-la de mais dor até lá? Ou ele iria aprender a trabalhar em torno de suas fraquezas humanas com a dor que causava menos danos?

Uma parte dela ainda não acreditava que ela era uma deusa. Isso não seria uma torção fodida do destino... Ter sido a garota errada este tempo todo?

Mas se Zeus transformou o mundo em inverno para recuperá-la, ela deve ser quem eles disseram.

Mesmo que ela não soubesse, ele sabia.

Uma vez que os curativos estavam seguros, a menina abriu a cesta novamente e tirou algo justo e cintilante. Era o vestido que Hades tinha mandado ser feito para ela, para aquela primeira festa - a noite que ela percebeu pela primeira vez o quão longe ela iria por ele, na noite em que ela foi realmente despertada em uma potência carnal que nunca soube que tinha ou queria.



—Não. Não este vestido. — disse ela.

—Ele quer este. Tem que ser este aqui.

Era muito doloroso lembrar aquela noite. A memória mais clara não foram as horas infinitas de prazer, foi quando ela tinha ficado com medo e Hades a tirou de lá e cuidou dela. Ela sabia que ele nunca faria algo assim novamente.

—Por favor, Vossa Graça. Só vai ser pior para você se você lutar com ele sobre isso.

Perséfone sabia que ela não iria lutar com ele por qualquer coisa. Isso a levaria a nada, apenas sofrimento. Ela permitiu que a criada a ajudasse com o vestido sem mais reclamação. Quando a menina acabou, ela arrumou o cesto e saiu. No seu caminho para fora da porta, ela disse.

—Você deve ir para ele agora. Ele está esperando.

Perséfone parou diante da porta do quarto e respirou longa e profundamente. O guarda de pé no corredor olhou para ela com pena como se quisesse resgatá-la desse destino. Era como se cada ser neste castelo quisesse resgatá-la e ajudá-la, mas nenhum deles tinha a coragem de desafiar Hades.

E mesmo que eles tivessem, ocorreu-lhe que, se ele governava todo o submundo, ele tinha muito mais poder do que ela jamais testemunhou ou contemplou. Cada ser neste lugar sabia que lutar com ele significaria sua própria aniquilação. Ele poderia destruir qualquer um ou qualquer coisa que ele quisesse aqui. Perséfone não tinha apreciado o quanto de poder e autocontrole ele tinha, até que ele deixou ir. Ela não tinha entendido até agora quão segura e amada tinha sido verdadeiramente em seus braços.

Lágrimas silenciosamente rolavam por suas bochechas, mas ela não podia parar o soluço estrangulado alto que escapou dela.

—Eu sinto muito, Sua Graça. — disse o guarda. —Nós pensamos que ele jamais...

—Eu sei. Não é sua culpa.

E mesmo que tivessem pensado o que iriam fazer sobre isso? Eram todos atores indefesos em seu palco. Se essa cena era uma orgia hedonista ou um show de horror de tormento, de qualquer forma, tudo o que acontecia neste reino acontecia para o seu prazer.



Limpando as lágrimas do rosto com as costas da mão, empurrou a porta.

Hades estava na cama, nu e esperando por ela. De repente, aquela enorme cama parecia apenas de tamanho normal com ele sobre ela em sua forma mais escura. Ele acenou para frente, e ela foi até ele. Seus olhos brilharam com um desejo familiar, e tudo o que ela queria era fingir que alguma parte do deus que ela conhecia ainda estava em algum lugar lá embaixo do monstro. Ela queria acreditar que ele estava lutando para voltar para ela.

—Você ainda me quer, eu posso sentir isso. — disse ele.

Ela queria negar. Ela queria lutar e gritar e correr e estar horrorizada - não por causa da sua aparência, mas por causa da crueldade fria desta nova forma. Ela não queria acreditar que

ainda poderia desejar alguém tão insensível. Mas ela ainda o queria porque quando suas mãos estavam sobre ela, mesmo nessa forma, ela poderia fechar os olhos e fingir que era ele. Em vez desta cópia fraca e escura.

—Pobre perdida Perséfone. — disse ele.

Ela estava a meras polegadas dele agora, bem dentro do seu alcance. Ele passou as mãos sobre o vestido justo brilhante, admirando-a. Quando ele a tocou, mesmo agora, ela não tinha nenhuma vontade de tentar escapar dele. Tudo o que ela queria era mais.

Ele moveu a mão por baixo da fenda alta no vestido e entre as pernas. Ela ampliou sua posição para dar-lhe acesso e choramingou enquanto a acariciava. Ele poderia facilmente rasga-la com aquelas garras, mas ele estava sendo cuidadoso por agora.

—Eu sabia que você ainda estaria molhada por mim. — Ele retirou a mão.

—Mestre, por favor.

Ele riu e se posicionou de volta contra os travesseiros, movendo os cobertores fora do seu caminho. Perséfone subiu na cama e puxou o tecido do vestido para cima. Ela montou nele, grata por ele não ter intenção de transar com ela de costas, com aquelas marcas de chicote frescas ainda queimando em sua pele.



Ela engasgou quando ele a encheu. Aquela estátua na festa tinha sido fiel. Só que agora, em vez de mármore frio era carne quente que a fez zumbir de uma euforia que mal parecia possível. Ele não teve que pedir ou guiá-la. Ela fechou os olhos e começou a se mover por conta própria. Mas ele era tão grande.

Ele agarrou sua cintura e ajudou a levantar e descer no ritmo que ele queria.

—Não. — ele disse. —Olhe para mim. Eu não quero que você finja que é ele.

Perséfone abriu os olhos e encontrou seu olhar. Seus olhos brilhavam aquele vermelho aterrorizante, e parecia que ele poderia queimá-la da existência, com apenas um olhar, se

quisesse. Ele provavelmente poderia. Mas a maneira como ele olhou para ela era tão intensa como tinha sido em sua forma anterior.

Ela tocou o lado de seu rosto, à procura de qualquer parte dele que ainda poderia estar lá.

Hades agarrou seu pulso e retirou a mão. Ele rosnou.

—Não. Foda-me. Não vamos fazer amor.

E, no entanto, ele queria o contato visual. Ele não queria fodê-la por trás para que ela pudesse fingir o que quisesse. Ele alegou que ele só queria transar, mas ele não permitiria distância entre eles.

Mesmo nesta forma, como ela poderia ver como algo diferente de fazer amor - apesar das emoções que ele não parecia capaz? Não havia nenhuma torção elaborada. Eles estavam em uma cama, olhando nos olhos um do outro, movendo-se languidamente juntos em uma dança antiga que não parecia apenas foder.

Suas mãos sobre ela, seu olhar sobre ela, seu pênis dentro dela a fez querer ficar nesse momento para sempre. Ela nunca quis sair desta cama. Ela nunca quis ter que enfrentar a distância fria, ou o chicote ou suas correntes, ou a crueldade ocasional de suas palavras.



Depois de uma pequena eternidade, o prazer dentro dela começou a construir.

—Sim, se entregue ao monstro que destruiu o homem que amava. Goze para mim.

Suas palavras feriam com igual intensidade quanto o prazer e paz de suas mãos em seu corpo. Mas ela não podia parar agora. Ela se soltou e se permitiu o prazer fluir sobre ela. Se esta era sua vida agora, ela não deveria ter apenas um pouco de prazer além da dor?

—Boa menina. — ele disse quando ela deitou contra seu peito, esgotada.

Ele agarrou a bunda dela e empurrou mais e mais rápido nela até chegar ao seu próprio auge, tudo o que podia fazer era segurá-lo.

E então tudo estava acabado. Ele não a abraçou. Ele não acariciou seu cabelo. Ele só saiu dela e da cama e calmamente colocou as calças novamente.

Perséfone se encolheu na cama, chorando. Ela sentiu como se estivesse traindo-o com ele, tendo conforto em algo que não era mesmo real. Hades colocou a mão no ombro dela. Ela não queria inclinar-se para seu toque, mas ela fez incapaz de resistir a qualquer pequena paz que ele lhe ofereceu.

—Ele nunca voltará luz do sol. Aceite isso. Eu sou o único que você precisa se preocupar em agradar agora.



Capítulo Dez

Ele tinha ido há apenas alguns dias, mas para Perséfone parecia que milhares de anos se passaram. Tempo não tinha nenhum significado. O relógio que Hades tinha lhe dado era inútil. Nada mais importava. Que diferença fazia se ela sabia que horas eram em Nova York? Aquela vida tinha acabado.

Ela não sabia o que estava acontecendo na superfície, mas o frio, o inverno mortal parecia ter deixado a terra e vindo para o submundo. Tudo parecia mais frio e morto do que nunca. Não havia mais nada aqui, apenas medo.



Hades sentou-se no grande trono no salão de baile. As velas estavam acesas Tudo brilhava como se fosse uma festa. Mas não havia festa - apenas guardas assustados, criados assustados, seres assustados... E ela.

Perséfone estava nua, ajoelhada sobre uma almofada aos pés de Hades. Ele tinha anexado uma pesada corrente na sua coleira. A outra extremidade estava trancada no chão ao lado de seu trono. Hades arrastava sua garra levemente ao longo da parte de trás do seu pescoço. Ele conhecia e sabia que, se ele apertasse só um pouquinho, ele iria tirar sangue. Ele gostava de mantê-la ali na borda de sangue e dor, equilibrado entre a ansiedade e a paz.

Suas costas ainda estavam enfaixadas de seu último castigo, mas doía menos. Isso não o tinha impedido de inventar outras formas de ferir e assustá-la nos dias intercalados. Ela

tinha aprendido em um curto período de tempo que estar suspensa por cordas por horas poderia machucar tanto quanto um chicote, mas não exigia tempo de cicatrização.

Ela soube que ele poderia entrar em sua cabeça e atormentar sua mente de maneira que iam além de qualquer dor física que se poderia imaginar.

As portas de salão abriram, e Melos entrou. Seu olhar foi brevemente para Perséfone, e ele se encolheu. A única coisa pior do que o que Hades tinha se tornado era a piedade inútil de todos por ela.

—Como você ousa entrar aqui sem um convite?— Disse Hades. Sua voz era calma e educada, mas a raiva mal disfarçada borbulhava logo abaixo da superfície para que todos na sala pudessem senti-la no ar. Ele descontaria isso nela mais tarde. Ele sempre descontava os erros de todo mundo nela.

—M-meu Senhor, Hades, peço desculpas. — Melos estava tremendo.

Este terrível ser encarregado das torturas nos reinos inferiores estava tremendo. Toda vez que Perséfone testemunhava esse tipo de reação de um dos seus generais ou até mesmo um dos criados ou guardas, seu coração afundava um pouco mais porque ela estava começando a perceber que ele estava sendo indulgente com ela. Ele havia destruído dois seres no espaço de um dia por trazer-lhe notícias que ele não achou agradável. Se ele estava sendo indulgente com ela, o que aconteceria quando a novidade acabasse e ela fosse apenas mais uma coisa para machucar? Tão frio e cruel como ele estava, o jeito que ele era com Perséfone era o seu lado bom agora.



—O que você quer?— Disse Hades, suas garras clicando com impaciência sobre o descanso de braço.

—Eu imploro seu perdão, meu Senhor, mas há uma questão de certa urgência acontecendo bem próximo ao jardim do castelo.

Hades levantou uma sobrancelha.

—Oh? Quem ousaria criar um problema no terreno da minha casa? Que coisa, todos parecem ter um desejo de aniquilação agora, não é?

—Por favor, você tem que vir.

Hades suspirou, levantou-se da cadeira e seguiu o general. Alguns momentos depois que as portas do salão fecharam, elas abriram novamente, mas desta vez era Nick. Ele carregava um frasco de aparência antiga, com reverência e cuidado como se contivesse a chave para toda a vida. Quando viu Perséfone, ele correu através do salão para o lado dela.

Ele se ajoelhou ao lado dela.

—Sua Graça, não temos muito tempo antes que ele volte. Você deve beber isso.

Nick colocou o frasco em suas mãos. Estava quente como o sol. Havia gravuras estranhas no exterior. Ela não sabia o que elas queriam dizer, mas pareciam poderosas como se tivessem existido desde o início.

—O-o que é?

—Seus poderes. Zeus me entregou para dar a você. Você deve beber agora. Esta pode ser sua única chance.



Perséfone abriu a tampa e cheirou o conteúdo do frasco. Não cheirava a nada, mas o interior líquido brilhava em rosa pálido. Ela tinha certeza de que o brilho não podia ser bom. E se fosse algum tipo de truque? Ou um teste? Ela aprendeu que Nick era o espião mais confiável de Hades. E se fosse um teste para ver se ela iria fazer algo para desafiá-lo?

Mas e se não fosse? Nick parecia com muito medo de ser parte de um grande plano para destruí-la.

Apesar de seus medos, tudo o que podia pensar era que isso poderia de alguma forma ajudá-la a suportar Hades. Ela fechou os olhos e bebeu o conteúdo do frasco. Tinha gosto de chuva de primavera e de girassóis, flores de maçã e luz do sol, borboletas e lagartas se transformando. Tinha gosto de esperança, segunda chance e começos. Tinha gosto de segurança, calor e casa.

O brilho rosa atravessou-a, e ela se sentiu tão... Forte. Indestrutível. Antiga. Duradoura. Era assim que Hades e Zeus se sentiam o tempo todo? Era isso o que havia sido roubado e escondido dela?

Em seguida, a verdadeira magia começou. De repente, ela sabia. Tudo. Ela sabia como todas as coisas tinham sido desde a fundação do mundo. Ela sabia quem ela era. O que ela era. Não havia mais qualquer dúvida. Ela sabia que Zeus estava usando seus poderes roubados para despertar o mundo na primavera.

Ela se sentia viva de maneira que ela nunca antes sentiu. Mesmo a escuridão do submundo não poderia esmagá-la. A longa, tristeza inflexível a deixou, e agora ela só se sentia forte.

Ela não precisava mais que Hades a tocasse para fazê-la sentir como se não estivesse morrendo, porque agora ela se sentia mais viva do que nunca. E ela entendeu.

Ela entendia as trevas, a morte, a dor e destruição, porque fora dessas coisas os seus poderes trouxeram vida e esperança e renascimento. Fora do mais escuro, mais morto inverno a primavera sempre voltaria. E ela sentiu compaixão pelas coisas mortas e sem esperança. Mesmo por Hades. Ela pensou que o amava antes, mas agora ela podia ver e entender e senti-lo de maneira que ela não poderia ter compreendido antes.



Ela já não raciocinava, pensava e sentia como um ser humano, mas como uma deusa. Ela não processava o que tinha feito como um humano faria. Com seus sentimentos humanos ela não poderia ter sido capaz de perdoá-lo por destruir as almas. Como uma deusa parecia... Diferente, ainda errado, mas... Diferente. Ela sentiu seu desespero e dor e a necessidade de mantê-la.

Ela não só sabia quem ela era. Ela sabia quem era todo mundo, quem era Hades - a dor, a solidão e o desespero que carregava até a encontrar. A amargura e ressentimento do reino que tinha herdado. A injustiça de um ser que poderia tornar sua vida suportável sendo mantida dele. E nesse momento, ela o perdoou.

—Sua Alteza?— Nick tinha uma expressão preocupada no rosto.

Ela tinha deixado tudo para lá por um momento. Perséfone deu o frasco de volta para Nick.

—Como você se sente?— Ele perguntou preocupado que não tivesse funcionado.

Ela sorriu.

—Como uma deusa. Como a rainha.

Quando ela olhou ao longo das paredes para os guardas e criados, ela viu e sentiu a pequena mudança de seus medos... À esperança.

Havia sons no corredor. Nick se esforçou para levantar e correu para fora por uma entrada lateral. Isso foi provavelmente sábio. Hades iria destruí-lo se ele soubesse o que tinha feito.

Momentos depois, a porta se abriu, e Hades entrou no salão de baile, com os olhos vermelhos incandescentes. Ele atravessou o piso até Perséfone, a raiva crepitando e rolando fora dele, eletrificando o ar como uma carga estática. Por um momento, ela pensou que ele tivesse pego Melos e Nick em sua mentira. Mas se isso fosse verdade, ele teria enviado guardas atrás deles ou procurado ao redor do salão por Nick. Não havia nenhuma indicação que ele percebeu que seu espião tinha estado aqui na sua ausência.

Talvez ele soubesse que Perséfone tinha mudado. Podia senti-lo?



Ele tirou a corrente de sua coleira e puxou-a do chão, arrastando-a sem uma palavra para fora do salão de baile, pelo corredor, subindo as escadas, para a sala de jogos. Ele não parou até que a tinha acorrentado da maneira como queria: em pé, pernas e braços abertos, assim como Melos fez em sua festa de apresentação.

Hades se elevava sobre ela, com os braços cruzados sobre o peito enorme.

—Eu não me importo se você está curada. Eu quero te machucar.

—Mestre, eu fiz algo para desagradar você?

Ele bufou.

—Não, Perséfone. Você é tão doce e amável como sempre. Seu comportamento é perfeito e não tem nada a ver com as coisas que eu quero fazer com você.

Hades deu um passo atrás dela e arrancou suas ataduras. Ele soltou um suspiro surpreso e correu as pontas dos dedos – arrastando levemente as garras – por suas costas.

—Alguma coisa não está certa. A pomada não deveria ter funcionado tão bem ou tão rapidamente.

Perséfone permaneceu em silêncio, a respiração já saindo em folêgos assustados.

Ele foi até o armário e voltou com seu chicote favorito. O couro cortou o ar apenas um momento antes de cortá-la, desenhando gritos frescos de dentro dela. Se ela achava que ter seus poderes de volta faria isto doer menos, ela tinha estado muito errada sobre isso. Ainda era o mesmo fogo ardente nas costas.

—O que?— Ele disse confuso. —Isto não pode ser.

—O-o que não pode ser?



—Você se curando. Eu rasguei a sua pele, e está curada. Instantaneamente. —Hades andou em torno dela novamente e parou na sua frente. Ele agarrou sua garganta com força, ela temia que ele fosse quebrar seu pescoço, não que ela pudesse morrer. Mas a dor ainda era dor, e longe de silenciar tudo, receber seus poderes só tinha feito tudo mais alto, mais brilhante, mais nítido. Agora, quando ele a machucava, ela não só se sentia sua própria dor, ela sentia a dele também. Era o tipo de dor que poderia engolir o mundo.

—O que. Você. Fez?— Ele rosnou.

Foi a primeira vez que ele tinha ficado oficialmente descontente com ela desde a transformação. Por um momento, o medo do quão terrível ele poderia tornar-se a inundou. Ele largou sua garganta e deu alguns passos para trás.

—Então? Fale.

Ela não entregaria Nick. Mas Hades deveria saber. Quem mais poderia ser? De repente, ocorreu-lhe que Nick sabia o tempo todo que isso seria uma missão suicida, porque não havia como esconder seus poderes de Hades ou qualquer outra pessoa

por muito tempo. O ser inferior pode ter sacrificado sua existência por ela.

—Eu tenho meus poderes de volta. — disse ela desnecessariamente.

—Eu sei disso. Como?—Perséfone não respondeu.

—Não importa. Eu deveria ser grato. Isso só faz você mais... Durável. Há tantas coisas que eu queria fazer com você. Mas o seu tempo de cicatrização irritantemente lento ficou no caminho. Eu tenho estado tão impaciente para te machucar um pouco mais... Insatisfeito com os limites de sua fragilidade. — Ele se aproximou e sussurrou: — Ainda assim, eu amo que eu posso transar com você sabendo, que não importa o que eu faça para você, seu corpo sempre vai me querer. Quem lhe deu seus poderes de volta deve realmente odiar você.

Sua raiva foi substituída por um zumbido de excitação, como se todos os seus desejos e sonhos estivessem incrivelmente se tornando realidade. Ele voltou para o armário, jogando as coisas atrás dele em um frenesi até encontrar a caixa que ele queria. Era de madeira escura, com entalhes e se encaixou facilmente em suas mãos enormes.

Ele abriu a caixa para mostrar-lhe o conteúdo. Os olhos de Perséfone se arregalaram.



—Diga-me, luz do sol... Você gosta de facas?

Ela não queria implorar e chorar, sabendo que só iria excitá-lo, mas não pôde evitar as lágrimas que começaram a rolar por suas bochechas, o medo que ela agora sabia que ele podia sentir e praticamente gostar. Não havia necessidade em parecer corajosa. Ele sabia o que ela sentia da mesma maneira que ela sabia o que ele sentia.

—Mestre, por favor.

—Eu estava me perguntando quando você ia implorar por mim. — Ele colocou a caixa no chão e pegou uma das facas. Ele colocou o fio da lâmina suavemente contra o lado de seu rosto. —Você sabe que eu posso fazer o mesmo dano com as garras. Eu vou te dar uma escolha... De cavalheiro... Garras ou facas?

Ela sacudiu as correntes.

—Mestre, por favor, me desacorrente.

Seus olhos brilharam com uma alegria maliciosa.

—E por que eu faria isso quando eu gosto de você tão assustada e indefesa?

—V-você realmente não gosta de mim desse jeito.

Ele rondou ao redor dela, cheirando, inalando seu medo.

—Eu tenho certeza que eu faço.

—Mas você não... Antes de você mudar.

Ele rosnou.

—Isso foi antes. Isto é agora. —Ele parou de rondar e ficou parado como se estivesse perdido em pensamentos. —Você sabe o que? Vou tirá-la das correntes. Vou levá-la para o salão de baile e feri-la lá. Nós vamos deixar todo mundo assistir a destruição impotente da rainha do submundo. Gostaria disso, luz do sol?—Ela estremeceu quando ele acariciou o lado de seu rosto.



—Oh, isso mesmo. Você não precisa mais que eu te toque para lidar com o submundo. Mas eu aposto que eu ainda posso fazer você molhada para mim. Eu acho que eu deveria fazer isso lá embaixo com uma audiência. Eu sei como você ama uma audiência.

Perséfone não respondeu. Se ela parecesse muito ansiosa, ele saberia que algo estava acontecendo.

—M-me desculpe mestre.

—Muito tarde. Eu gosto do meu novo plano. —Ele desacorrentou-a.

Perséfone se aproximou dele.

—Meu pobre, perdido Hades. — ela disse com tristeza.

Ele rosnou.

—Não se atreva a ter pena de mim. Eu vou fazer você se arrepender disso! — ele rosnou.

—Não, você não vai. As regras do jogo mudaram.

Você tinha que amá-los, ou a centelha da vida não voltaria.

Perséfone estendeu a mão e tocou o lado de seu rosto. Ela derramou cada gota de compaixão, amor e poder que ela tinha nele. Ela estava certa de que, mesmo se ela ainda pensasse e sentisse como um ser humano, ela o amaria se fosse o preço necessário para trazê-lo de volta, porque isso não era sobre o que ela precisava. Era como ela sempre trazia coisas de volta, e agora ela sabia o porquê. Mesmo sem seus poderes no reino humano, alguma pequena parte de magia deveria ter permanecido com ela, a menor essência de quem ela era.

Hades agarrou seu pulso e puxou sua mão para longe de seu rosto.

—O que você pensa que está fazendo, luz do sol?

—Te trazendo de volta à vida.

Era tarde demais para ele impedi-la. Isso já estava feito. Uma luz enorme encheu a sala, tornando-a tão quente e brilhante, que mesmo ela não tinha certeza se poderia suportar isso. Depois de vários minutos, tanto o calor como a luz desbotou. Hades estava nu e tremendo no centro da sala, sua bela forma humana de volta.

Ele chorava copiosamente.

Perséfone foi até ele e ajoelhou-se ao lado dele, puxando-o em seus braços, acariciando seus cabelos.



—Tudo vai ficar bem agora, mestre.

Ele se encolheu quando ela o chamou assim, como se fosse algum tipo de punição estranha que ela tinha planejado para atormentá-lo.

—Você confiou em mim e...

—Não era você. — disse ela.

—Como o inferno não era eu. Fui eu. Foi apenas um eu que não teria que se importar o quanto te machucasse ou quantas almas eu destruí. Eu poderia ter o que quisesse, sem quaisquer consequências. As coisas que eu disse a você... As coisas que eu fiz para você... — soluços quebrados pontuavam todas as poucas palavras quando ele tentou falar por eles. —Eu sei que você não pode me perdoar.

Perséfone ainda o segurava, com medo, que se ela deixasse, ele poderia desintegrar-se. Ele parecia tão estranhamente quebrável. Era tão estranho ser o mais forte. Ela não gostava nada disso.

—Shhhh não fale loucuras. Eu já perdoei. Estou feliz que você voltou para mim.

Embora ela pudesse suportar a energia escura do submundo agora sem dor, ela ainda perdeu a luz do sol em sua pele e as coisas que cresciam. Embora ela fosse uma deusa, ela perdeu a humanidade simples onde ela viveu. Que a vida era uma mentira... Assim como todas as outras mentiras que ela viveu há milhares de anos, quando seu pai havia mexido com suas memórias para mantê-la oculta. Mas isso não importa mais.

Não era só que ela sentia falta do mundo humano. A questão era maior agora. E agora era provavelmente a única chance que ela tinha de fazer Hades ouvir a razão.

—Mestre, você tem que me deixar ir para a superfície. — disse ela suavemente. Ele ficou tenso em seu abraço. Mesmo sentindo tanto remorso, ele ainda não poderia deixá-la ir sem uma luta. —Eu tenho meus poderes de volta. Isso vem com responsabilidades. A terra vai morrer se eu nunca for lá novamente.



Ele ficou em silêncio por alguns minutos, em seguida, deixou escapar um longo suspiro derrotado.

—Vou marcar uma reunião com Zeus.

Ela se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

—Eu sempre vou te pertencer. Eu não quero que o que tínhamos antes de você ir embora mude. Eu gosto de quem eu me tornei com você. Eu simplesmente não posso ficar no submundo o tempo todo.

—Eu sei. Eu acho que sempre soube.

Capítulo Onze

Hades sentou ao lado de Perséfone em uma mesa de vidro em uma longa sala de conferências branca. As paredes eram simples sem nada gravado ou pendurado sobre elas. Ao redor da mesa estavam doze confortáveis cadeiras giratórias de couro preto de espaldar alto. Hades sentou-se à cabeceira da mesa com Perséfone em uma cadeira ao lado dele.

—Que lugar você disse que era este mesmo?— Perguntou ela.

—É apenas um ponto de encontro dentro da zona neutra. — disse Hades olhando para a porta na outra extremidade.



—Zona neutra?

Ele finalmente se virou para olhar para ela.

—Sim, é um lugar que é seguro para os seres do submundo e seres do mundo superior. Alguns de nós podem andar entre os mundos, mas nem todos. É a única maneira de Zeus e eu estarmos no mesmo lugar por tempo suficiente para ter uma conversa real. Eu acho que muitos dos mortais agora chamam de algo como o purgatório.

Tudo o que ela disse foi:

—Oh.

Hades não era um idiota. Ele sabia que Zeus tinha lhe enganado enviando os poderes de Perséfone de volta para ela. Foi o às que ele teve na manga o tempo todo, e Hades não tinha visto isso chegando. Ele estava muito perdido dentro da

liberdade de não se preocupar com nada, muito perdido dentro do monstro.

Se ele a mantivesse no submundo, e o mundo morresse... Eram muitas almas no processo, e ele tinha jurado a Perséfone que nunca destruiria tantas almas assim novamente. Depois que ela lhe restaurou, ele passou horas chorando nos seus braços como um grande bebê. Se seus generais tivessem visto. Se Zeus tivesse visto. Deitado lá, quebrado no chão. Não foi o seu melhor momento.

Ele ainda não podia acreditar que ela o tinha perdoado. Destruir aquelas almas foi ruim o suficiente, mas as coisas mais pessoais... Isso era algo dentro dele que ele nunca quis que ela soubesse. Sempre existiu o desejo escuro. Até onde ele teria levado as coisas se ela não tivesse conseguido seus poderes de volta tão rapidamente?

—Este lugar é mais perturbador que o submundo. — disse ela. —Eu sinto como se Betty da contabilidade fosse entrar com uma xícara de café velho em um copo de papel para uma conversa banal sobre requerimentos sem fim saltando dela. — Ela colocou a mão sobre Hades.



Ele riu. Ela sempre tinha um jeito de tirá-lo dos lugares ruins. Ela pode tê-lo perdoado, mas ele não tinha certeza se poderia perdoar a si mesmo. Foi por isso que ele tinha que fazer isso por ela. Não era sobre sua rivalidade com Zeus ou sobre como ele tinha sido enganado. Era sobre o que ele devia a ela por salvá-lo em um milhão de pequenas maneiras, por ser mais do que jamais poderia ter esperado. Muito mais do que ele merecia.

Encaixado no teto estava uma fileira de luminárias fluorescentes irritantes. Uma delas estava piscando. Tinha um zumbido parecendo que um inseto os rodeava. Perséfone estava certa. Este lugar era mais preocupante que o submundo.

—O que vai acontecer?— Ela perguntou.

Ele podia sentir a energia nervosa passando por ela, espelhando o zumbido da luz piscando.

—Nós só vamos conversar.

Depois de vários minutos, a porta se abriu e Zeus entrou. Ele sempre pareceu jovem e velho ao mesmo tempo. Ele usava

uma camiseta branca solta, e longos calções que tinha coloridas flores sobre eles.

Ele era grande com os olhos verdes brilhantes que pareciam ainda mais brilhante ao lado do brilho do sol. Ele tinha cabelos brancos e uma barba branca, mas apesar do cabelo ele parecia ter cerca de trinta. Ele cheirava a óleo bronzeador, o cheiro flutuava suavemente por toda a sala de conferência.

Zeus olhou tristemente para Perséfone e balançou a cabeça.

—Minha doce filha querida, o que esse monstro fez com você?

Perséfone deslocou sua cadeira mais perto de Hades.

—Pelo menos ele não escondeu meus poderes e identidade de mim. Pelo menos ele me deixou encontrar meu verdadeiro eu, em vez de mentiras sem fim.

Hades sentiu o sorriso subir pelo lado de seu rosto. Esta reunião pode não ser tão terrível, afinal. Ele desejou que ele pudesse engarrafar a ira de Zeus. O outro deus parecia que poderia se transformar em uma bola de fogo e explodir ali mesmo, deixando uma marca de queimadura no tapete cinza claro da amigável sala de reuniões.



—Você está atrasado. — comentou Hades.

—Eu estava nas Bermudas aproveitando o sol. — Ele tinha, sem dúvida, ido direto para a praia no momento em que estabeleceu o equilibrio da terra. Zeus odiava inverno tanto quanto todos os outros fizeram.

—Deve ser legal. Eu continuo ouvindo sobre isso que você chama de sol, mas ele nunca aparece quando estou na superfície.

— Sinto muito por isso. — disse Zeus, sentado na cadeira do lado oposto da mesa.

Hades fez uma careta.

—Não, você não sente. E ainda assim, de alguma forma eu consegui a única luz solar que importa. —Ele arrastou as pontas dos dedos ao longo do braço de Perséfone.

—Basta!— Perséfone gritou, afastando-se dele. Ela se levantou e cruzou os braços sobre o peito. —Eu não sou mais nenhum osso para vocês lutarem como cães! Parem de discutir como se eu não estivesse na mesma sala.

Zeus parecia surpreso por sua explosão, mas ela não pareceu se importar.

—Eu não sou a mesma criança mimada e protegida que se escondeu em todo o planeta e manteve ingênua. Eu sou uma mulher adulta e uma deusa com meu próprio consorte. Eu sou a rainha do submundo, porra!

Hades riu. Zeus se encolheu - provavelmente mais pela parte do consorte. Mas Perséfone não tinha terminado.

—Eu não sou um objeto que vocês dois podem negociar. Nenhum de vocês se importa com que diabos eu quero?

—Nós sabemos o que você quer. — disse Zeus. —Você quer ser livre dele.



Hades olhou para a mesa, a alegria de apenas alguns segundos atrás, desapareceu. Ele podia sentir seus olhos nele. Ele não conseguia olhar para ela, porque no fundo ele sabia que deveria ser verdade. Ele tomou-a de sua vida e condenou-a a ser sua para sempre. É claro que ela queria se livrar dele.

—Não. Eu só quero ir para casa. Eu tenho trabalho a fazer.

—Para o Olimpo?— Perguntou Zeus, levantando uma sobrancelha branca.

—NÃO!— Ela praticamente rosnou quando ela disse isso. Hades olhou para cima a tempo de ver seus olhos azuis brilhando. —Minha casa! Em Nova Iorque. Eu quero voltar para o meu apartamento sobre o restaurante chinês e minhas plantas. Eu quero voltar para o meu trabalho. Eu quero meus amigos de volta. Eu quero o sol, chuva e vento. Eu quero estar entre os vivos. — Hades estremeceu.

—Então você quer se livrar dele. — disse Zeus.

Ela afundou em sua cadeira.

—Não foi isso que eu disse. Eu juro, nenhum dos dois escuta.

—Hades, você não acha que é hora de deixá-la ir?

—Ela não pode ir. Ela comeu as sementes. — disse Hades. Zeus pensou que ele fosse o único com um as na manga. Hades tinha que o manter se lembrando de que essas sementes de romã sempre a amarrariam a ele, de uma forma ou de outra. Ela nunca poderia ser completamente livre do submundo.

—Quantas?— Zeus pressionado.

Hades continuou a olhar para a tabela como se ele pudesse queimar um furo através dele por pura força de vontade.

—Seis. — disse ele finalmente.

—Ah, bem, isso é fácil, então. Você sabe a solução. Você sempre soube disso. Você não pode estar na superfície por muito tempo, mas ela pode. É um compromisso que todos nós podemos tentar viver.

Hades olhou para Zeus.

—E o que faz você pensar que eu vou deixá-la ir? Talvez você possa extrair seus poderes novamente e então... —Ele estava sendo louco, e todos na mesa sabiam. Mas Zeus tinha visto mais do que deveria.

—Porque você a ama. — disse o outro deus.

Houve um longo, momento em silêncio.

Hades suspirou.

—Eu amo.

—Então está resolvido. Vou alterar as memórias dos mortais assim as coisas serão como eram, e Perséfone passa metade do ano na superfície... — ele fez uma cara de nojo. — E metade do ano com você.

A mão de Perséfone caiu sobre a mesa.

—Ei. Ainda estou aqui, rapazes.

Zeus virou para ela.

—Sinto muito, Perséfone. Este plano é agradável para você?—Ele realmente não parecia tão arrependido.

—Sim. — ela disse calmamente. —Eu só gostaria de ser consultada.

Zeus rolou a cadeira para debaixo da mesa, levantou-se e espreguiçou-se.

—De acordo, Hades?

Hades suspirou.

—De acordo.

—Perséfone?

—Sim. — disse ela.

—Bom então. Bem, esta foi uma das nossas reuniões mais produtivas, eu acho. —Zeus cruzou a extremidade da mesa pegou a mão de Perséfone e beijou as costas dela. —Foi um prazer conhecê-la mais formalmente, minha querida. Espero que nós nos falemos novamente em breve.

Antes que ela ou Hades pudessem responder ele tinha se virado e os deixando sozinhos na sala.

Perséfone suspirou.

—Eu ainda não entendo por que você não pode viver na superfície comigo. Porque eu posso estar no submundo, mas você não pode estar na superfície? É tão estúpido.



A única maneira de ela entender completamente estava em uma demonstração.

—Feche os olhos e estenda seus poderes para a sala. — disse Hades.

Perséfone fechou os olhos. Depois de alguns momentos, ela brilhava com uma luz rosa pálida luminosa. As plantas começaram a brotar em todos os lugares. Árvores cresceram do centro da mesa. Brotando, florescendo, dando frutos.

—Agora, abra seus olhos. — disse ele.

Ela abriu os olhos, um olhar de espanto no rosto dela quando ela viu o espetáculo diante dela. Ela caminhou ao redor da sala, e tudo veio à vida ainda mais em sua presença. Tudo tocava e cantarolava.

—Estão todos falando comigo. — disse ela. —Eu sinto todos ligados entre si dentro de mim.

Roseiras brotaram nos cantos, desabrochando em flores rosa, vermelhas e amarelas.

Hades se levantou da cadeira e caminhou pelo perímetro da sala. Quando ele passava, tudo murchava e morria. Maçãs caiam das árvores, escurecendo e apodrecendo em segundos. As rosas perderam todas as suas pétalas murchando sobre si mesmas e secando dentro de momentos antes de ruir em um pó fino. Então não havia mais nada, somente enegrecidas vinhas retorcidas e espinhos. Tudo parou de zumbir e toda a sala ficou quieta e silenciosa.

Hades se aproximou de Perséfone e tomou-a nos braços.

—É por isso que não podemos estar juntos na superfície. Não é apenas que eu fisicamente não possa ficar. Mesmo se eu pudesse isso seria o que aconteceria com o mundo. E você seria tão infeliz. Morte vai aonde quer que eu vá. E a vida vai aonde você vai. Exceto no submundo porque eu governo. Esta é a única maneira de manter o equilíbrio.

Hades tirou uma mecha de cabelo loiro de seu rosto.

—Vou levá-la de volta para casa quando estiver pronta.



Perséfone ficou com Hades na chuva do lado de fora da loja de flores. Inclinou-se para beijá-lo, e ela sentiu algo como pânico brotando em seu peito. De repente, ela odiava esse plano. Ela queria estar no submundo com ele.

Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço, tentando prolongar seu beijo, tentando lembrar o cheiro dele, a maneira como ele provou, a suavidade de seus lábios nos dela. Finalmente, ele se afastou.

Era assim que tinha que ser. Ela viveria metade do tempo no mundo que ela amava e metade do tempo com o homem que amava. Eventualmente, mesmo com seus poderes, o submundo pesaria sobre ela, mas alguns meses por ano era uma solução viável. Mas por que deixá-lo agora tinha que ser tão difícil?

—Você deveria ir. Eu estarei de volta para você em seis meses. Aproveite o sol e suas flores. — ele falou.

Ela podia ver em seus olhos que ele odiava esse plano, tanto quanto ela. Como eles poderiam ser tão certos e tão errados para o outro, ao mesmo tempo?

—Sim. Sol. — ela disse, olhando para o céu escuro. Ela estava ficando encharcada de pé aqui fora na chuva.

—Você tem que ter um pouco de chuva ou nada cresce você sabe. Haverá uma abundância de sol. O céu não pode ajudar a si mesmo com você. —Ele escovou os fios molhados de cabelo do rosto.

—Continue.

—Você tem certeza que eles não vão se lembrar de eu ter desaparecido?

—Zeus tomou conta disso. Até onde Lynette lembra você não desapareceu.

—E o homem que eu achava que era meu pai?

—O mesmo. Tudo é como deveria ser. Vá.

Ela começou a chorar. No começo, ela pensou que ela podia esconder isso dele com toda a chuva, mas ele sabia.

—Perséfone. Não faça isso mais difícil. Você não pode viver por toda a eternidade no escuro. Não está certo.

Mas ela só chorou mais.

Hades balançou a cabeça.

—Minha pobre, deusa doce.

Ela olhou para ele e riu.

—Não tão doce mais.

—Sim. Essa é a minha influência. —Ele limpou as lágrimas do rosto. —Vá. Faça suas flores crescer. Sinta a luz do sol. Coma um pouco dessa incrível salsicha italiana por mim. Leia livros. Nade no oceano. Eu estarei de volta para você em breve. Eu sempre vou voltar para você, você sabe disso.

De alguma forma, no submundo, ela tinha se acostumado a ser sua, mas desde que recebeu seus poderes e encontrou Zeus, ela sentia como se tudo estivesse caindo aos pedaços e levado para longe dela. Ela não queria perder esse sentimento de paz e segurança. Ele tinha despertado coisas dentro dela que ela queria manter. A única coisa que restava para dar alguma realidade disso era o colar de prata. Certamente significava algo que ele ainda estivesse trancado em torno de sua garganta.

—Eu ainda sou sua?

—Sempre, luz do sol. E quando você voltar, eu vou criar todos os tipos de punições desviantes para fazer você pagar.

Ela riu.

—Promete?

—Ah sim.

—E haverá festas?

—Você vai implorar para eles pararem. — prometeu. —Agora pare de ganhar tempo.

Hades deu um beijo em sua testa, e então ele se virou e saiu. Seu longo casaco atrás dele na chuva enquanto atravessava a rua. Relutante Perséfone virou e entrou na loja de flores. As flores se animaram quando ela passou, botões se abriram, flores se encheram, uma explosão extra de fragrância enchendo a sala. Esperava que Lynette não percebesse, mas sua chefe tinha estado envolvida em um show diferente.

—Então. Eu não sabia que você tinha um namorado. — disse Lynette. —Você estava indo me dizer sobre o Sr. Alto, moreno e delicioso?

—Você nunca acreditaria na história. — E se ela fizesse, ela provavelmente iria tentar conseguir uma ordem de restrição para Perséfone.

Perséfone observava pela janela enquanto Hades entrava em outro carro preto, que não era o seu carro e saia para pela chuva. Ela assistiu até o sedan desaparecer na esquina com a outra rua. Ela queria ir atrás dele, mas ele estava certo, ela não podia viver para sempre no escuro, e ela tinha suas próprias responsabilidades na superfície.

Ela tinha que encontrar uma maneira de não perder muito dele. E quando ele voltasse para ela, ela teria que encontrar uma maneira de lembrar que ela teria luz novamente.

Assim que ele estava fora de vista, a chuva parou. As nuvens pareciam derreter em um céu azul brilhante, e o sol saiu luminoso e quente.

Lynette deu um passo atrás dela.

—Bem, você iria acreditar nisso? Parece que vai ser um dia de primavera ensolarado e bonito depois de tudo.

Imagine só.



No final daquela tarde, enquanto Lynette estava correndo recados, uma entrega veio. Um cesto de frutas cheio de romãs em frente à porta da loja. Perséfone saiu da loja e olhou ao redor, mas não viu nenhum caminhão de entrega. Um som chamou sua atenção para uma árvore próxima onde um corvo negro olhou para ela e inclinou a cabeça para o lado.

Ela levou a cesta para a loja e abriu o cartão.

Algo para se lembrar de mim. Não se preocupe, elas vieram do seu mundo, não do meu.

Ela fechou os olhos por um momento para impedir as lágrimas de rolar. Ela estaria de volta, e tudo ficaria bem.

Ela abriu a porta e olhou para o corvo.

—Bem? Você vai entrar?

Ele grasnou novamente e voou para dentro para pousar na mesa ao lado da cesta. Perséfone pegou uma faca e cortou uma das romãs. Quando ela cortou, o suco escorreu manchando a mesa. Ela pensou que nunca mais iria querer ver ou provar outra semente de romã novamente, mas com Hades longe, isso a fazia senti-lo perto.

Ela comeu uma das sementes doce, suculenta. Os sabores explodiram em sua língua como ela se lembrava. Quando nada de trágico aconteceu, ela comeu vários outros.

FIM



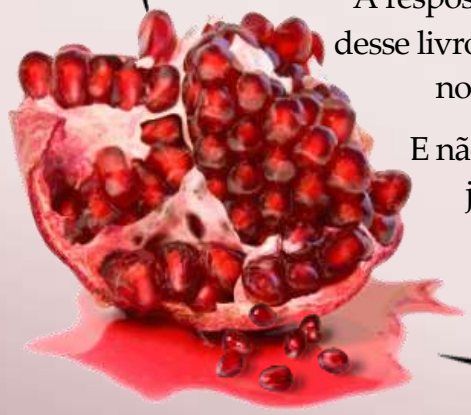
KITTY THOMAS

Persephone

Então PoisonCats,
gostaram da leitura?

Como devem ter percebido, MerlinTrêsCabeças se descontrolou um pouco, e espalhou sementes de romã pelo livro.

QUANTAS SEMENTES ELE PERDEU ENTRE AS PAGINAS?



A resposta deve ser comentada no post de lançamento desse livro lá no Poison, e a primeira a acertar ganhará nosso próximo lançamento antecipado!

E não se esqueçam de marcar o Merlin Cat junto com a resposta para validar o comentário.
Boa sorte!



KITTY THOMAS
Persephone

Nota da Autora

Para ouvir sobre novos lançamentos em primeira mão, e para uma lista completa dos meus livros, visite: kittythomas.com

Os leitores que gostam do meu trabalho muitas vezes perguntam o que podem fazer para ajudar. Enquanto eu não acredito que os meus leitores devam-me qualquer coisa, para aqueles que querem saber o que podem fazer, a melhor coisa que você pode sempre fazer por mim e meu trabalho é contar a seus amigos sobre isso e deixar um comentário no site onde você comprou. Apenas uma ou duas linhas sobre o que você achou. Não tem que ser algo extravagante. Mas essas duas coisas: comentários e palavra de boca me ajudam e ao meu trabalho a maioria absoluta para que eu possa continuar escrevendo livros para você.

Muito obrigado por ler e apoiar o meu trabalho! Kitty ^.^



Agradecimentos

Obrigado às seguintes pessoas por sua ajuda com Perséfone:

Robin Ludwig @ gobookcoverdesign.com para a arte da capa linda e para os marcadores dos badass!

Obrigado a Michelle e Karen para o trabalho beta!

Obrigado a Cathy para copyedits. Eu sou terrível em vírgulas.

E obrigado para formatação digital! Eu amo vocês!!

